



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

O programa como ponto de partida
Trampolim: o concurso como projeto académico

Inês Matias Montês

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Arquiteto Filipe André Touças Magalhães, Professor Auxiliar Convidado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Elói da Silva Gonçalves, Professor Auxiliar Convidado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

setembro, 2024



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

O programa como ponto de partida
Trampolim: o concurso como projeto académico

Inês Matias Montês

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Arquiteto Filipe André Touças Magalhães, Professor Auxiliar Convidado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Elói da Silva Gonçalves, Professor Auxiliar Convidado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

setembro, 2024

O programa como ponto de partida
Trampolim: o concurso como projeto
académico

inês matias montês
mestrado integrado em arquitectura
iscte – instituto universitário de lisboa

orientadores:
filipe magalhães
elói gonçalves

à minha família, que me apoiou incondicionalmente neste longo percurso e que sempre acreditou em mim,

aos amigos, por todos os momentos vividos e as memórias que levo comigo, um viva aos ++ e cof studio,

aos professores, pedro botelho, José Neves, Filipe Magalhães, Elói Gonçalves e António Mesquita, por terem moldado o meu percurso e pelo voto de confiança nas minhas capacidades,

a todos os que me acompanharam neste caminho,

obrigada.

agradecimentos

"Saltar da academia para a realidade profissional."

Do mote surge o 'trampolim' que pode ser traduzido por sete concursos públicos, onde o enunciado académico dá lugar ao programa público. Em resposta ao exercício, um catálogo ganha forma e na sua composição encontram-se as propostas elaboradas para cada problema. Ao catálogo ilustrativo junta-se o diário de bordo, onde breves textos exprimem o processo por detrás de cada concurso. A primeira parte deste estudo surge como uma 'black box' compilando os momentos mais relevantes de uma jornada de dez meses.

O ensaio que se segue, utiliza os concursos públicos como pretexto para explorar os agentes por de trás do processo de criação e experimentação arquitetónica, através de uma estrutura tripartida entre: o 'eu', o 'outro' e o 'problema', com o intuito de expor o que torna possível que para o mesmo conjunto de condicionantes existam variadíssimas respostas. Pretende-se assim, tornar consciente e claro o conjunto de fatores por de trás do processo que fazem com que o seu resultado seja sempre único.

Da reflexão, a premissa levantada numa primeira parte, dá lugar à hipótese de que o problema seja apenas um pretexto para a aquilo que queremos explorar enquanto autores, existindo para este um mar de possibilidades, no qual o eu assume o leme.

palavras-chave

eu, outro, problema, intenção, autor, arquitetura

"Jumping from academia to professional reality."

From the motto comes the 'springboard' that can be translated into seven public competitions, where the academic statement gives way to the public program. In response to the exercise, a catalog takes shape, in its composition are the proposals prepared for each problem. The illustrative catalog is joined by the logbook, where brief texts express the process behind each competition. The first part of this study appears as a 'black box' compiling the most relevant moments of a ten-month journey.

The essay that follows uses public competitions as a pretext to explore the agents behind the process of architectural creation and experimentation, through a tripartite structure between the 'self', the 'other' and the 'problem', with the purpose of exposing what makes it possible for the same set of conditions to have very different responses. The aim is, therefore, to make aware and clear the set of factors behind the process that make its result always unique.

From the reflection, the premise raised in the first part gives rise to the hypothesis that the problem is just a pretext for what we want to explore as authors, with a sea of possibilities existing for it, in which the self takes the helm.

key-words

self, other, problem, intention, author, architecture

resumo/abstract	i
exercício/enunciado	iii
concurso 001	01
concurso 002	08
concurso 003	15
concurso 004	22
concurso 005	31
concurso 006	40
concurso 007	49
the last jump	58
o programa como ponto de partida	64
quem sou eu?	
e o outro?	
mundo referencial	
o problema é?	
o cliente	
o programa	
o contexto	
ação-reação	
a intenção	
o conceito	
a ideia	
a resposta é?	
ad astra per aspera	85
considerações finais	87
referências bibliográficas	89
créditos de imagens	90

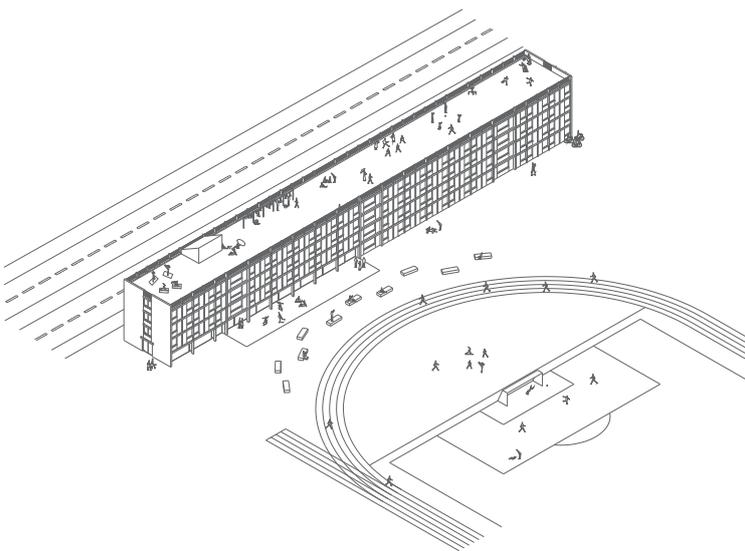
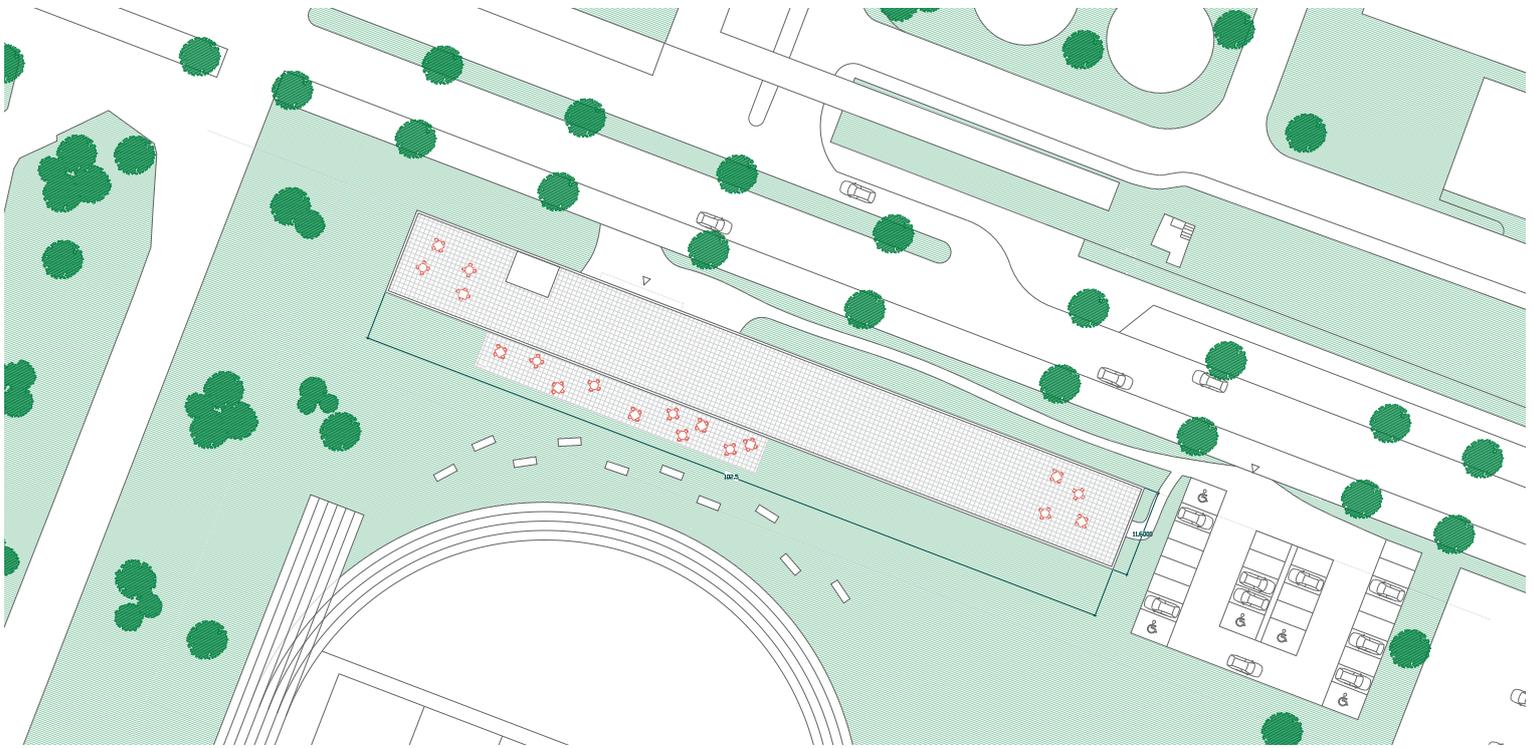
O concurso será, histórica e teoricamente, a forma democrática de acesso à encomenda pública. Confrontado com um problema balizado, e partindo de uma premissa de igualdade de circunstâncias, qualquer autor pode oferecer uma resposta passível de, depois de um processo de análise e escolha, edificar ou, no mínimo, contribuir para uma discussão concreta.

O concurso não é uma entidade estática. Modelos consumados e de resultados firmados, como o Suíço, por oposição aos de carácter (aparentemente) experimental, como o Belga, provam a vitalidade do concurso como forma de produção crítica e disciplinar, bem como de impacto cultural, que carece de revisão e reflexão constantes. O caso português coloca-se em aparente oposição a essa consciência, congelado e protegido pela realidade vigente da contratação pública.

O exercício proposto para a turma de PFA foi simples na sua formulação: uma simulação ficcionada de uma realidade distante, mas ao mesmo tempo próxima, propondo aos alunos a participação imediata em concursos públicos. Antes do tempo, talvez, mas com a intenção de, por outro lado, expor tão cedo quanto possível os alunos a uma realidade tangível que poderão encontrar na prática, numa espécie de salto de possibilidades e expectativas. Não seria expectável nem o objetivo que concorressem para vencer, pois qualquer prémio resultaria numa desclassificação, mas sim que entendessem este exercício académico como um simulacro da realidade que os espera: em condições laboratoriais tão próximas quanto possível da prática real. Um trampolim.

Ao longo do ano letivo, foram apresentadas propostas para sete concursos de diferentes escalas e programas, em diferentes cidades e contextos. Em cada concurso, equipas mescladas com diferentes expectativas, com uma melhoria progressiva inequívoca das capacidades críticas e de produção de todos os alunos evidentes nas propostas apresentadas. Todos os factos foram estudados: enunciados, programas preliminares, modelos de entrega, relatórios e avaliações de júri, comparações entre concorrentes.

Num segundo momento, pós concursos, propôs-se uma janela de reflexão sobre um qualquer tema, individualmente. Uma hipótese que pudesse resultar em tese, partindo da prática para a teoria, numa espécie de inversão de princípios. Seria essa tese uma desculpa para permitir, como último exercício académico, como conclusão de um percurso, uma dissertação.



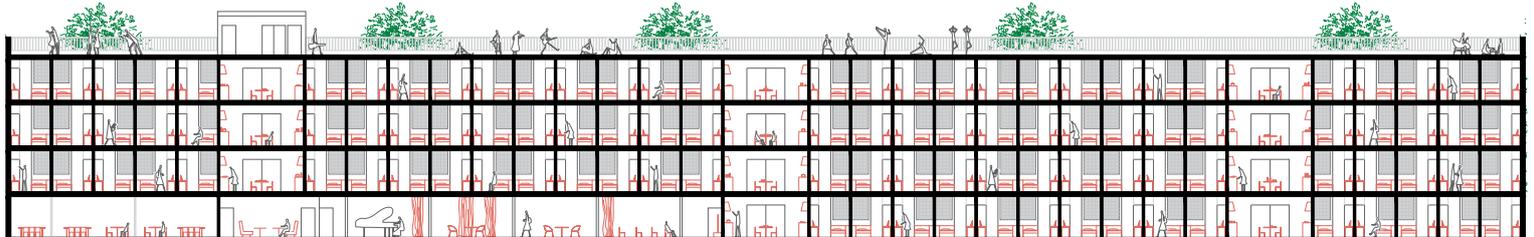
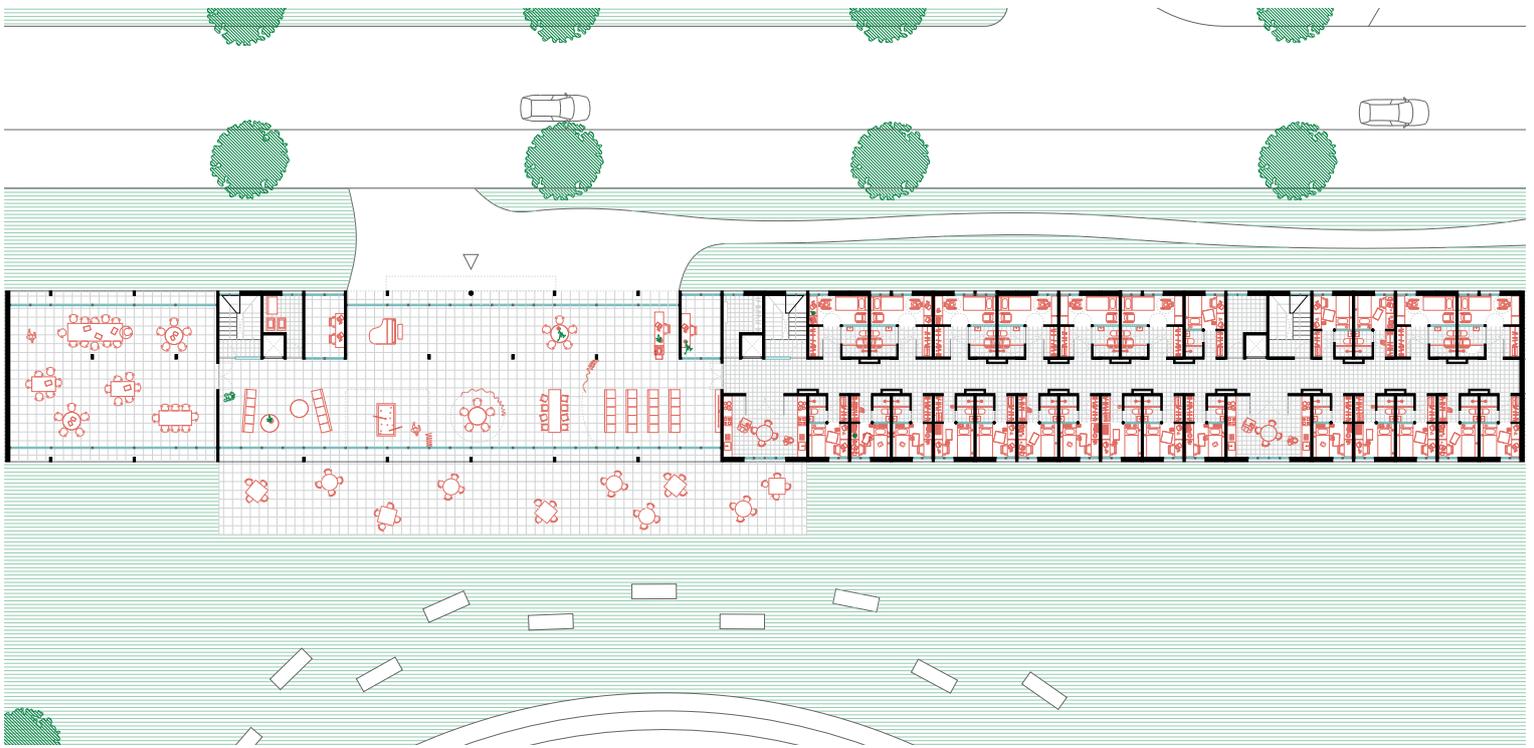
concurso de conceção
 elaboração do projeto da residência
 universitária da asprela, rua dr. plácido
 costa, porto
 ana maria
 carolina dionisio
 daniel anjos
 inês montês
 josé santos
 mariana cristino
 iscte 09.23 - 09.23

planta de implantação
 1/1000
 axonometria



1 / 93

Começamos com um pequeno exercício de aquecimento. Alongamentos para aquilo que nos espera.
 Numa primeira leitura uma residência universitária é o que o programa nos solicita. Na realidade, apenas nos pede para pensarmos como será o invólucro da mesma. Tanto a sua posição como organização interna já vêm definidas, assim como o próprio módulo dos quartos. A liberdade de design é apenas uma ilusão. No entanto face ao curto calendário para a realização deste 'primeiro exercício', cerca de nove dias, este constrangimento tornou-se antes numa vantagem. Afinal, metade do projeto já está feito.



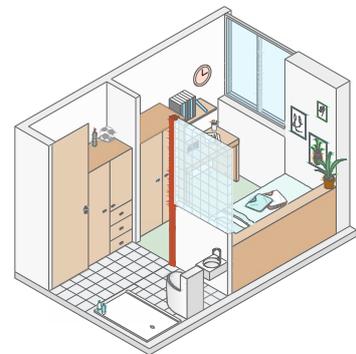
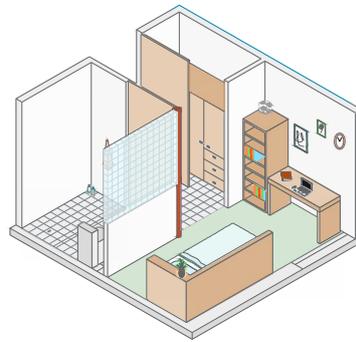
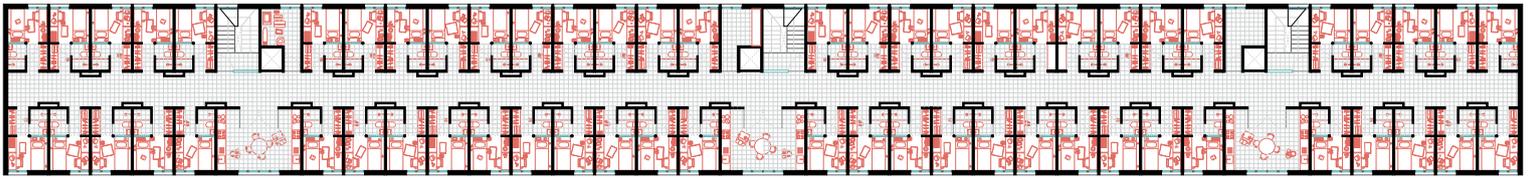
concurso de conceção
 elaboração do projeto da residência
 universitária da asprela, rua dr. plácido
 costa, porto
 ana maria
 carolina dionisio
 daniel anjos
 inês montês
 josé santos
 mariana cristino
 iscte 09.23 - 09.23

planta do piso térreo
 alçado norte
 corte longitudinal
 1/500

2 / 93



O tamanho da equipa veio atenuar ainda mais o tempo escasso. Seis estudantes, todos inicialmente algo hesitantes e ainda dormentes de agosto. Esta dormência durou pouco. Na segunda reunião de equipa, já nos apresentávamos como uma máquina de trabalho bem oleada. Tarefas eram distribuídas por todos os elementos tendo em conta o seu lote de capacidades, impedindo uma sobrecarga e promovendo a fluidez do trabalho. Da discussão surge a fachada. Planos verticais e horizontais são projetados do interior para o exterior. Ritmo é imposto pela sobreposição de linhas, ressaltos e recuos. A transparência surge nos espaços de teor social e de caráter mais público, conferindo uma leveza ao projeto e permitindo o seu atravessamento visual.



concurso de conceção
 elaboração do projeto da residência
 universitária da asprela, rua dr. plácido
 costa, porto
 ana maria
 carolina dionisio
 daniel anjos
 inês montês
 josé santos
 mariana cristino
 iscte 09.23 - 09.23

planta do piso tipo
 1/500
 interior do quarto individual
 módulo tipo (quarto acessibilidades)
 módulo tipo (quarto individual)

3 / 93



A discussão perlonga-se para o interior, onde procuramos a liberdade criativa em pequenos detalhes. O módulo entregue, pré-definido, ainda é possível tornar nosso. O foco passa da sua organização para a sua materialização. Como é o pavimento? As suas paredes? Terá a casa de banho de ser toda opaca? Ou poderá ser implementada uma solução que permita a entrada de luz natural neste programa? Sendo módulos individuais a questão da privacidade não é aplicável. Surge então uma secção de tijolo de vidro neste espaço. Outros pequenos detalhes vão aparecendo. A porta da casa de banho soma funções. Esta pode também fechar o espaço de estudo e de dormir, criando um pequeno hall de entrada, uma zona de contenção sonora. Esta porta roda sobre uma imponente coluna vermelha. A sua função é mais do que estrutural. É um hastear de uma bandeira marcando este módulo como nosso.



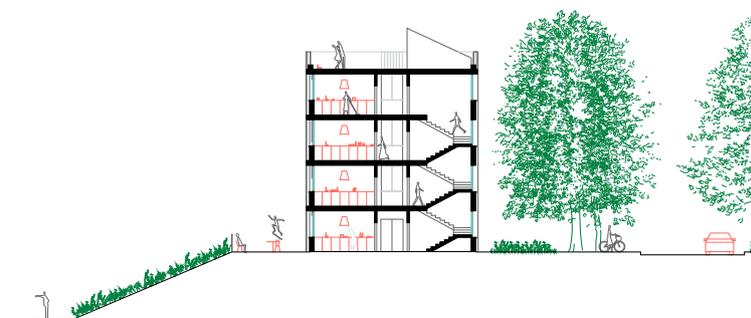
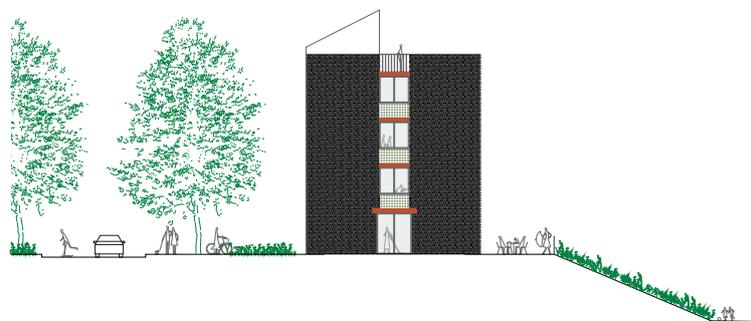
concurso de conceção
elaboração do projeto da residência
universitária da asprela, rua dr. plácido
costa, porto
ana maria
carolina dionisio
daniel anjos
inês montês
josé santos
mariana cristino
iscte 09.23 - 09.23

exterior da cobertura
corredor de acesso aos quartos

4 / 93

Falta coroar o edifício. Que tal um terraço?

Espaços de convívio são sempre necessários e nunca suficientes num edifício para estudantes. Imaginámos o topo do projeto, como um espaço livre, onde os residentes se podem juntar e apropriar deste local como bem entenderem. Um espaço simultaneamente ordenado e caótico. A colagem surge como uma forma de mostrar a intenção desse espaço.



concurso de conceção
elaboração do projeto da residência
universitária da asprela, rua dr. plácido
costa, porto
ana maria
carolina dionisio
daniel anjos
inês montês
josé santos
mariana cristino
iscte 09.23 - 09.23

vista do exterior da entrada do edifício
alçado de topo
corte transversal
1/500

5 / 93

Contudo, com colagens não se ganham concursos. Pelo menos em Portugal.
Intenções não interessam. O que importa é uma realidade tangível. Por outras
palavras: Render sim! Colagem não!

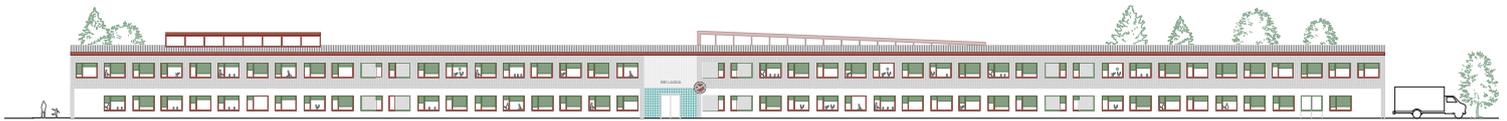
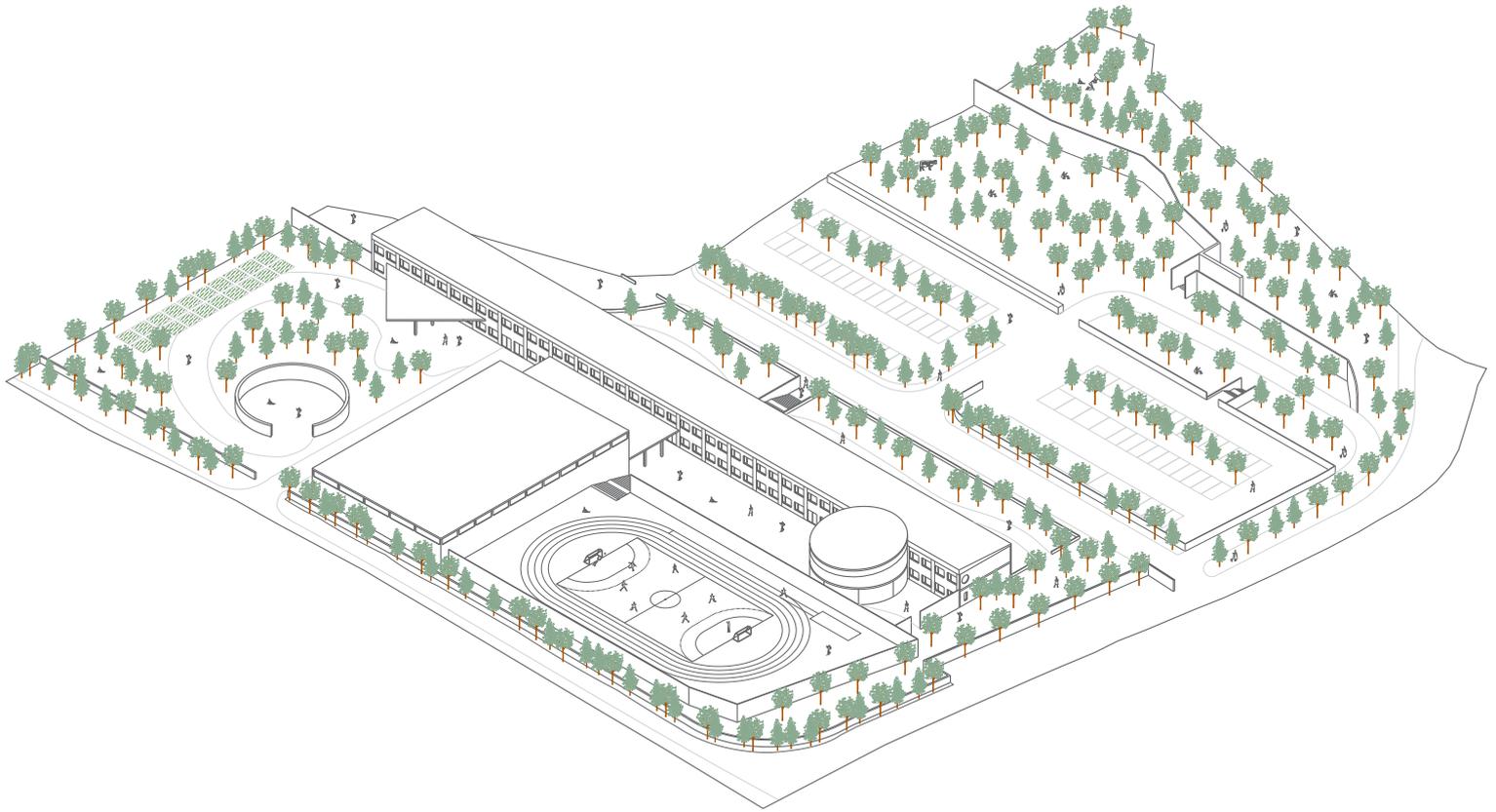


concurso de conceção
elaboração do projeto da residência
universitária da asprela, rua dr. plácido
costa, porto
ana maria
carolina dionisio
daniel anjos
inês montês
josé santos
mariana cristino
iscte 09.23 - 09.23

vista exterior orientada a sul

6 / 93

Questões começam a ferver.
Serão os programas sempre tão condicionantes? Teremos nós de lhe bater sempre
continência? Ou existe espaço de manobra?
Isto foi só o aquecimento.
A piscina olímpica espera-nos.



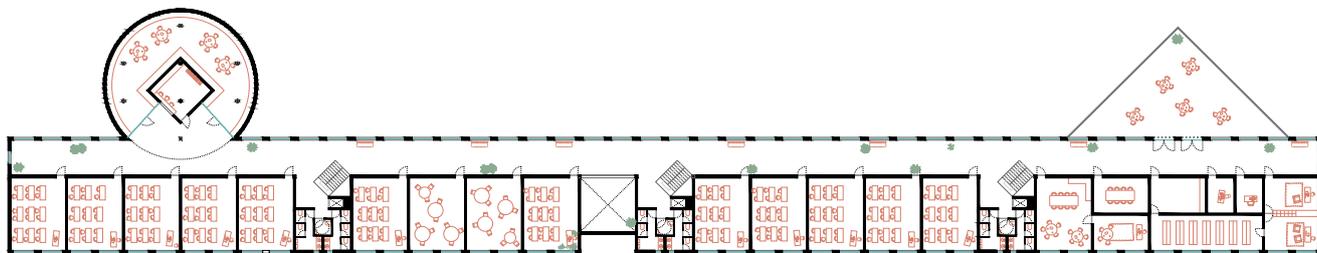
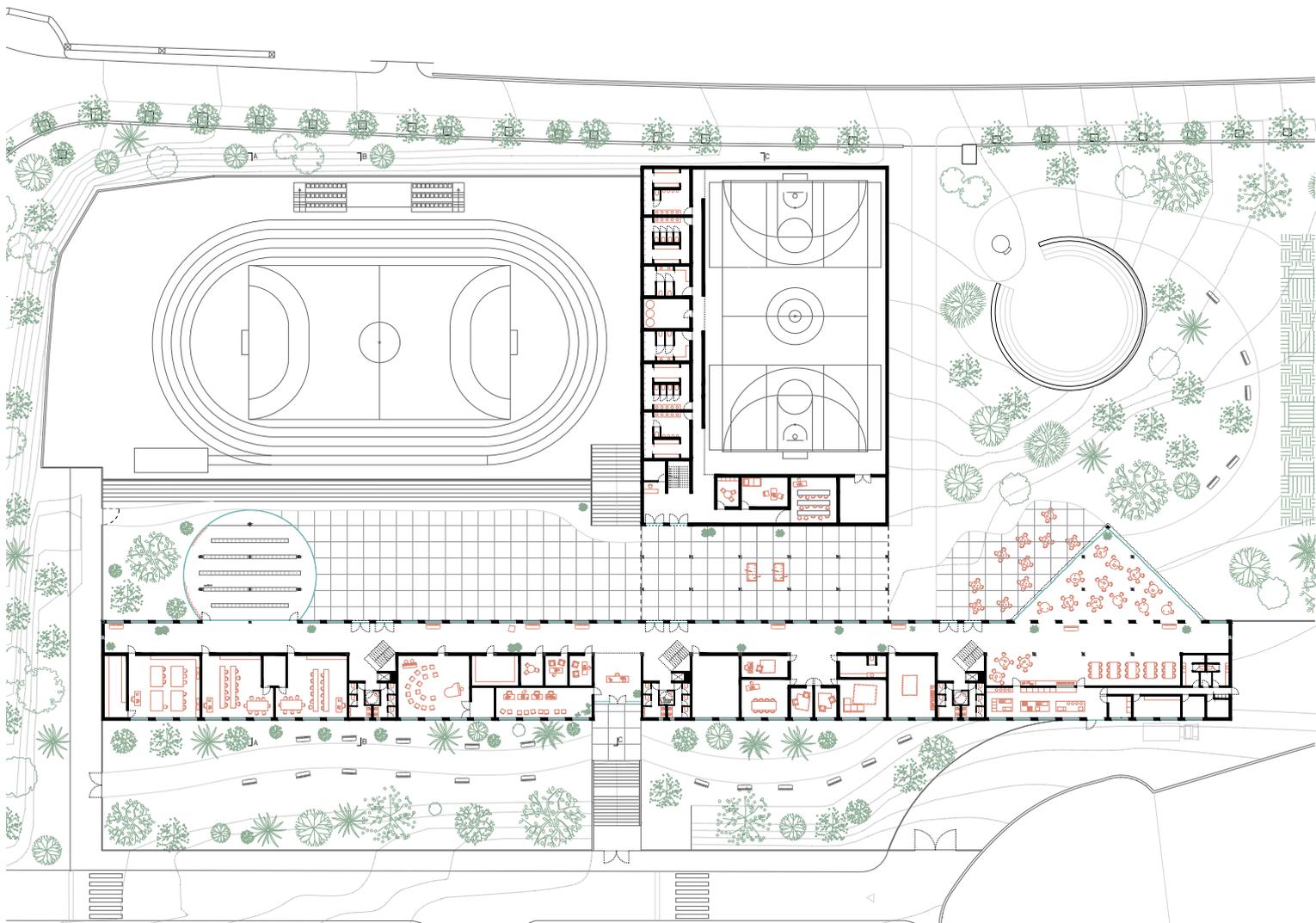
projeto de execução para a
requalificação das instalações do 2º
ciclo da EBI de lagoa, são miguel -
açores

ana maria
carolina dionísio
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
iscte 10.23 - 10.23

axonometria
alçado sudoeste
alçado nordeste
1/800

8 / 93

Novo grupo de trabalho. Novamente seis estudantes.
Aumenta a dificuldade, mas não o tempo. Duas semanas para fazer uma escola
básica nos Açores. Este é o desafio. Este é o novo programa. Mais técnico, mais
extenso, menos definido e mais livre face ao anterior.
Finalmente, liberdade para projetar!



projeto de execução para a
requalificação das instalações do 2º
ciclo da EBI de lagoa, são miguel -
açores

ana maria
carolina dionísio
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
iscte 10.23 - 10.23

planta piso térreo

planta piso tipo

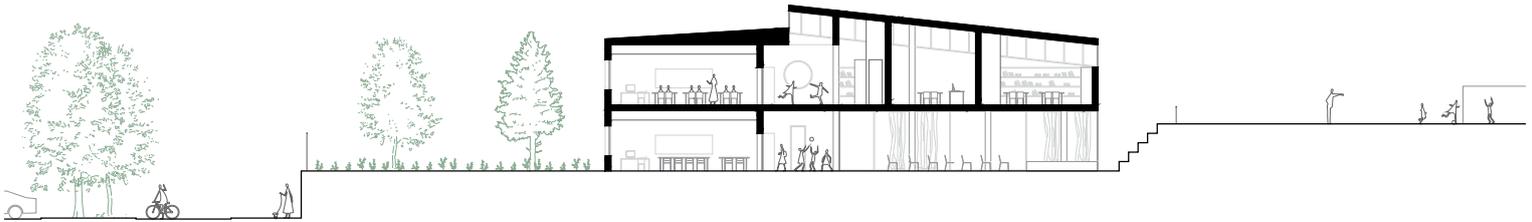
1/800



9 / 93

Este entusiasmo, contudo, durou pouco. A complexidade do programa aliada ao curto calendário, gerou uma pressão sobre a equipa que até aqui, ainda não tínhamos sentido. Pela nossa curtíssima experiência, o programa é para ser levado à risca. Todas as suas cinquenta e três páginas. O resultado foi, uma planta sem qualquer pensamento, sem conceito, sem intenções, apenas uma tentativa de encaixar tudo o que pediam. Desta primeira abordagem, surge um conselho: "Têm de se soltar do programa."

Da lição nasce uma segunda planta. Dois eixos. O primeiro horizontal, onde surge tudo o que são salas e gabinetes. A circulação aparece como um espaço intermédio, entre o exterior e o interior. Um longo corredor com uma largura, que o faz ser mais do que um espaço de passagem, este é também um lugar de recreio, um lugar de interação. A este são anexados dois volumes de formas distintas, a biblioteca redonda e a cafeteria angular. Uma forma de quebrar a rigidez e linearidade da planta. É o trazer de um espírito mais livre (e talvez juvenil) para a proposta. Solto e independente, num segundo eixo, surge um outro volume. Um retângulo de abrigo a todos os desportos aquando de intempéries.



projeto de execução para a
requalificação das instalações do 2º
ciclo da EBI de lagoa, são miguel -
açores

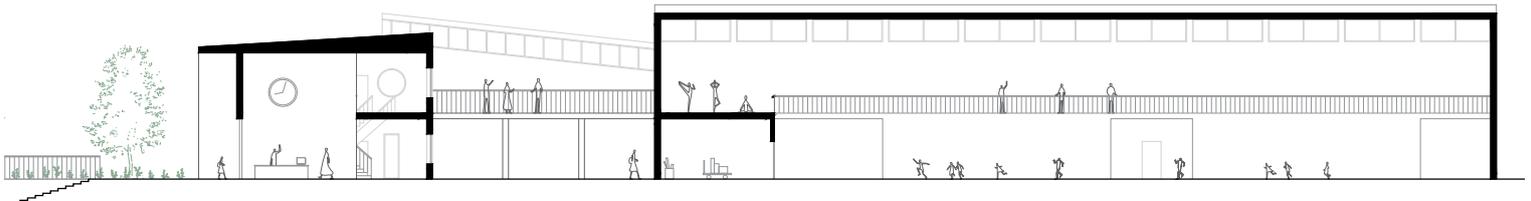
ana maria
carolina dionísio
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
iscte 10.23 - 10.23

vista do corredor
vista da sala de aula
corte transversal pelas salas de aula,
corredor, biblioteca e auditório
1/400

10 / 93

No fim, continuamos a responder ao programa. Apenas repensamos algumas das suas sugestões.

A proposta encontra-se agora definida. As intenções são claras. O espaço de recreio é valorizado. A ligação com o exterior também. As imagens demonstram esse intento. A galeria ao intervalo, movimentada, desarrumada e alegre; e a sala em aula, quieta, arrumada e atenta. Ambas sempre com um plano de fundo verde e azul. O exterior açoriano.



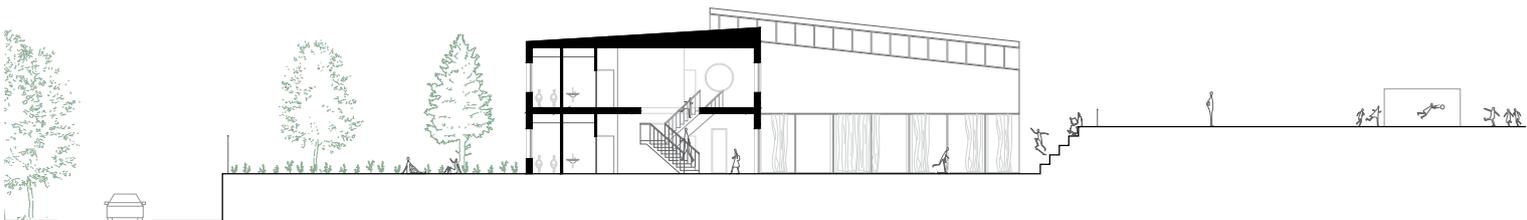
projeto de execução para a
requalificação das instalações do 2º
ciclo da EBI de lagoa, são miguel -
açores

ana maria
carolina dionísio
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
iscte 10.23 - 10.23

vista do refeitório
vista do ginásio
corte transversal pela entrada e
pavilhão desportivo
1/400

11 / 93

A procura pela paisagem verde não é exclusiva da galeria ou salas, também a cafeteria vive desta relação. Na realidade todo o projeto a procura. A separação por volumes exalta essa vontade. Mais vãos, menos obstruções. Por sua vez, esta divisão permite também a criação de mais espaços exteriores de recreio. Sejam estes cobertos, delimitados ou livres.



projeto de execução para a
requalificação das instalações do 2º
ciclo da EBI de lagoa, são miguel -
açores

ana maria
carolina dionísio
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
iscte 10.23 - 10.23

vista do recreio
corte transversal pelo espaço de
recreio e campo desportivo
1/400

12 / 93

A colagem do exterior aparece como uma síntese do projeto. Os seus elementos encontram-se aqui capturados. Por outras palavras: todas as intenções encontram-se aqui expressas.



projeto de execução para a
requalificação das instalações do 2º
ciclo da EBI de lagoa, são miguel -
açores

ana maria
carolina dionísio
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
iscte 10.23 - 10.23

vista exterior

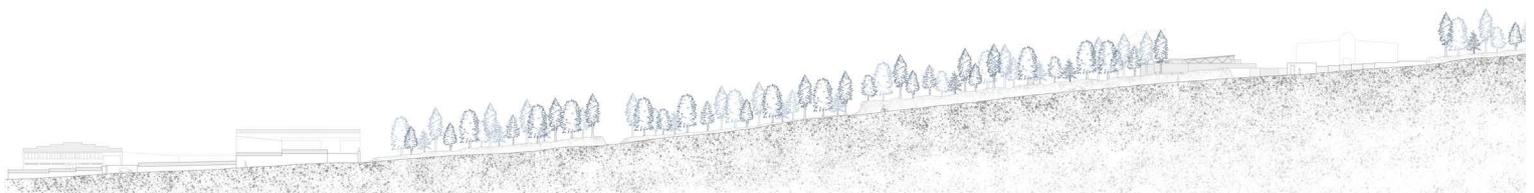
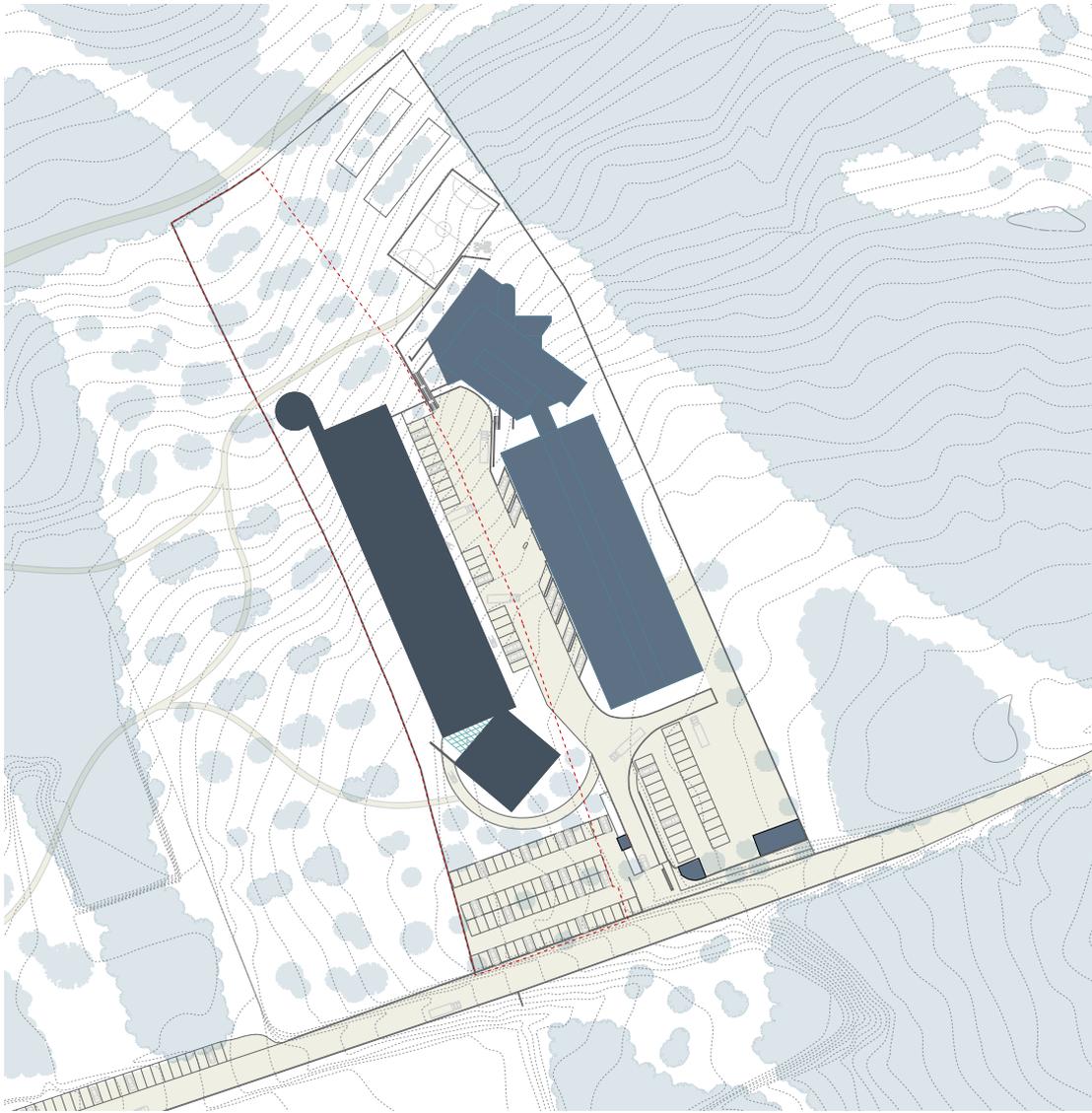
13 / 93

Tic tac! Tic tac!

O relógio não para. Perdemos muito tempo amarrados ao programa. Como grupo conseguimos dar a volta num último esforço. Tivemos de nos focar nas ferramentas que já dominávamos. A colagem assumiu o papel principal. O render apenas surge como uma tentativa (em vão) de vender o projeto. No fim, ao rosto da escola faltou-lhe a essência do projeto.

Foi um caminho tortuoso. O tempo não espera e a liberdade foi um peso. Talvez pela falta de experiência. Contudo, este concurso foi fundamental para aprender uma importante lição: se nos amarrarmos ao programa, abdicamos do pensamento arquitetónico.

As primeiras braçadas estão dadas.
Começamos a nadar.



projeto de execução do edifício ccc -
cork competences center, rua alto do
picão, santa maria de almas

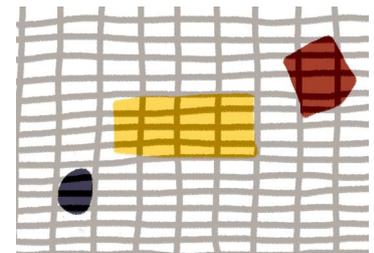
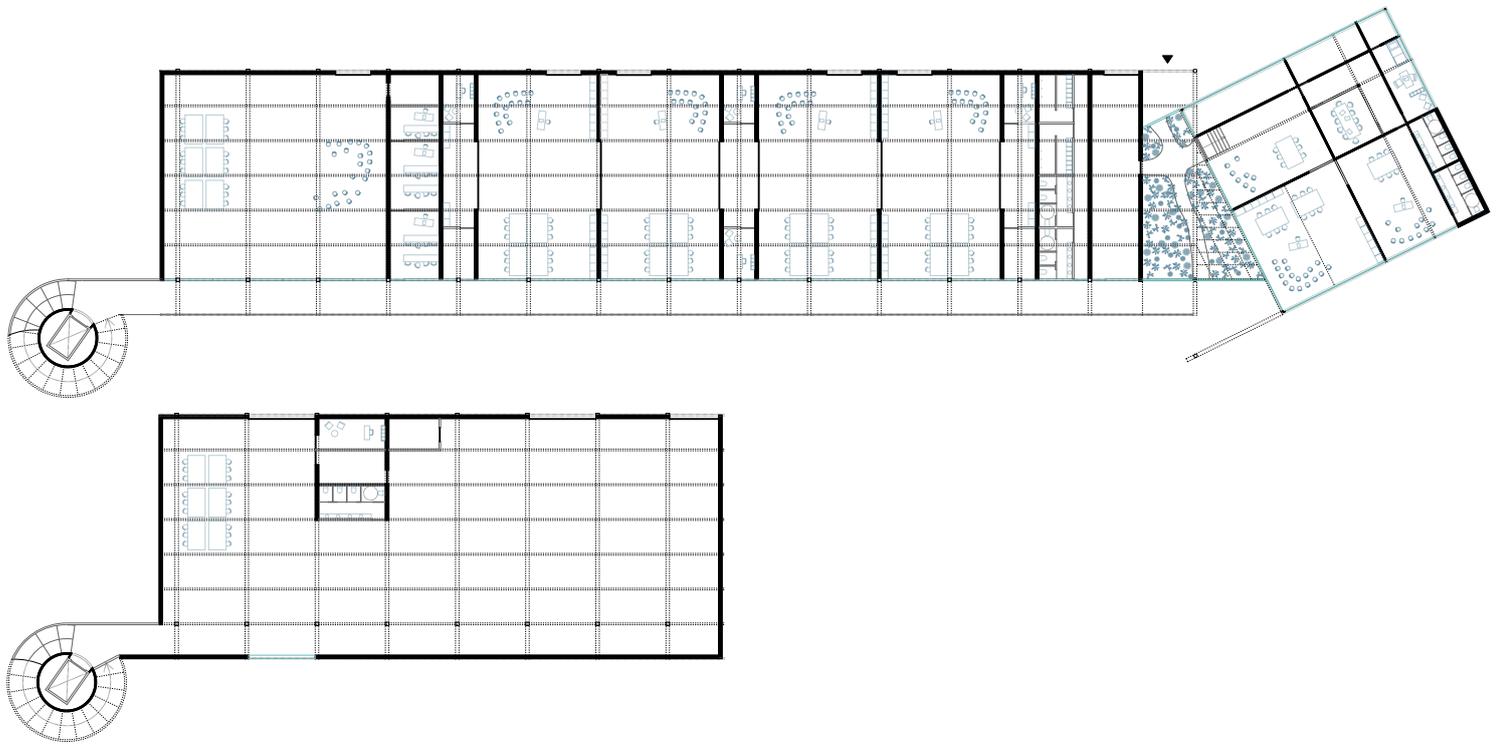
ana maria
beatriz carpinteiro
carolina dionísio
daniel anjos
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
josé santos
laura lopes
mariana cristino
yana chepilko
iscte 11.23 - 11.23

planta de implantação
perfil transversal
1/2000



15 / 93

As duas semanas persistem. Já a equipa de seis passa a doze.
Somos agora um atelier a trabalhar numa única proposta: um centro de formação
profissional da indústria da cortiça. Isto é o que o cliente nos pede. O resto são
entre linhas. A lição está aprendida.
Que venha o próximo desafio.



projeto de execução do edifício ccc -
cork competences center, rua alto do
picão, santa maria de almas

ana maria
beatriz carpinteiro
carolina dionísio
daniel anjos
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
josé santos
laura lopes
mariana cristino
yana chepilko
iscte 11.23 - 11.23

planta piso 0
planta piso -1
1/650



16 / 93

Este surge com a dimensão do próprio grupo. Como se trabalham doze visões distintas? Como se organiza esta equipa? O trabalho? Foi aqui que se prendeu o desafio. Tínhamos vindo a trabalhar em grupo, mas não com estas dimensões. Ocorre a ideia de nos dividirmos em duas equipas. Facilitar o processo de arranque. Deste exercício nasce duas propostas. Duas plantas com evidentes intenções: A grelha que define a estrutura e organização do projeto; a comunicação clara entre salas; e a circulação como espaço conector entre o interior e o exterior. Da sua fusão surge uma única planta. A esta apenas alguns momentos foram acrescentados ou alterados, como o volume único que é quebrado em dois. Existe agora um retângulo e um quadrado. A diagonal do último guia-nos até à entrada. Lá somos recebidos por uma pala que nos protege e uma coluna que aparece para marcar este momento de chegada. Um outro volume emerge. Um círculo que dá por terminada a planta, como que se de um ponto final se tratasse.



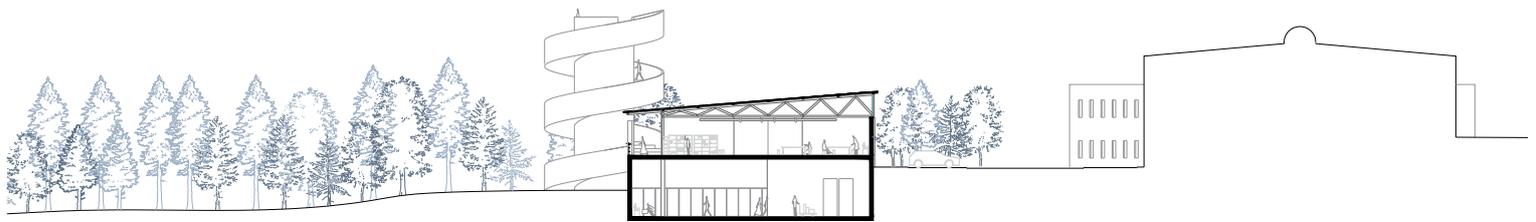
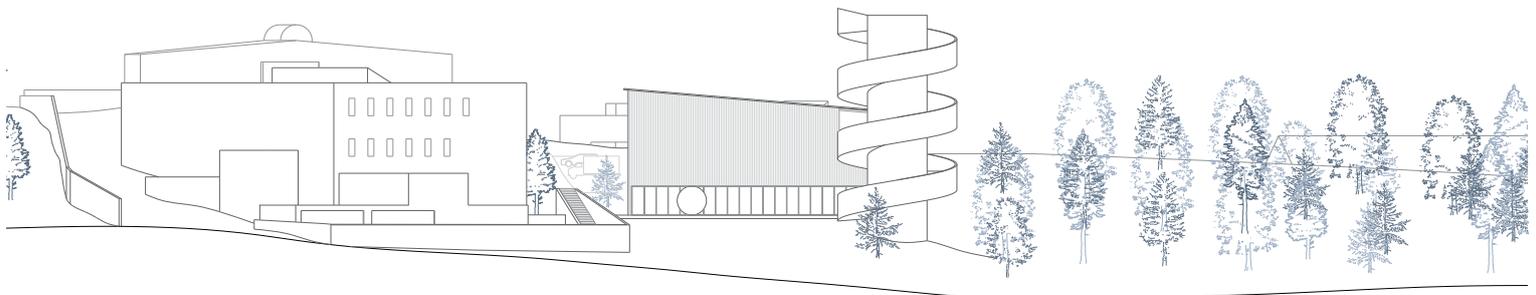
projeto de execução do edifício ccc -
cork competences center, rua alto do
picão, santa maria de almas

ana maria
beatriz carpinteiro
carolina dionísio
daniel anjos
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
josé santos
laura lopes
mariana cristino
yana chepilko
iscte 11.23 - 11.23

vista do corredor exterior

17 / 93

Uma floresta de eucaliptos brota neste local. Não é possível ignorá-la. Devemos então abraçá-la. A galeria procura enquadrar esta vista. Todo o seu comprimento abre para o eucaliptal. Na sua outra lateral encontram-se as salas. Quando os seus grandes portões se abrem, qualquer barreira com exterior se dissipa.



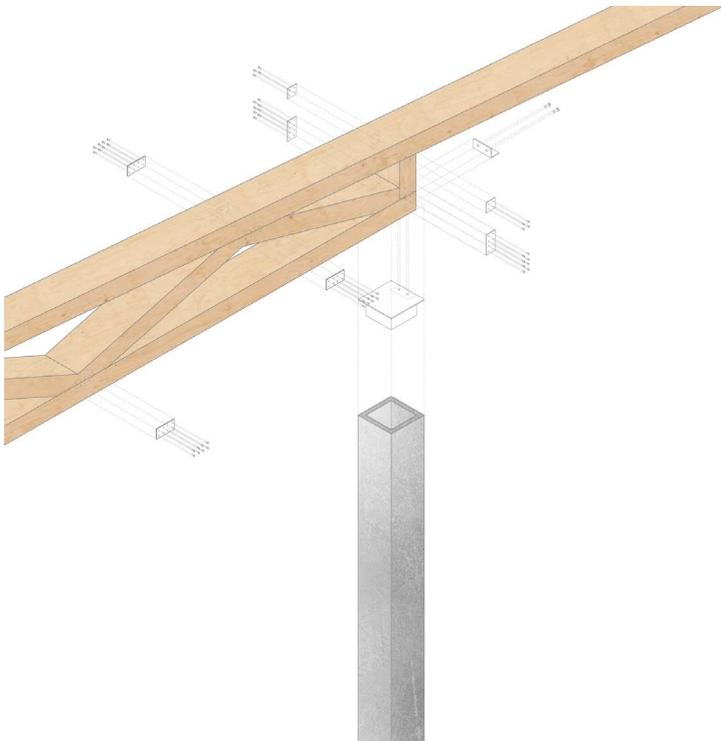
projeto de execução do edifício ccc -
cork competences center, rua alto do
picão, santa maria de almas

ana maria
beatriz carpinteiro
carolina dionísio
daniel anjos
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
josé santos
laura lopes
mariana cristino
yana chepilko
iscte 11.23 - 11.23

alçado norte
corte transversal
1/650

18 / 93

Volumetricamente todo o projeto procura a floresta. A sua cobertura desce no seu sentido, afinilando a vista sobre este manto verde. No extremo do edifício também o cilindro encontrou propósito nesta paisagem. Este tem uma dupla função: ligar os pisos e observar. É uma escada e um miradouro. Digamos, um miradouro não solicitado, mas que nos fez sentido. Até agora olhámos para troncos de árvores. Aqui observamos (e sobrevoamos) as suas copas.



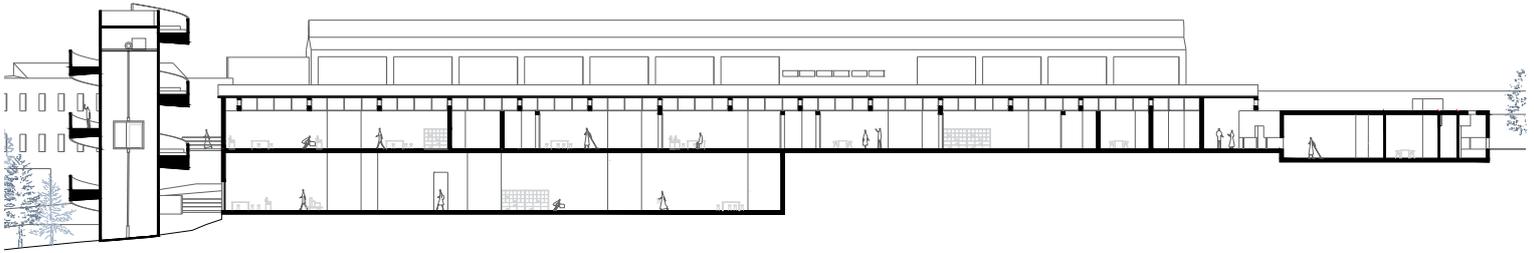
projeto de execução do edifício ccc -
cork competences center, rua alto do
picão, santa maria de almas

ana maria
beatriz carpinteiro
carolina dionísio
daniel anjos
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
josé santos
laura lopes
mariana cristino
yana chepilko
iscte 11.23 - 11.23

vista do interior das oficinas
pormenore construtivo da cobertura

19 / 93

No interior, a floresta rompe pelos vãos e no sistema estrutural acaba por se materializar. As treliças em madeira sustentam a cobertura e elevam-se sobre pilares metálicos. Madeira e metal definem o ambiente do projeto. À indústria funde-se a floresta. À estrutura o sistema modelar das salas. A partir das grandes portas amarelas duas salas podem-se tornar numa. O interior encontra-se assim, em constante transformação. A imagem transmite essa intenção. Finalmente, um render que capta a essência do projeto!



projeto de execução do edifício ccc -
cork competences center, rua alto do
picão, santa maria de almas

ana maria
beatriz carpinteiro
carolina dionísio
daniel anjos
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
josé santos
laura lopes
mariana cristino
yana chepilko
iscte 11.23 - 11.23

vista da fachada poente
corte longitudinal
1/650

20 / 93

Uma dúzia de arquitetos + uma proposta + concurso = experimentação
Este foi o resultado. A dimensão do grupo permitiu atacar várias frentes.
Elementos gráficos puderam ser explorados com mais afinco e o projeto pode
evoluir para além do programa, que foi finalmente domado. A experimentação
assumiu as rédeas e a criatividade correu livre.
Continuemos a nadar.



concurso conceção
do mosteiro ao castelo - acessibilidade
e nova mobilidade
inês montês
josé santos
yana chepilko
iscte 11.23 - 01.24

modelo tridimensional

22 / 93

Chegamos a meio do caminho com uma mudança drástica de paradigma. A equipa encurta, o tempo quadruplica e o programa aumenta de escala. De doze passamos a três. Duas semanas viram dois meses. O edifício deixa de ser o foco e na nossa tela de trabalho encontra-se agora a cidade de Alcobaça. O objetivo? Ligar o Mosteiro ao castelo e pelo caminho resolver alguns dos problemas que afrontam a malha desta secção da cidade. Prosseguimos em conquista desta nova escala.



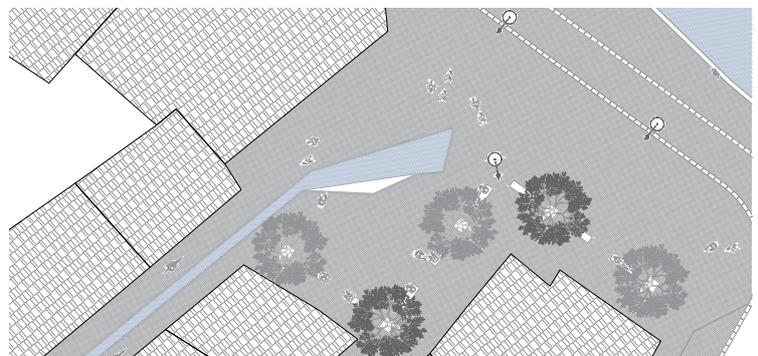
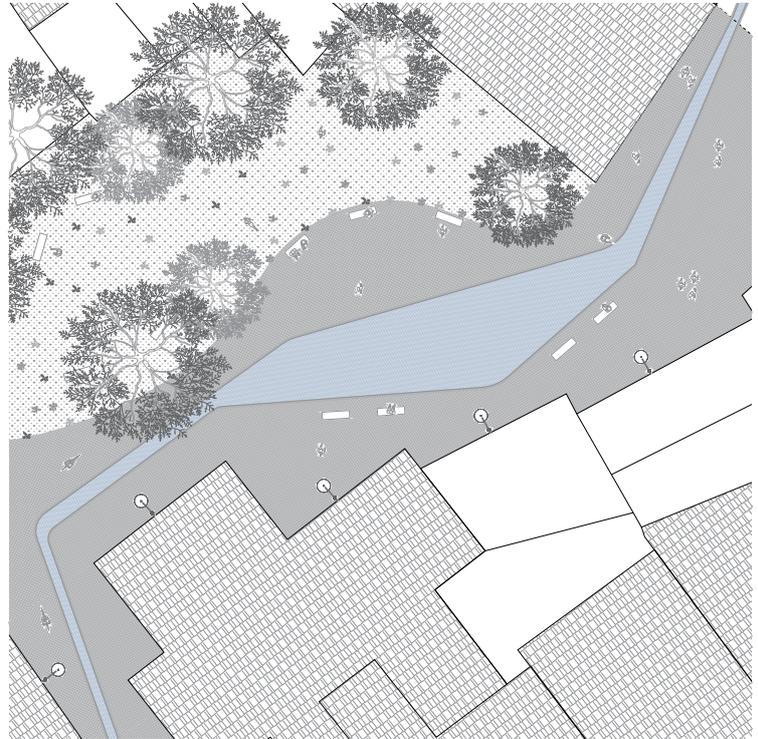
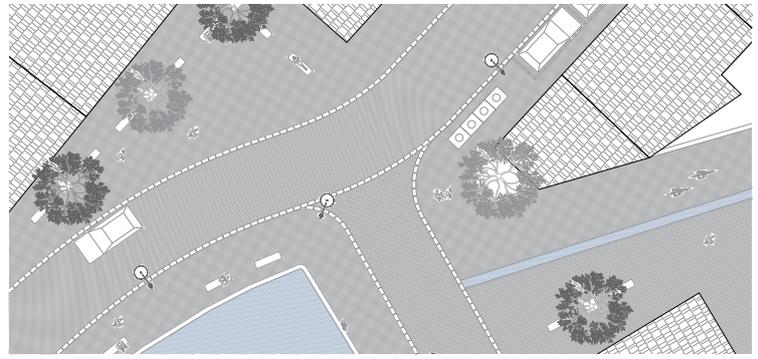
concurso conceção
do mosteiro ao castelo - acessibilidade
e nova mobilidade
inês montês
josé santos
yana chepilko
iscte 11.23 - 01.24

planta de implantação
1/4000
esquema da estratégia adotada

23 / 93



Ao contrário de um pintor a nossa tela não se encontra em branco. Começámos por a observar. Deste exercício surge um plano de ataque. Um esquema ilustrativo de como proceder. Três fases: a linha de água; a hierarquização das ruas; e a requalificação das ruínas. Estes são os pontos chave da nossa intervenção.



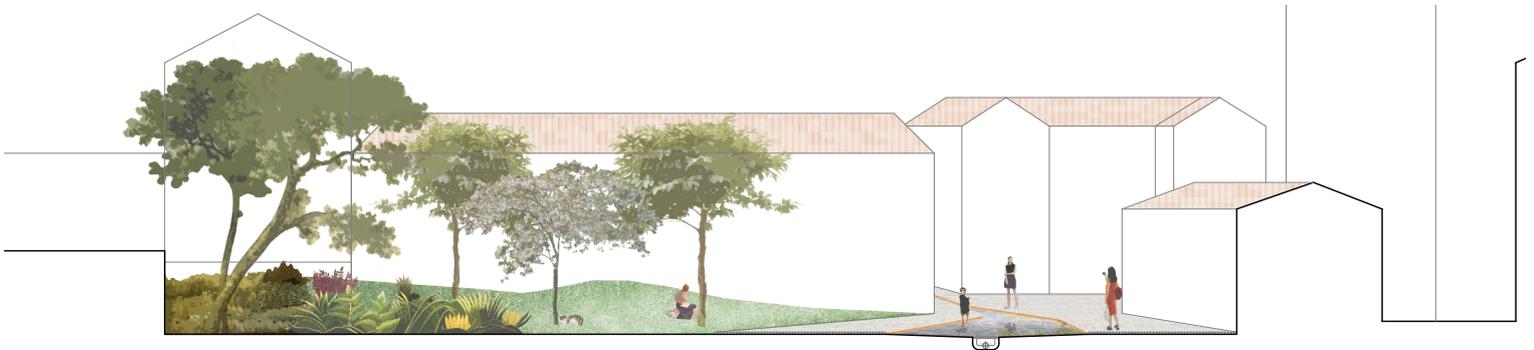
concurso conceção
do mosteiro ao castelo - acessibilidade
e nova mobilidade
inês montês
josé santos
yana chepilko
iscte 11.23 - 01.24

planta do início do percurso de água
planta do interior do quarteirão
planta do fim do percurso de água
1/500



24 / 93

A água aparece como um elemento central nesta malha. Um rio atravessa a tela. Alcoa de seu nome. O seu curso visível sofre uma quebra, parte deste é agora uma via. A nossa intenção é reverter esta realidade. Através do desenho de um caminho de água superficial, ligamos as duas margens do rio. Pelo meio, um terreno abandonado é apropriado para dar continuidade ao percurso. Deste é feito um espaço verde para proveito dos residentes desta zona. Um pequeno parque no coração deste centro histórico. Esta decisão não segue as linhas do programa. A apropriação de um terreno é uma escolha arriscada. Contudo, o nosso objetivo é resolver os problemas deste local de forma unificada e planeada, mas também criativa, não com pequenos remendos, aqui e ali, tornando a sua malha numa manta de retalhos. No fim, o rio interrompido, partido em dois, volta a ser contínuo e no seu centro brota um pequeno jardim verde.

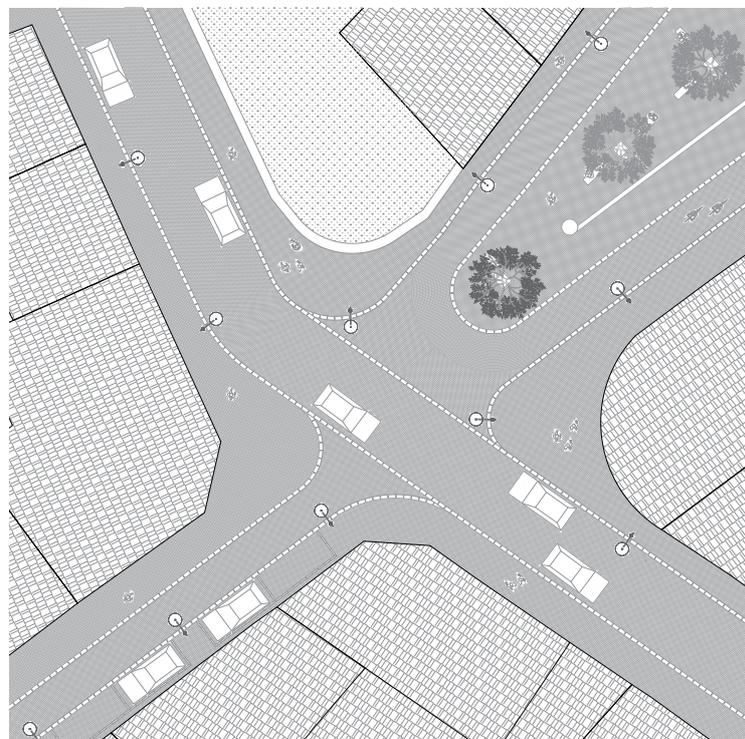
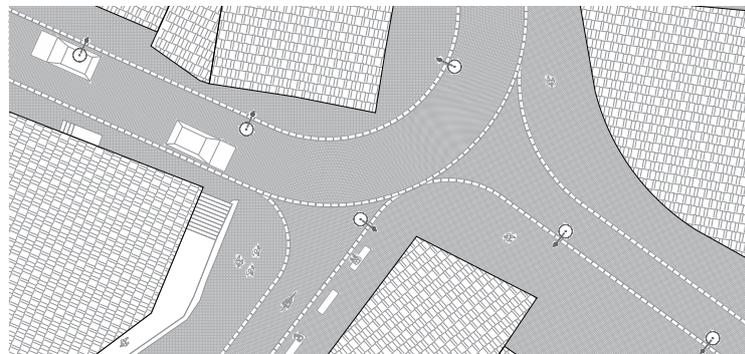


concurso conceção
do mosteiro ao castelo - acessibilidade
e nova mobilidade
inês montês
josé santos
yana chepilko
iscte 11.23 - 01.24

imagem do início do percurso de água
corte do interior do quarteirão
1/500

25 / 93

A cidade deve ter uma oferta diversificada de espaços de lazer. Percursos pelos quais podemos descobrir a sua história. Este caminho surge deste pensamento. Um espelho de água contínuo que vai criando pequenos espaços intersticiais de permanência, que vivem da relação com este elemento, relembrando a importância histórica da água para a fundação deste local.



concurso conceção
do mosteiro ao castelo - acessibilidade
e nova mobilidade

inês montês
josé santos
yana chepilko
iscte 11.23 - 01.24

planta da interseção na avenida
planta da interseção junto da igreja
corte de duas ruas secundárias
1/500



26 / 93

O percurso criado foi só parte da narrativa. Os verdadeiros problemas deste local, ainda não foram abordados. Foquemo-nos neles. Estacionamentos invés de passeios; ruas conquistadas por carros; uma avenida que se perde no meio de inúmeras ruelas. Falta uma organização clara e hierárquica. Mudemos isso. Das ruas históricas removemos a circulação automóvel, à exceção dos residentes. Podemos agora andar a pé livremente. Os estacionamentos que aqui existiam são movidos para um local adequado criado junto do rio. O tráfego que aqui circulava move-se agora na Avenida, que passa a albergar dois sentidos viários em todo o seu anel. Uma escolha estratégica, tendo em conta a ligação rodoviária que estabelece entre o mosteiro e o castelo. A materialidade ajuda a demarcar a avenida das restantes ruas, exaltando-a em todo o seu comprimento. Este novelo de ruas e ruelas encontra-se agora desemaranhado.

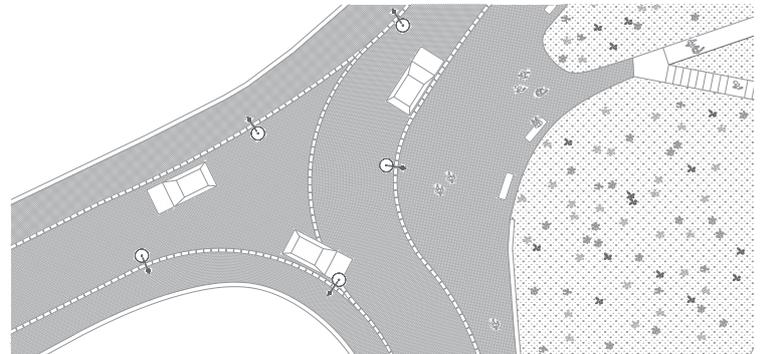


concurso conceção
do mosteiro ao castelo - acessibilidade
e nova mobilidade
inês montês
josé santos
yana chepilko
iscte 11.23 - 01.24

imagem da avenida
imagem de uma rua secundária

27 / 93

As ruas históricas não foram feitas para automóveis. A sua remoção foi mais do que a solução para este problema. É um statement. Menos carros, mais transeuntes. As imagens são a ilustração dessa vontade.



concurso conceção
do mosteiro ao castelo - acessibilidade
e nova mobilidade
inês montês
josé santos
yana chepilko
iscte 11.23 - 01.24

imagem da entrada nas ruínas
planta do cruzamento junto das ruínas
1/500



28 / 93

Chegámos ao castelo.

O seu acesso é difícil, mas o cenário faz valer o esforço. Aqui, temos uma vista privilegiada sobre Alcobaça, sobre o mosteiro. Na sua entrada, bancos convidam à permanência e passadiços surgem como solução para os problemas de acessibilidade. Visitantes são agora convidados a desfrutar desta paisagem. Aqui, podem observar todas as mudanças na malha deste local por nós implementadas, basta seguir o rasto de bancos e candeeiros em aço corten.



concurso conceção
do mosteiro ao castelo - acessibilidade
e nova mobilidade
inês montês
josé santos
yana chepilko
iscte 11.23 - 01.24

imagem do percurso criado nas ruínas

29 / 93

Depois de períodos acelerados de duas semanas, dois meses passaram tortuosamente devagar. Contudo, permitiu-nos emergir para respirar fundo. Uma breve pausa para recuperar e armazenar energia para o que aí vem. A mudança será sempre recebida com consternação, mas é necessária para que a evolução continue.
A corrente está a mudar.
Continuemos a nadar.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente

iscte 01.24 - 02.24

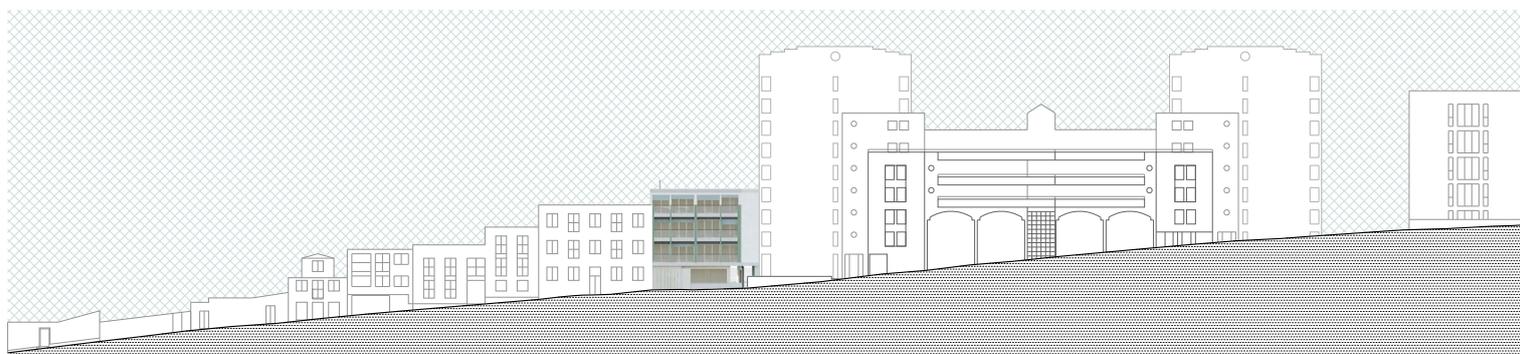
planta de implantação
1/1000



31 / 93

No quinto concurso o 'nós' dá lugar ao 'eu'.

Os grupos são agora parte do passado e as decisões dependem apenas de mim.
Este é um exercício individual com a validade de um mês. Habitação coletiva é o
que nos é pedido. Dois núcleos habitacionais mascarados num único programa.
Um desafio extra face ao tempo disponível e à inexistência de uma equipa.
Que a competição comece!



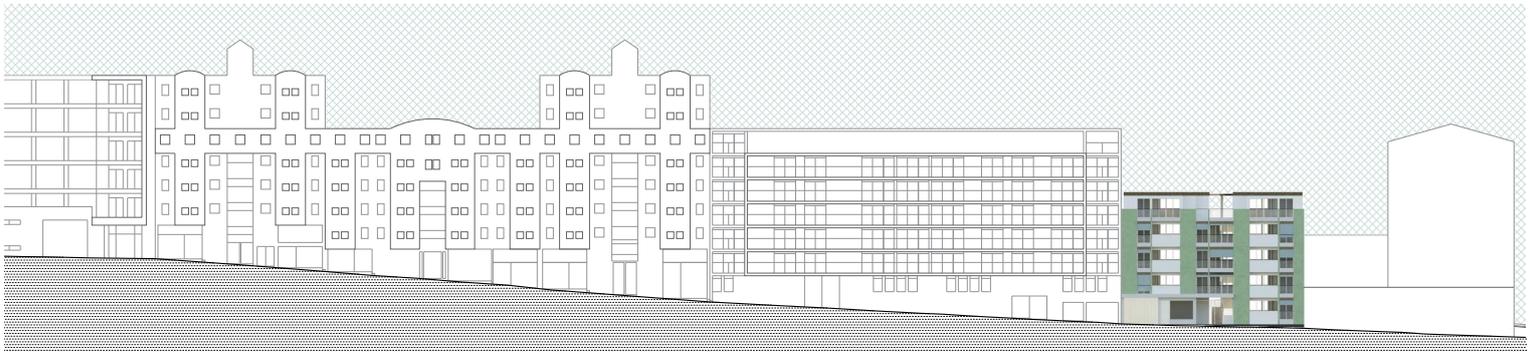
concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente

iscte 01.24 - 02.24

vista exterior n01
perfil rua bela vista à graça
1/850

32 / 93

Dois lotes ocupam agora a minha mesa de trabalho. Chamemos-lhes N01 e N02. Cada um com os seus obstáculos e características adversas. Começemos pelo primeiro. Confinado e afunilado. Delimitado de um lado por um pequeno edifício e do outro por um colosso, cuja sua frente alberga uma praça de pequenas dimensões. Nesta somos agraciados com uma vista privilegiada sobre o Tejo. Com a vontade de manter a relação entre esta paisagem e a rua, o volume criado não fecha na totalidade a lateral da praça. O rio segue presente, agora enquadrado entre edifícios. Passemos a nossa atenção para a fachada. A cara do projeto, onde planos verticais e horizontais atribuem rigor a um volume irregular. Os pontuais ressaltos da laje conferem ritmo a esta nova face e a materialidade com as suas propriedades refletivas, permite a este volume transformar-se ao longo do dia, promovendo um constante diálogo com a cidade.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente
iscte 01.24 - 02.24

vista exterior n02
perfil rua santa engrácia
1/850

33 / 93

Mais delimitado, o segundo lote, encontra-se enterrado face ao primeiro. Um muro de contenção surge a norte para delimitar a sua área de intervenção. A sua frente de rua segue a linha dos seus vizinhos. Nem um passo à frente, nem um passo atrás. A sua cara segue os princípios do projeto anterior. Procura-se homogenia. Podem ser volumes diferentes, mas fazem parte de um conjunto. A fachada pretende transmitir essa ideia. Surge nesta o mesmo conjunto de elementos e materialidade do volume anterior.



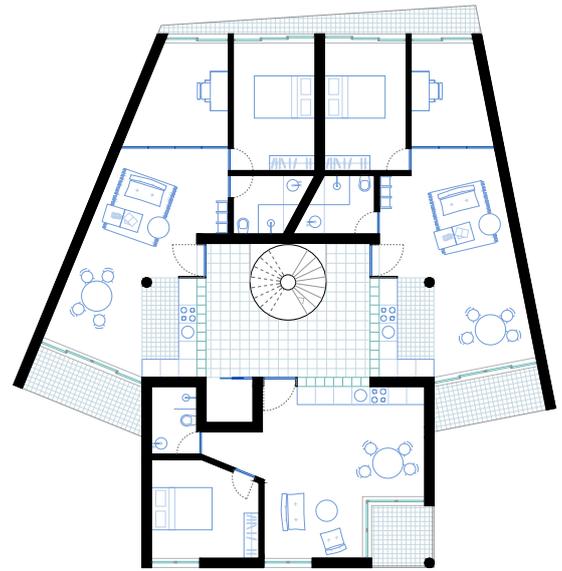
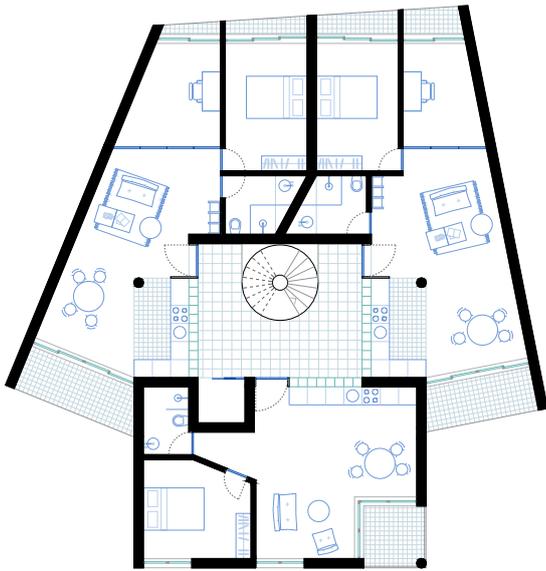
concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente
iscte 01.24 - 02.24

planta piso térreo
1/500



34 / 93

Em ambos os projetos o piso térreo sofre uma interrupção. Um vazio que perfura todo o edifício até ao logradouro. Uma forma de conectar este espaço tardoz, com a via pública. Também os espaços comerciais criados em cada lote, tiram proveito desta relação, enquanto os espaços mais privados se viram para o logradouro. Existe no entanto, uma exceção, no N02 surge um fogo neste piso. Contudo, este eleva-se em relação à rua, permitindo um grau de privacidade face a quem por esta passe.



concurso de conceção para a elaboração do projeto edifícios de habitação na rua de santa engrácia e rua da bela vista à graça, na freguesia de são vicente
iscte 01.24 - 02.24

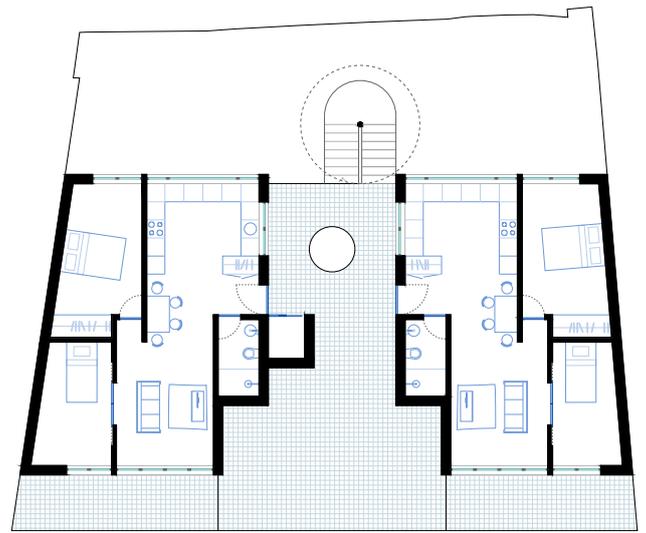
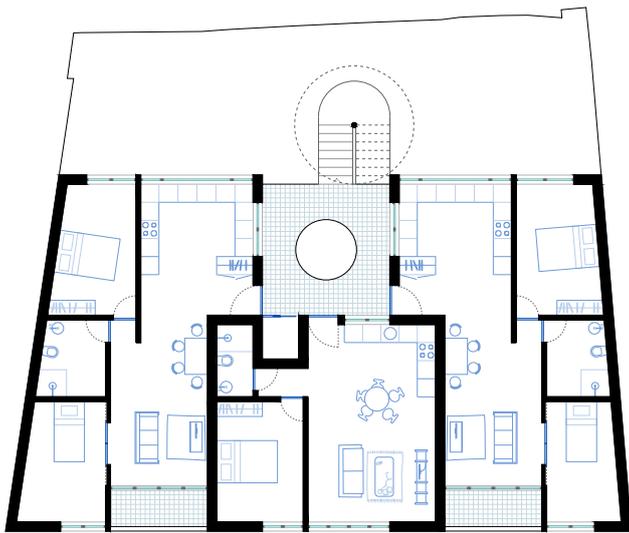
interior dos fogos n01
planta piso tipo n01
planta piso topo n01
1/250

35 / 93



Olhemos para as tipologias.

No projeto N01, nove fogos dividem-se por três pisos, inclusive, no recuado. Cada um é composto por dois T2 e um T1. Os seus interiores seguem os mesmos princípios. Flexibilidade e transversalidade. Surge assim, um grande espaço sem definição, que pode ser apropriado de diferentes maneiras. No fim deste, aparece uma divisão que pode ser um quarto, um escritório, ou apenas uma continuação do espaço social. Todos somos diferentes. A nossa maneira de habitar uma casa também o será. Os apartamentos são a tradução desta ideia. Procuram ter um nível de flexibilidade que permita às famílias apropriá-los de forma mais adequada às suas vivências. Contudo, o desenho da planta não surge apenas de intenções. A forma desafiante do lote implicou algumas adaptações. Linhas ortogonais foram criadas para ajudar na organização interna. Do desenho surge um núcleo central: a circulação vertical. Tudo acontece em torno desta. A sua importância está associada a ideia de comunhão. Este é um lugar onde vizinhos se cruzam e socializam, não é apenas um espaço de locomoção.



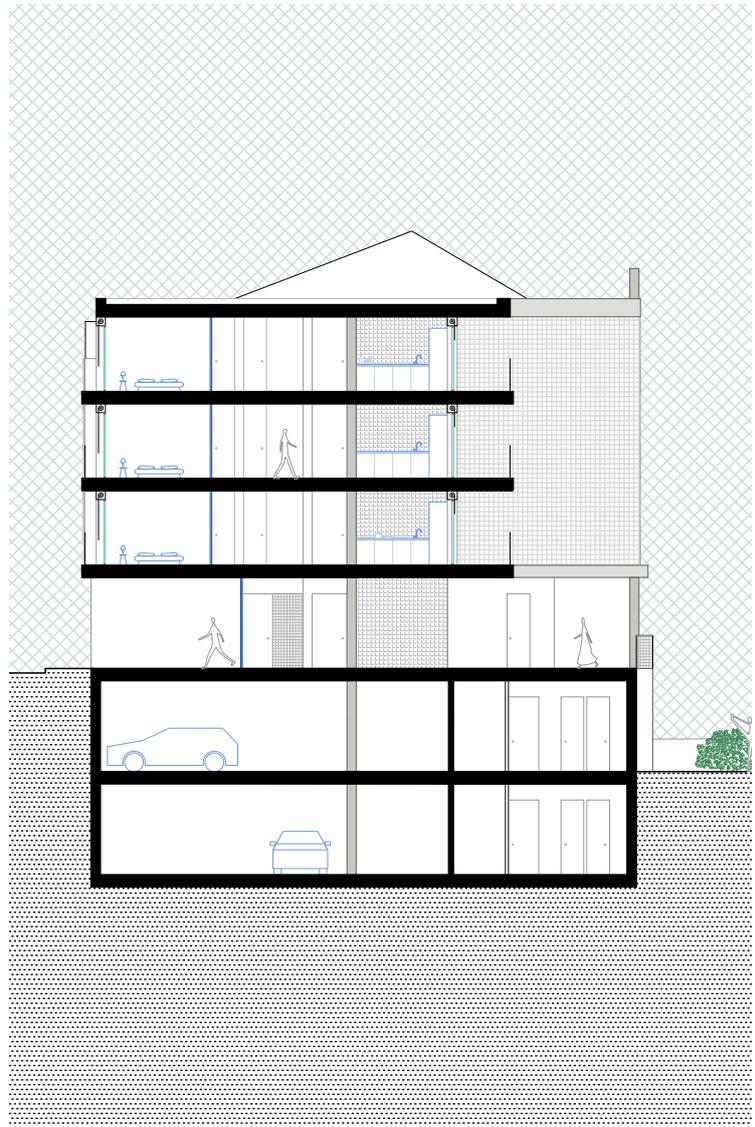
concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente
iscte 01.24 - 02.24

interior do fogo n02
planta piso tipo n02
planta piso topo n02
1/250

36 / 93



O projeto N02 cresce em altura e fogos. São doze por cinco pisos. As tipologias continuam a ser T2 e T1, com a mesma distribuição face ao N01, à exceção do piso térreo e do último piso. Também os seus interiores seguem os mesmos princípios que o projeto anterior. No entanto, face às condições do lote, foi possível trabalhar os fogos de forma mais regular e explorar outro tipo de relações. A cozinha encontra aqui o seu próprio canto, com uma vista sobre o logradouro. Esta abre-se para o espaço mais social da casa que termina numa varanda estilo 'loggia'. Aqui, os limites entre exterior e interior dissipam-se quando abertas as grandes portas de vidro. A circulação vertical é também nesta planta um elemento de destaque. O momento de chegada aos fogos é novamente valorizado com um átrio que comunica com as diferentes unidades. O topo do edifício é coroado com um terraço. Um lugar de encontro que procura tirar proveito da vista sobre o tejo. Em ambas as propostas, existe esta vontade clara de criar espaços de uso coletivo, sejam estes fechados, abertos, delimitados ou livres.

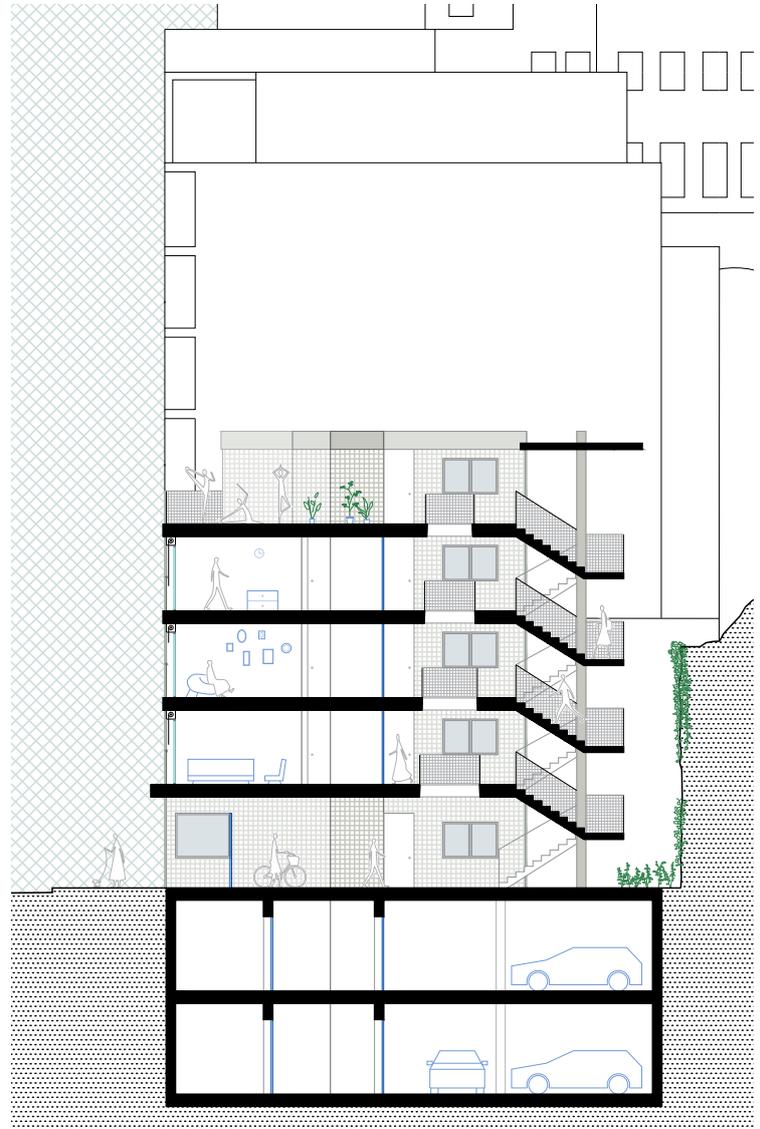


concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente
iscte 01.24 - 02.24

logradouro n01
corte pela circulação
1/250

37 / 93

O exterior é também pensado. Desenhado.
No lote N01 o logradouro resolve a diferença de cotas. Dois patamares. Um
pavimentado e outro ajardinado. Neste, uma oliveira tem um papel de destaque.
Um exemplar arbóreo pré-existente ao projeto, que se mantém imóvel à passagem
do tempo e das vontades.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente
iscte 01.24 - 02.24

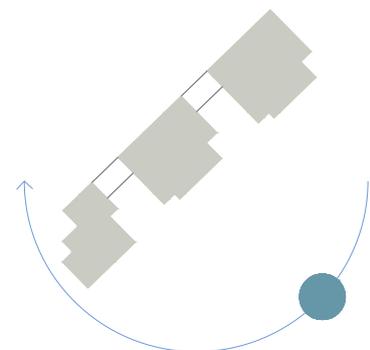
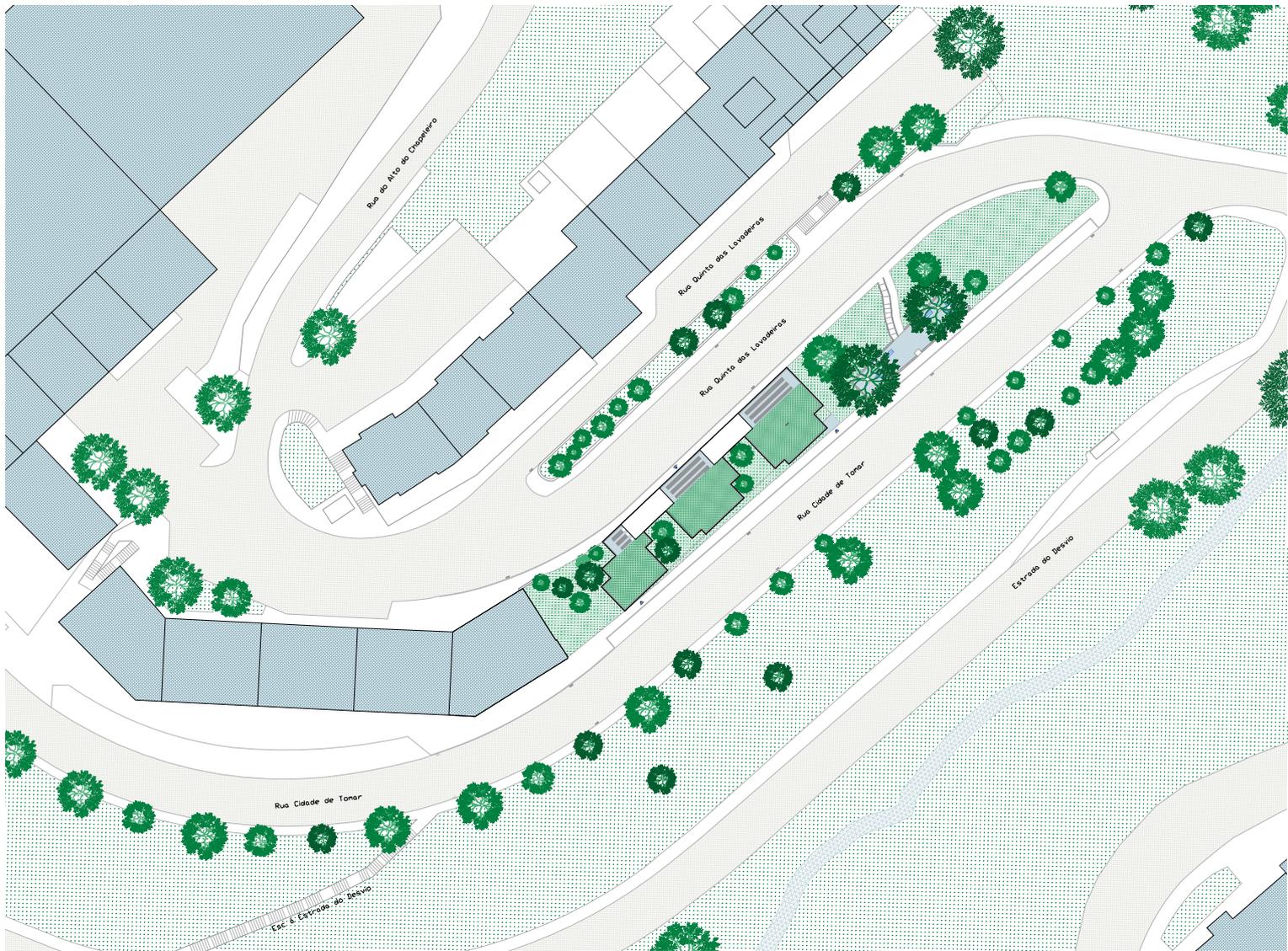
logradouro n02
corte pela circulação
1/250

38 / 93

No lote N02, o logradouro surge não só do seguimento da lei, mas também da vontade de criar um espaço exterior. Um pequeno pátio. Um outro lugar de uso comum aos vários residentes.

Ao contrário do que o seu nome aparenta indicar, esta foi na realidade a primeira proposta a ser realizada. Foi nesta que mais tempo foi despendido. Alçados, plantas e tipologias comprovam-no. Do piso térreo ao topo, as intenções são claras. O projeto é uno. N02 é um projeto que segue coerente, o mesmo não pode ser dito sobre o N01. O tempo que sobrava mostrou-se insuficiente para responder de forma assertiva ao seu complexo lote.

No fim, o conjunto proposto é o resultado de um programa desafiante, por vezes irrealista e contraditório, aliado a um calendário insuficiente para o responder. Não podemos parar. Continuemos a nadar.



projeto de um edifício de habitação e requalificação da área envolvente na rua da quinta das lavadeiras, santa clara
 iscte 02.24 - 03.24

planta de implantação
 1/1000
 esquema orientação solar

40 / 93



Outra vez individual. Outra vez habitação coletiva. Outra vez um mês. Abraçamos o penúltimo capítulo desta saga. Um desafio menor face ao anterior. Apenas um lote a trabalhar. Contudo, um lote peculiar: estreito, comprido, inclinado e coberto por um manto verde, onde árvores de pequeno e grande porte se alojam. Na ponta do lote, dois grandes exemplares abraçam um pequeno parque de merendas ali existente. Estes devem ser protegidos, uma fração do lote considerada inalterável. Faço deste o meu objetivo: preservar o máximo de exemplares arbóreos, o projeto que cresça em torno destes.



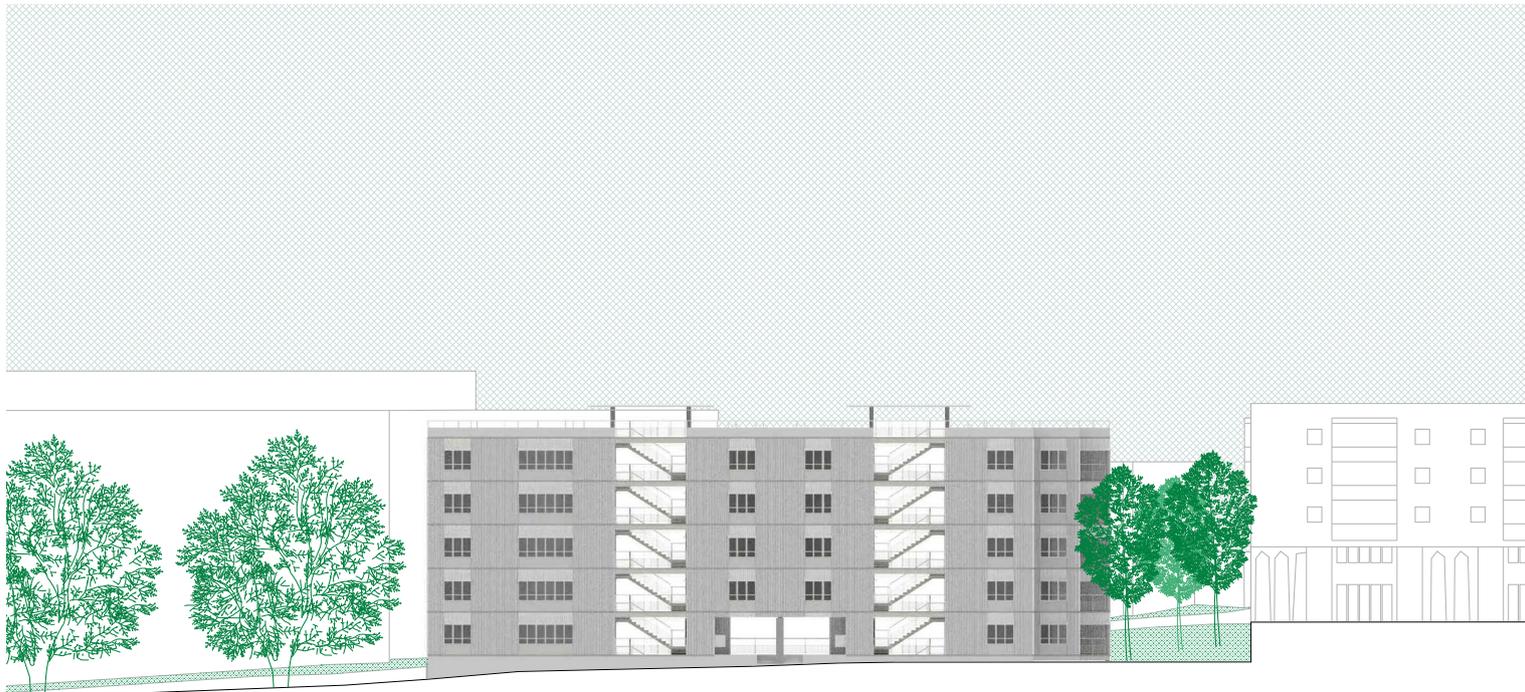
projeto de um edifício de habitação e
requalificação da área envolvente na
rua da quinta das lavadeiras,
santa clara
iscte 02.24 - 03.24

vista exterior - alçado poente/norte

41 / 93

Duas ruas delimitam o lote.

O lado norte, encontra-se pontuado por blocos habitacionais com faces regulares e ritmadas, que para esta rua dão a sua cara principal. O projeto, segue também esta lógica, oferecendo o seu lado mais rígido, regular e regrado para este lado mais urbano. Na sua faceta 'principal', os blocos de circulação vertical e o hall de entrada, surgem como perfurações no edifício, permitindo o atravessamento visual entre ruas e oferecendo a quem por ali passe vislumbres do jardim que do outro lado cresce.



projeto de um edifício de habitação e
requalificação da área envolvente na
rua da quinta das lavadeiras,
santa clara

iscte 02.24 - 03.24

perfil rua quinta das lavadeiras

perfil rua cidade de tomar

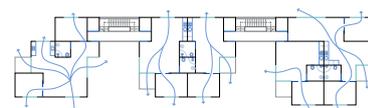
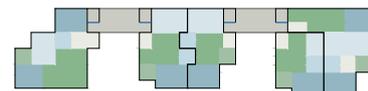
1/500

42 / 93

Estas perfurações transformam um único volume em três blocos, que são recortados consoante a posição das árvores pré-existentes e mantêm-se conectados através dos núcleos de circulação vertical.

A materialidade expressa nas suas faces, foi pensada tendo em conta a ideia de mutabilidade. Todo o edifício é coberto por chapas onduladas de aço galvanizado, permitindo uma contínua interação com as árvores que ali crescem, através da projeção das suas sombras e da sua reflexão.

O edifício vive de uma relação simbiótica com o meio natural.



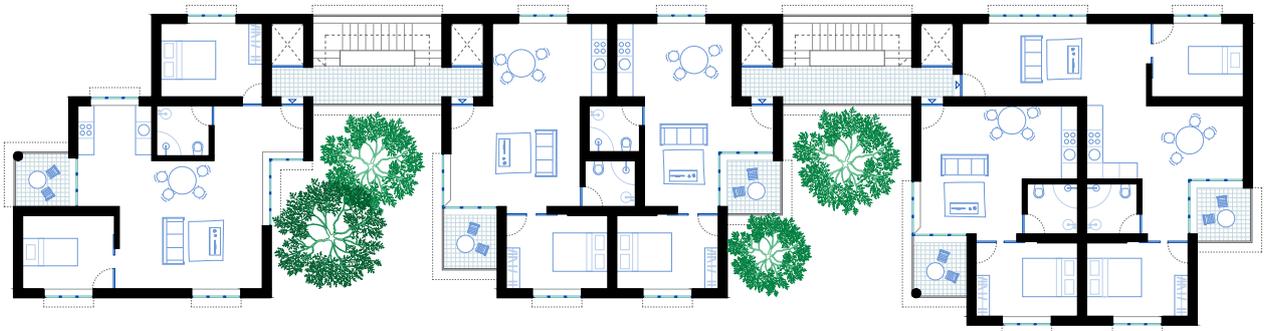
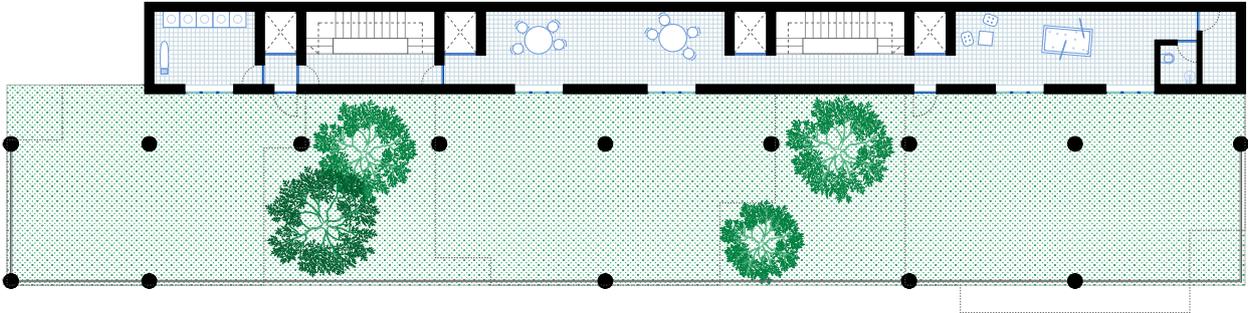
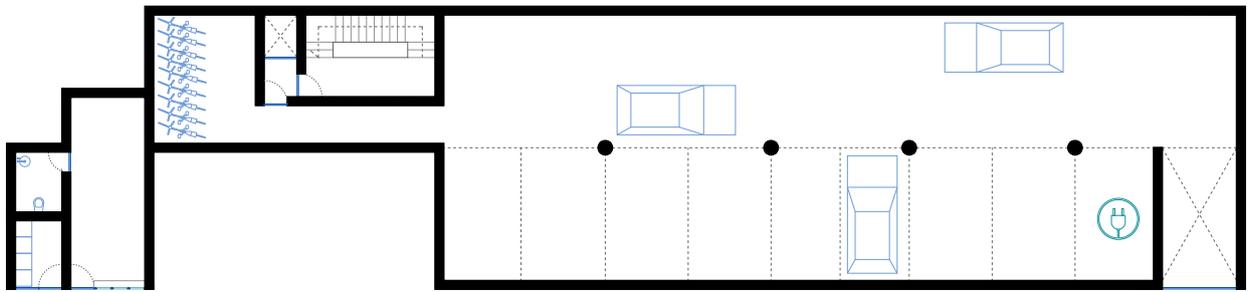
projeto de um edifício de habitação e requalificação da área envolvente na rua da quinta das lavadeiras, santa clara
iscte 02.24 - 03.24

planta do piso térreo
1/275
esquema organização interna
esquema ventilação

43 / 93



No piso térreo, o atravessamento visual entre ruas e a relação com o espaço ajardinado é mais expressivo. Este jardim acaba por ser uma reinterpretação do manto verde pré-existente. Transforma-se num plano horizontal, mas mantém as posições dos seus elementos paisagísticos. O acesso ao núcleo de escadas é feito a partir de um pequeno hall, que olha sobre este espaço verde desenhado. Aqui, neste piso, surgem as primeiras unidades habitacionais, que de um lado encontram-se elevadas face à rua e do outro rente a esta, exaltando a diferença de cotas presente no local.



projeto de um edifício de habitação e
requalificação da área envolvente na
rua da quinta das lavadeiras,
santa clara
iscte 02.24 - 03.24

planta de estacionamento
planta piso intermédio
planta tipo
1/275

44 / 93



De modo a resolver o declive, é criado um piso intermédio entre o térreo e o estacionamento. É aqui que se encontra a área ajardinada que tem vindo a ser referida. Esta é como se fosse um corredor verde que une todo o lote, que permite o seu atravessamento de uma ponta à outra. Neste piso intermédio, a lavandaria e as salas de convívio têm contacto direto com o exterior, através de grandes vãos envidraçados, que abrem para o jardim verdejante.

No que toca às unidades habitacionais, o projeto, tem como ideia central a flexibilidade espacial, permitindo que cada apartamento se possa adaptar às necessidades dos seus residentes. Por sua vez, as tipologias são consequência da vontade de manter o máximo de elementos arbóreos no lote.

Deste modo, cada apartamento acaba por diferir entre si, sofrendo recortes distintos que acrescem na qualidade dos espaços interiores e que os tornam únicos. Cada unidade beneficia de dupla orientação, e de uma permeabilidade visual e espacial das áreas sociais, o que enaltece uma sensação de um espaço contínuo, que pode ser apropriado como o habitante bem entender.

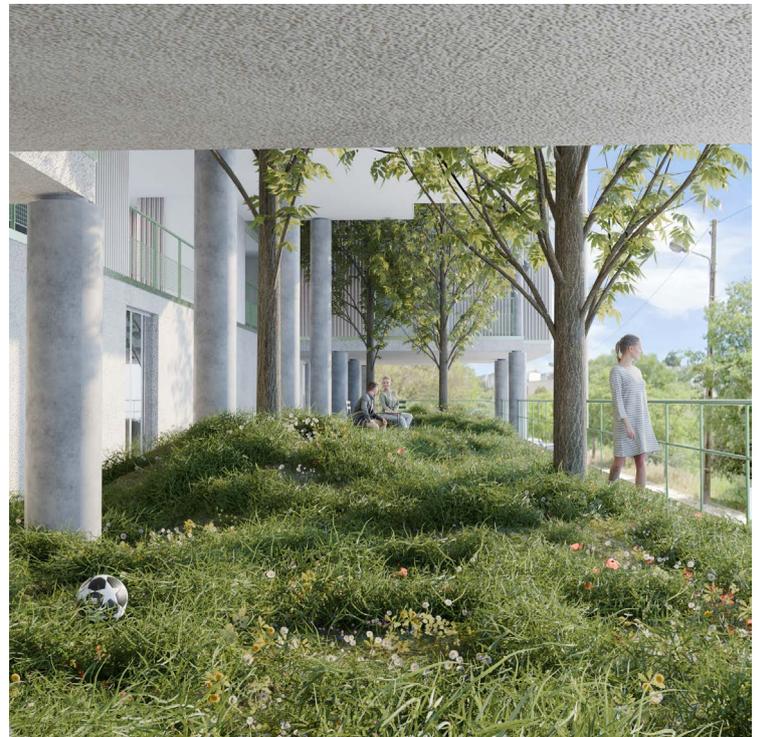
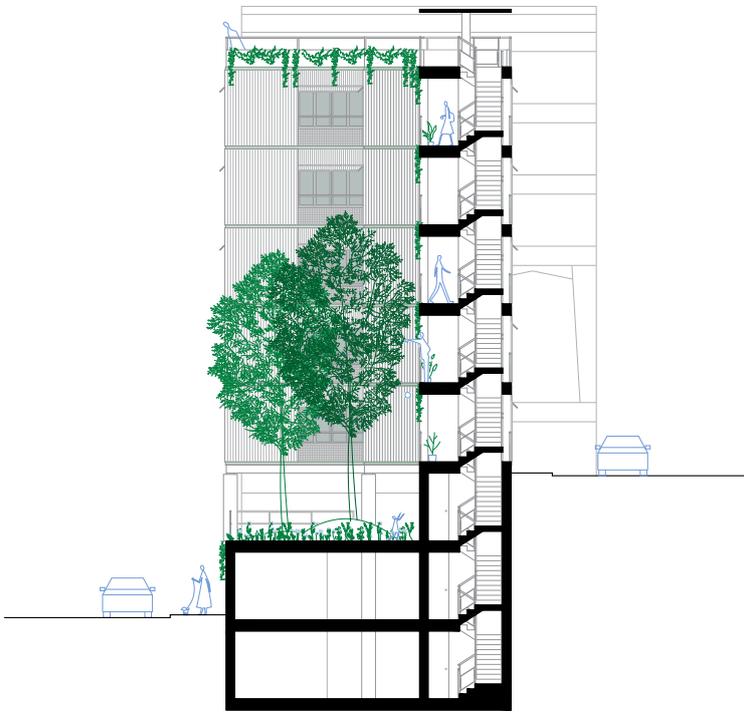


projeto de um edifício de habitação e
requalificação da área envolvente na
rua da quinta das lavadeiras,
santa clara
iscte 02.24 - 03.24

vista interior - motor da casa
vista interior - espaço social

45 / 93

O exterior verde interfere, também, com interior das habitações.
Parte dos vãos enquadram os elementos arbóreos ali preservados. Além disso,
cada fogo contém uma varanda tipo 'loggia', cujos seus limites dialogam com as
copas verdes destes exemplares.
Cada habitação parece surgir de um sonho de infância de habitar numa casa
construída entre os ramos de uma árvore.



projeto de um edifício de habitação e
requalificação da área envolvente na
rua da quinta das lavadeiras,
santa clara
iscte 02.24 - 03.24

corte pela circulação vertical
corte pelos fogos
1/275
galeria de acesso aos fogos
jardim entre pisos

46 / 93

O tema da transparência e do atravessamento visual e físico, encontra-se expresso em todo projeto. Desde a circulação vertical ao interior dos fogos, existe uma continuidade entre espaços. É o conectar de duas faces de um lote. A criação e preservação de um espaço central verde é também umas das intenções base do projeto, que acaba por definir grande parte deste, nomeadamente a circulação vertical, cujas galerias vivem da relação com este espaço exterior. Quando por nestas circulamos estamos entre as copas das árvores e somos transportados para longe do meio urbano. É o exaltar da relação entre o meio natural e o construído.

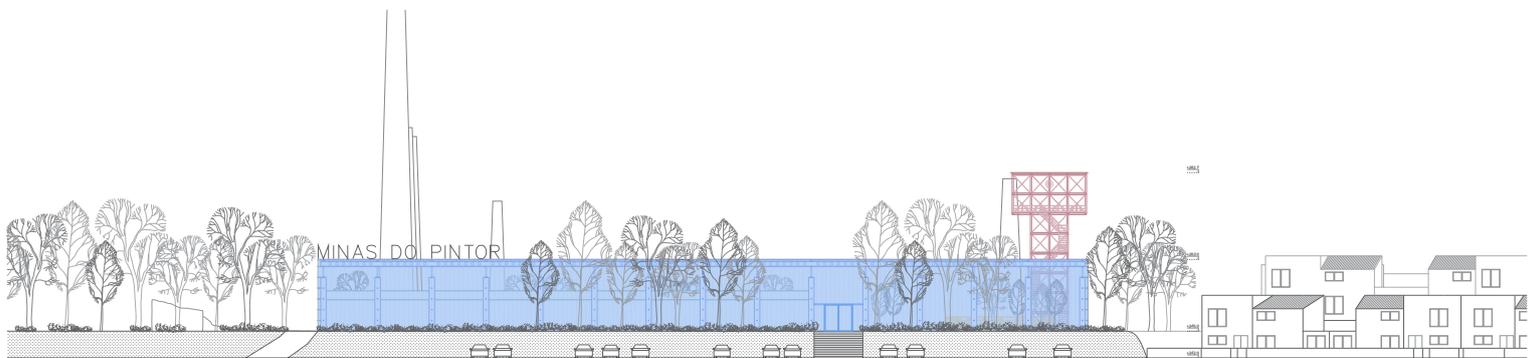
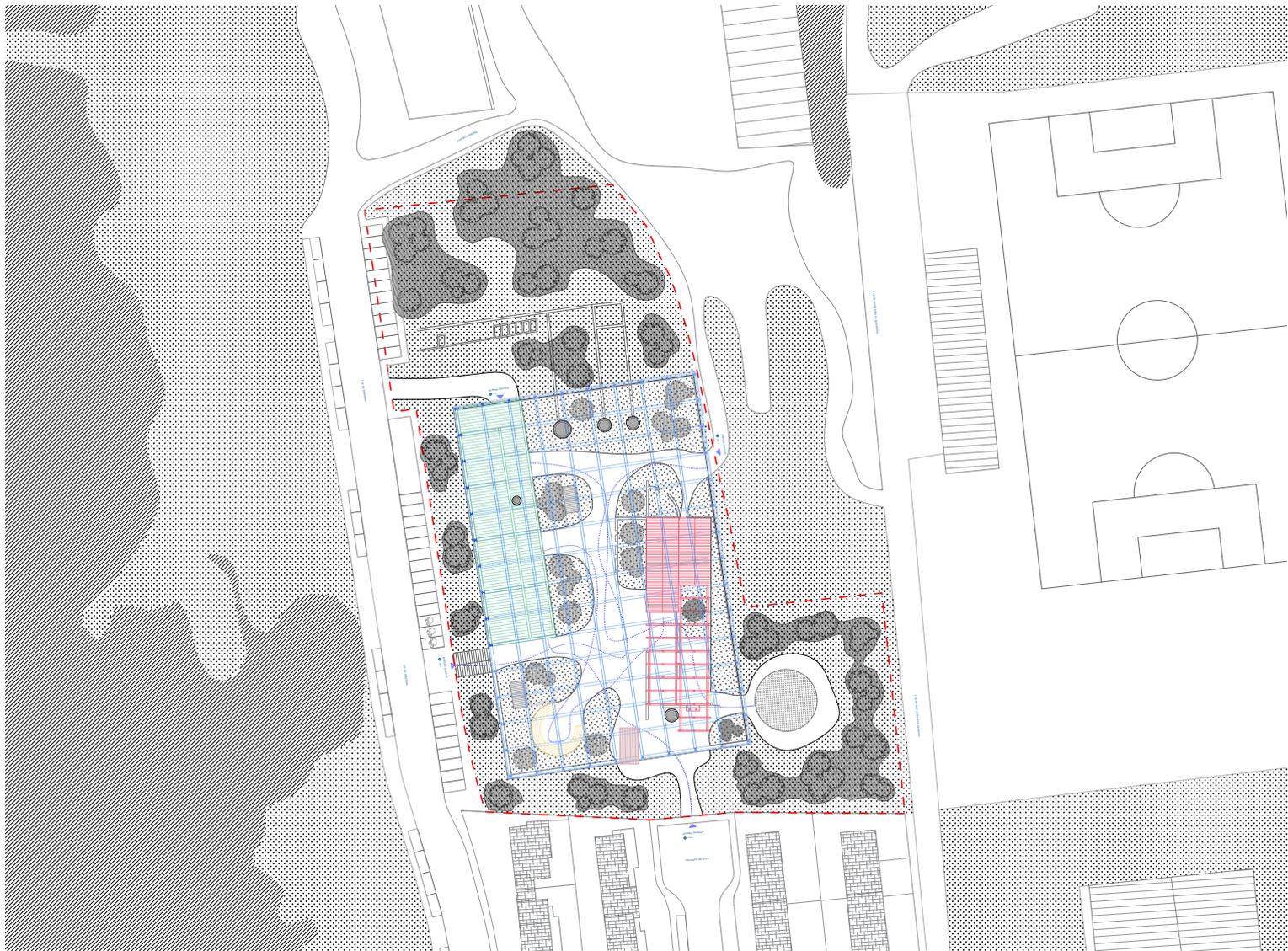


projeto de um edifício de habitação e
requalificação da área envolvente na
rua da quinta das lavadeiras,
santa clara
iscte 02.24 - 03.24

vista exterior - alçado nascente/sul

47 / 93

O resultado foi um projeto feito de intenções, cuja tela inicial e as restrições legislativas deram origem ao princípio regedor de todo o projeto: a preservação do meio verde presente. Do lugar surge um edifício de duas caras, uma que tenta jogar com as regras existentes e a outra que rompe com o meio. Contudo, no fim, o todo é alcançado de forma coerente e o que fica é um projeto que usa o problema como pretexto para alcançar algo mais, que explora as minhas vontades e interesses enquanto autora. Um último esforço. A meta está ao virar da esquina.



concurso de conceção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor

daniel anjos
inês montês
josé santos

iscte 04.24 - 05.24

planta de implantação
alçado da rua de rebelões
1/400



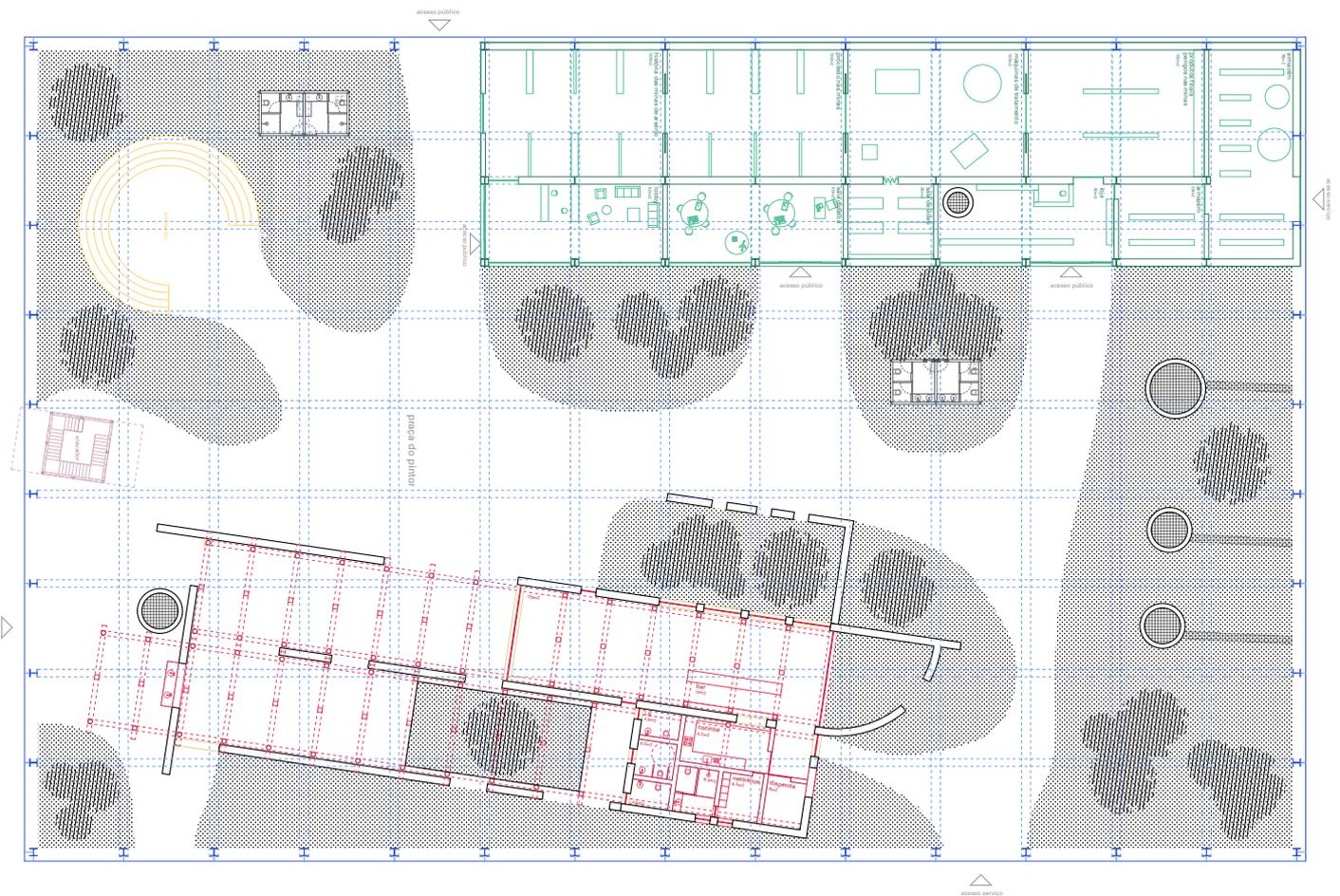
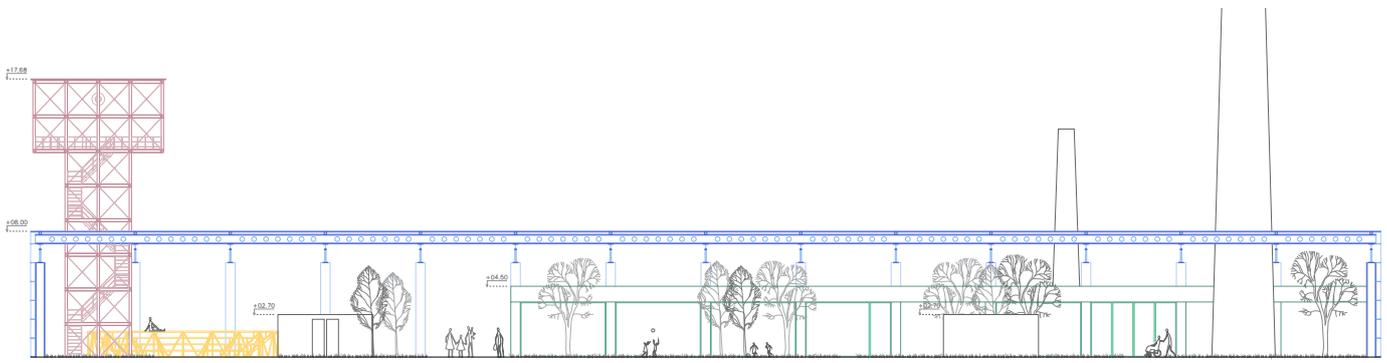
49 / 93

This is the end.

Um último concurso. Um último grupo.

Três colegas, que já há muito queriam trabalhar juntos a projetar o que será o nosso último projeto académico. A maneira perfeita de terminar este percurso, não de dez meses, mas de cinco anos.

Na nossa mesa de trabalho encontram-se umas minas desativadas: as minas do pintor. O objetivo? Transformar este espaço num complexo cultural, preservando as chaminés de pedra existentes e o máximo das ruínas que ali perduram. Um concurso contrastante com o que até aqui temos feito, não só pelo programa, mas pela falta de material base. A adicionar a esta condição, cada grupo, tem um material específico a partir do qual terá de desenvolver o projeto. O nosso? O aço.



concurso de conceção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor

daniel anjos

inês montês

josé santos

iscte 04.24 - 05.24

planta geral
corte longitudinal
1/400

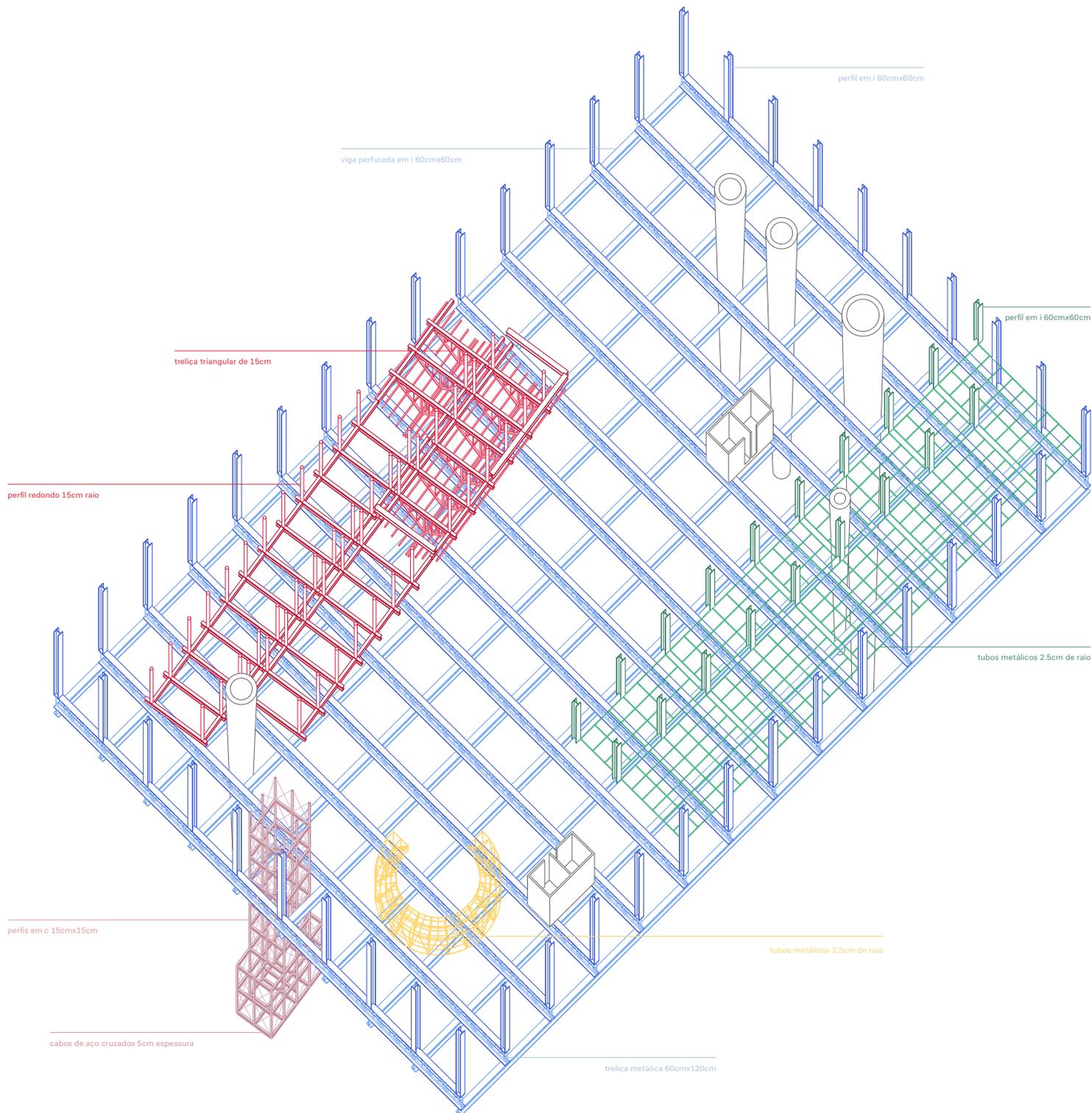


50 / 93

Levámos o material ao limite e com ele construímos uma caixa que delimita todo o recinto, uma 'big box', que contém o programa necessário ao funcionamento do complexo (anfiteatro, café, museu e a reinterpretação da torre de elevador) e que rompe com o contexto onde assenta.

No seu interior duas grelhas surgem sobrepostas, uma que responde ao presente e outra ao passado. Ao presente encontra-se associado o museu e a grande caixa estrutural e ao passado o café, que nasce das ruínas pré-existentes no local.

Também a torre de elevador redesenhada segue a mesma orientação das ruínas, uma vez que faz alusão ao passado deste lugar. A torre cresce junto do anfiteatro e marca uma das entradas no complexo. No centro deste, delimitada por todos os programas aqui presentes, nasce uma praça a partir da qual temos a perceção da complexa estrutura que define este projeto.



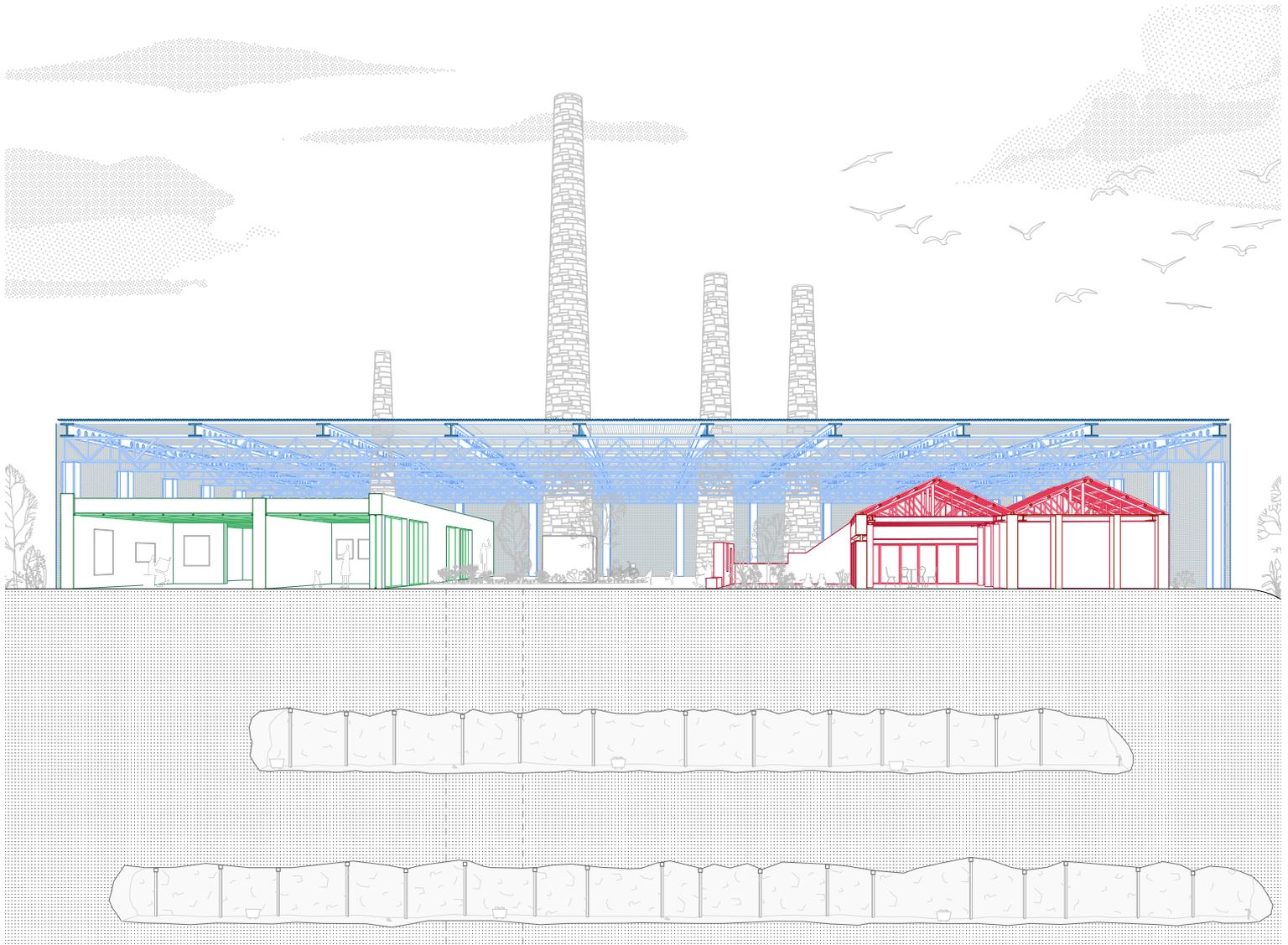
concurso de conceção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor

daniel anjos
inês montês
jósé santos
iscte 04.24 - 05.24

axonometria da estrutura

51 / 93

Esta estrutura hiperdimensionada e leve, só podia ser idealizada em aço, onde grandes vãos conseguem ser obtidos através da sobreposição entre vigas perfuradas e treliçadas. Os pilares apenas aparecem no perímetro, aos quais surge encaixada uma malha metálica, que delimita todo o complexo. Uma espécie de véu que cria uma linha ténue entre o exterior e o interior.



concurso de conceção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor

daniel anjos
inês montês
josé santos
iscte 04.24 - 05.24

corte perspectivado do interior do
complexo

52 / 93

Tendo em conta a sua importância histórica, as grandes chaminés de pedra assumem um papel de destaque face a todo o conjunto, rompendo a 'big box' e tornando-se visíveis de todos os ângulos. Este gesto acaba por assumir uma posição de diálogo, entre o novo e o antigo.



concurso de conceção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor

daniel anjos
inês montês
josé santos
iscte 04.24 - 05.24

imagem da entrada do complexo a
partir da urbanização

53 / 93

Na entrada principal do complexo, a torre de elevador e uma das chaminés recebem-nos de braços abertos, marcando este ponto de entrada. Invés de lutarem por protagonismo, cada estrutura sabe o seu lugar e promove a comunicação entre um passado e um presente. Neste momento de chegada, temos também a percepção do véu que cobre todo o complexo. Este não oculta o interior do recinto, sendo praticamente transparente, existindo apenas pela necessidade de delimitar a 'big box'.



concurso de concepção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor

daniel anjos

inês montês

josé santos

iscte 04.24 - 05.24

imagem do interior do complexo

54 / 93

No centro desta proposta, os limites entre o interior e exterior são desafiados. Na praça central, com vegetação em nosso redor e com os pés acentes na terra, conseguimos perceber que este espaço coberto tenta ser na realidade uma extensão do exterior, que convida à permanência independentemente das condições meteorológicas. Aqui estamos simultaneamente dentro e fora.



concurso de conceção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor
daniel anjos
inês montês
jósé santos
iscte 04.24 - 05.24

imagem do interior do café

55 / 93

O interior do café revela o carácter delicado da sua intervenção. Mantivemos a carcaça de pedra, assumindo-a como os limites físicos deste programa. A esta apenas adicionamos uma estrutura autónoma que sustem a nova cobertura. Cada elemento que faz parte desta nova estrutura assume uma cor, facilitando a sua leitura e trazendo um pouco do exterior colorido para este interior monótono.



concurso de conceção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pinto

daniel anjos

inês montês

josé santos

iscte 04.24 - 05.24

imagem do interior do museu

56 / 93

O desenho do museu nasce da própria estrutura hiperdimensionada, sendo a sua grelha expressa no pavimento e na cobertura, ajudando na organização interna deste programa.

Este foi, sem sombra de dúvida, o concurso que mais gosto deu em responder. Tudo fluía com uma certa facilidade, desde a discussão ao resultado final.

Enquanto equipa remamos sempre no mesmo sentido, sempre com a mesma intensidade e paixão pela arquitetura. O resultado foi (atrevo-me a dizer) um bom projeto, que responde e ultrapassa a barreira do que nos foi pedido.

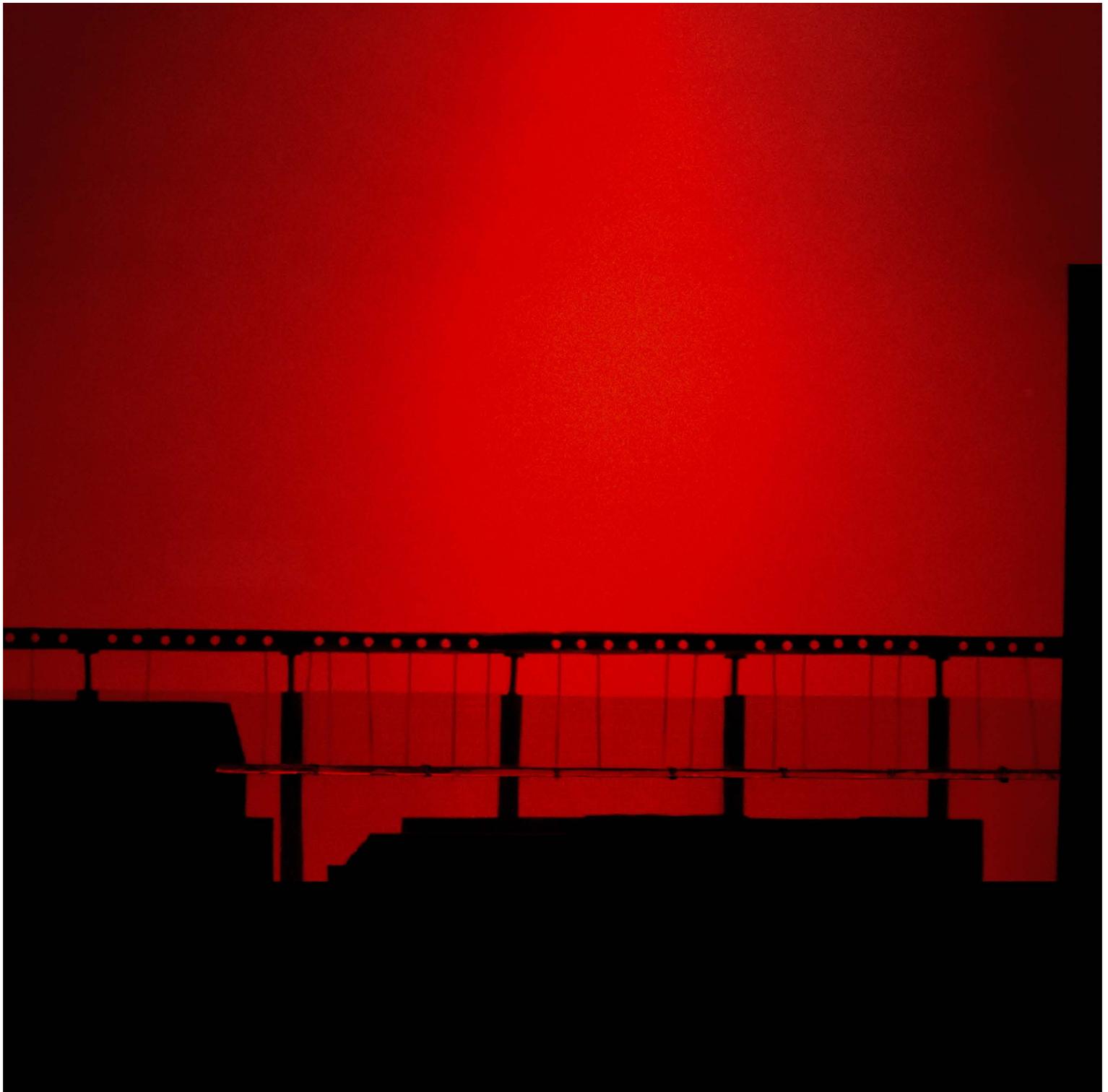
No fim, libertamo-nos das amarras do programa, abraçamos a experimentação, cultivamos ideias e exprimimos intenções.

Não podia ter desejado um melhor cruzar de meta.

CONFRONTO

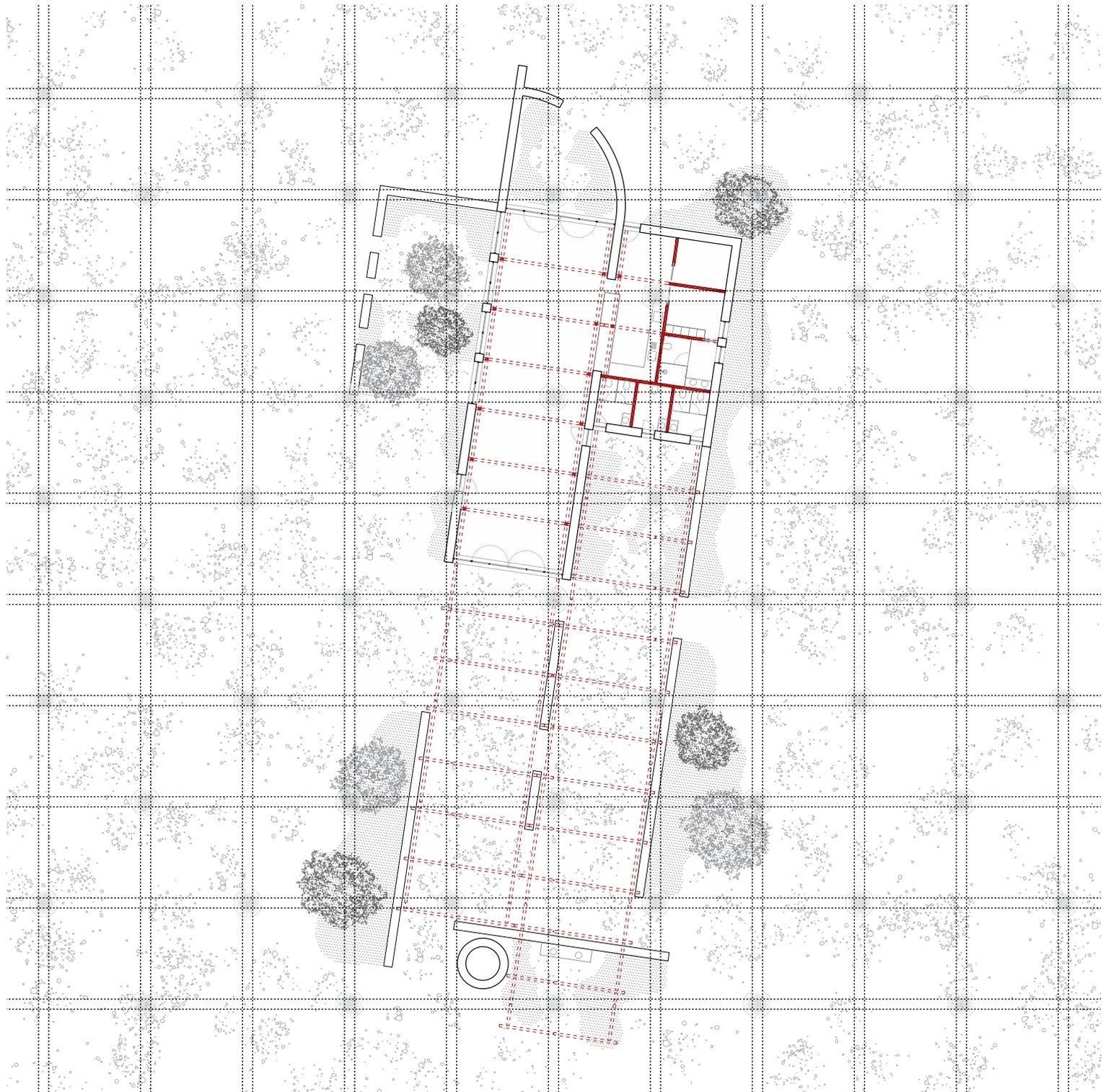
'Outrora uma mina, hoje um complexo cultural. Outrora um armazém de arsénio, hoje um café. Este é um projeto de confrontos entre tempos, escalas e massa, que surge do contraste entre duas grelhas, uma rígida, que delimita a intervenção e outra que contradiz a primeira.'

Em modo transitivo para o ensaio, surge primeiro, um 'bonus track', com base no projeto anterior. Um remake de uma fração deste.
O objetivo? Desenvolver o projeto aliado a várias formas de representação: uma maquete, um desenho 2D, uma axonometria e uma imagem. As possibilidades são infinitas, deixemos a imaginação e criatividade correr livres.
O fragmento escolhido foi o café.



Tal como nas animações criadas por Walt Disney, onde vários planos são sobrepostos para criar uma imagem, o projeto pode também ser sintetizado pela sobreposição de sistemas distintos: as ruínas de pedra, vestígios de um passado distante que são preservadas para abrigar um novo programa; as adições estruturais que contrastam com as ruínas pela sua materialidade, que remete para uma leveza face à construção em pedra; e uma estrutura hiperdimensionada que ilumina e abraça todo o complexo.

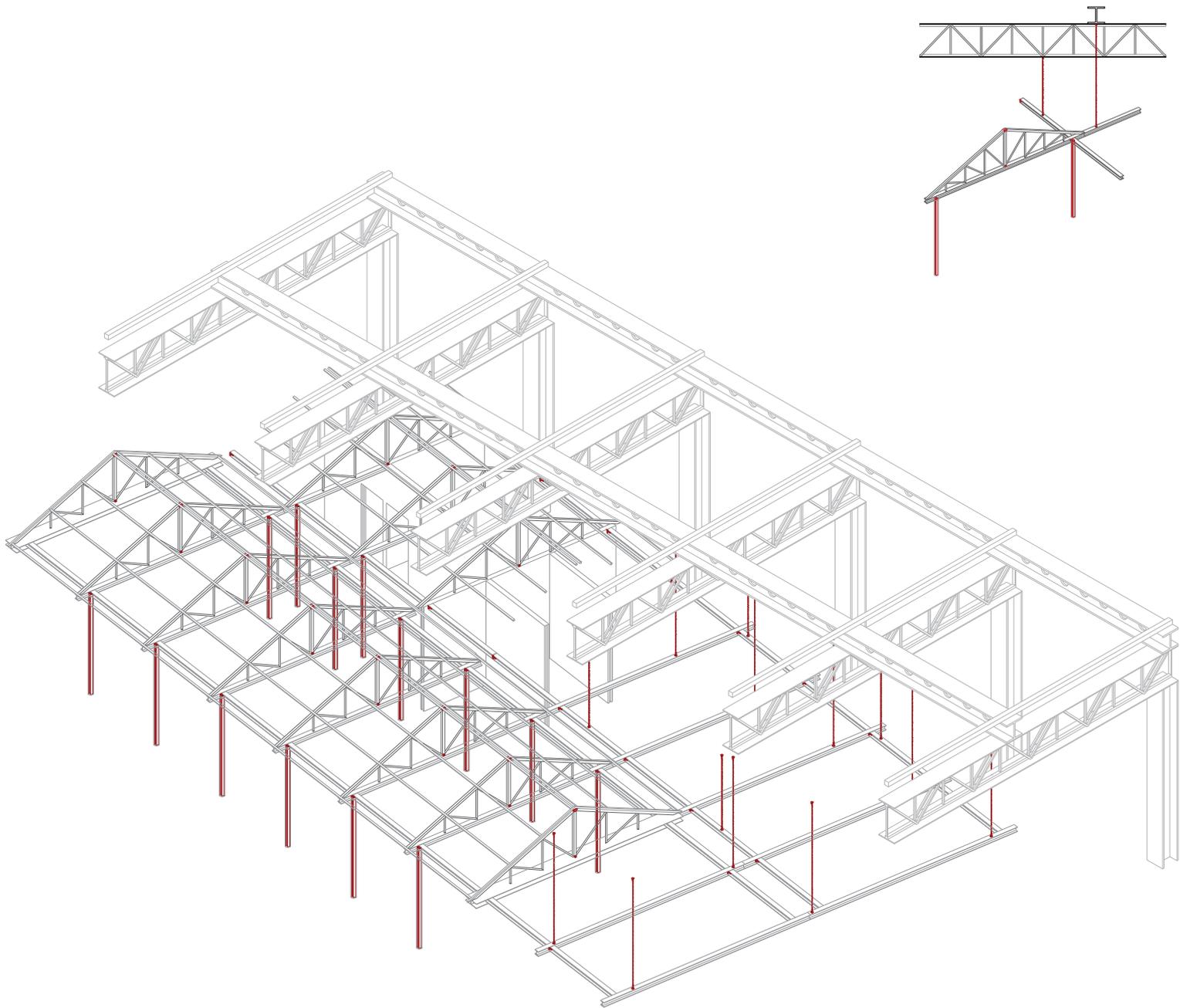
Ao sobrepor estes três planos, a adição ganha destaque pela sua função conectora entre sistemas, assumindo o vermelho face à ausência de cor dos outros elementos.



O confronto entre grelhas, torna-se mais evidente através da planta, onde a 'big box', é contrariada pela pequena escala que segue uma outra orientação definida no passado.

Os diferentes elementos estruturais, que respondem a uma escala menor, acabam por definir e dividir o programa necessário ao funcionamento do café. No exterior estes elementos sobrevoam as ruínas existentes no local, agarrando-as e tornando-as parte do projeto. Já no interior estas pequenas adições surgem para elevar e sustentar a cobertura.

O projeto tira total proveito daquilo que já existe, os vestígios do passado são um invólucro cujo seu interior é composto por um esqueleto leve e metálico.



Um desenho que contrasta com a planta pela sua ausência de massa. Quase como um esqueleto, a adição, ganha uma nova leitura com a omissão da sua carcaça de pedra. A sua função estrutural assume um papel de destaque, onde encaixes, parafusos e cabos de tensão tornam-se visíveis e vigas, pilares e treliças ganham uma nova dimensão. Sistemas comunicam entre si de forma mais clara, a ligação e confronto entre escalas torna-se perceptível.



the last jump
iscte 05.24 - 06.24

exterior entre as ruínas

62 / 93

A imagem é a soma de todos os aspetos do projeto, onde a materialidade e os pequenos detalhes ganham vida.

De repente estamos no meio de ruínas e sobre nós flutuam vigas agarradas por cabos a uma grelha de aço, quase como uma marionete. Também os elementos de iluminação surgem suspensos apenas conectados por fios a esta grande estrutura.

Os elementos estruturais, metálicos e leves sobrevoam o complexo enquanto as ruínas de pedra, pesadas assentam no chão. A imagem pode assim, ser dividida ao meio, exaltando o contraste entre as partes. No entanto, existe sempre um sistema conector: a estrutura vermelha do café.

Isto foi um projeto de confrontos e o resultado de um ano de experimentação.



space shuttle discovery lifts off
john a. chakeres, 1984

o programa como ponto de partida

64 / 93

¹ breitschmid, markus. the significance of the idea. (2008) p.09

² breitschmid, markus. the significance of the idea. (2008) "(...) in the end, there is no more right or wrong in architecture." p.09

"(...) we do not live in a time in which there exists a general ideal of architecture that is, figuratively speaking, hovering above us and that presents us with instructions on what to do."¹

Ao contrário de um passado de tratados, onde a arquitetura era regida por regras, atualmente não existe um livro de instruções que indique como a fazer. Não existe, portanto, 'mais certo ou errado na arquitetura',² apenas variadas e infinitas visões. Contudo, podemos afirmar que a criação não surge do nada, há um passado que interfere num futuro. Por detrás de qualquer processo existe um conjunto de fatores e condicionantes que fazem com que o seu resultado seja único. Pretende-se analisar e refletir de forma aberta e por vezes pessoal, sobre estes agentes que são na realidade a base de qualquer processo de criação e experimentação arquitetónica, através de uma estrutura tripartida entre o 'eu', o 'outro' e o 'problema'.



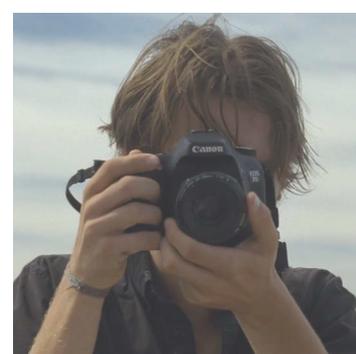
Podem até não gostar da ideia no início, mas vamos mudar-nos para Houston.



Chamo-lhe o Álbum Negro dos Beatles.



Muitas vezes, passo o fim de semana a tirar fotografias.



boyhood: momentos de uma vida,
richard linklater, 2014

quem sou eu?

65 / 93

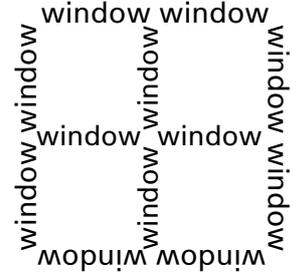
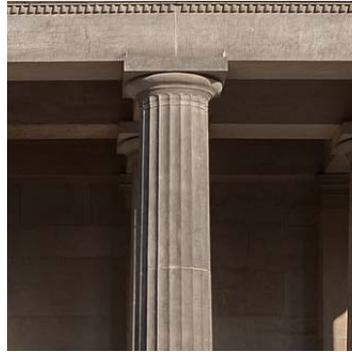
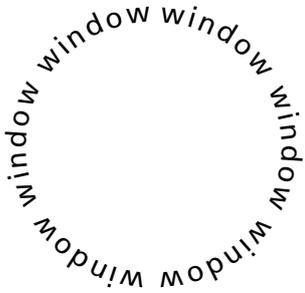
"(...) we are living in a time in which we make our own decisions based on our own foundations, our own moral and ethical foundations. I think that you have to find out for yourself what your limits are."³

Tudo começa com o eu.

Somos um livro que vai sendo escrito, que só termina na nossa última página. No início, somos apenas uma capa, um invólucro, cujo interior se encontra repleto de folhas em branco, à espera de que as influências externas as comecem a preencher, a moldar o eu, a construí-lo. Estas condicionantes, permitem a singularidade de cada pessoa. O lugar geográfico, as condições económicas, sociais, a época, os outros com quem nos relacionamos são apenas alguns dos fatores que criam um conjunto de condições irreplicáveis. O eu é uma criatura única e volátil. A nossa construção é marcada por etapas. Nos primeiros anos dependemos das decisões do outro. Depois crescemos, começamos a definir o nosso caminho, a escolher aqueles que nos rodeiam e aquilo que nos interessa, tudo com base nas influências que fomos sofrendo. É aqui nos primórdios do eu que o seu futuro vai sendo traçado. Através de uma sucessão de eventos, de escolhas e de trocas com o outro, vamos ganhando definição, desenvolvemos interesses e evoluímos.

³ breitschmid, markus. the significance of the idea. (2008) p.09

roof roof
 roof roof
 roof roof roof
 roof roof roof roof
 roof roof roof roof roof
 roof roof roof roof roof roof
 roof roof roof roof roof roof roof
 roof roof roof roof roof roof roof roof
 roof roof roof roof roof roof roof roof roof



door door door door
 door door door door
 door door door door
 door door door door
 door door door door



079
 fala, 2020
 villa savoye
 le corbusier, 1931
 the neue wache
 karl friedrich schinkel, 1818

quem sou eu?

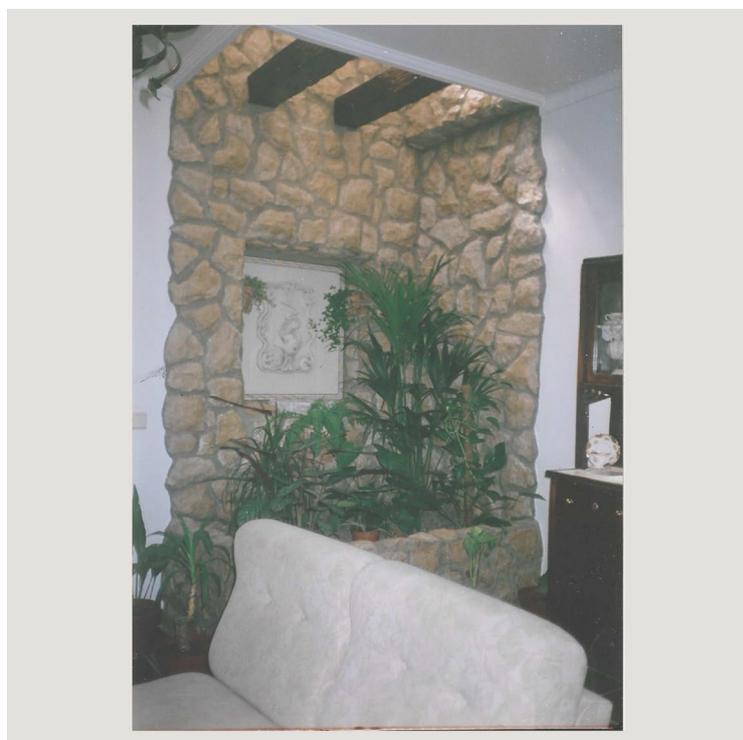
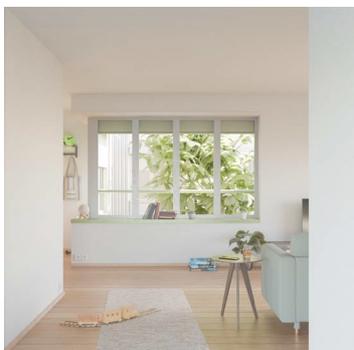
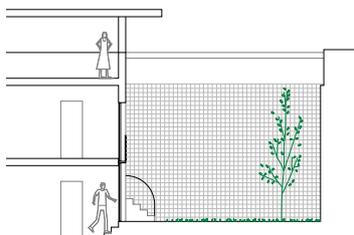
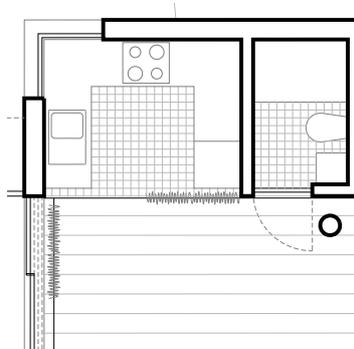
66 / 93

"Remember your earliest memories as a baby. They are valuable to you in your architecture or your art. Don't forget those. Take them with you."⁴

A arquitetura também está presente desde o primeiro momento, embora nem sempre de forma clara. A casa de infância é talvez o lugar construído de onde mais memórias temos – "Quando se constrói uma casa, constrói-se uma cápsula do tempo."⁵ Era aqui, neste lugar, que as brincadeiras ganhavam vida e a imaginação desconstruía os diversos elementos que constituem uma casa. Um pilar não era apenas um elemento estrutural era também um acessório ao jogo das escondidas ou da apanhada.

"When I think about architecture, images come to mind. Many of these images are connected with my training and work as an architect. (...) Some of the other images have to do with my childhood. There was a time when I experienced architecture without thinking about it. Sometimes I can almost feel a particular door handle in my hand, a piece of metal shaped like the back of a spoon. (...) Memories like these contain the deepest architectural experience that I know. They are the reservoirs of the architectural atmospheres and images that I explore in my work as an architect."⁶

⁴ scott brown, denise em arquitetura entre vistas abroad. (2024) #24. 18:54
⁵ noqueira, bruno. o cheiro da casa, aqui dentro faz muito barulho. (2023) p.184
⁶ zumthor, peter. thinking architecture. (1999) p.10

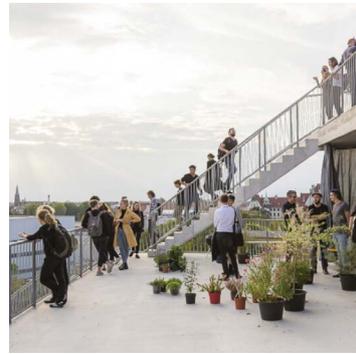


cozinha da casa de infância da autora,
2003
sala da casa de infância da autora,
2003
planta cozinha, casa-atelier,
autora, 2022
corte, casa atelier,
autora, 2022
cozinha, concurso 005,
trapolim, 2024
sala, concurso 006,
trapolim, 2024

quem sou eu?

67 / 93

A casa é onde o eu, começa a conceber o conceito de espaço. É aqui que começamos a construir o nosso livro de referências, onde cada canto começa a ter nome e a ideia de escala surge. Aqui construímos as primeiras imagens, que mais tarde iremos referenciar. No meu livro pessoal, existe a imagem de uma cozinha, que no encontro entre duas paredes encontrou o seu lugar, esta era aberta, apenas com um balcão e umas portas tipo 'saloon' a delimitar a sua área. Nas minhas memórias de infância lembro-me de me pôr em bicos dos pés para conseguir chegar ao balcão. Tinha a ideia de este ser demasiado alto, e mesmo em pontas não conseguia olhar para o interior que delimitava. Saí ainda criança desta casa, não foi aqui que desenvolvi o conhecimento de escala, por isso, quando voltei a pisar este lugar anos mais tarde, parte da imagem que tinha inicialmente construído ruiu. O balcão tinha talvez pouco mais de um metro e dez e não obstruía a visão. Aliás, toda a casa parecia-me agora mais pequena. Outra imagem é a de uma floresta que brotava no canto da sala, num pedestal de pedra, onde o teto perdia a sua opacidade e o céu espreitava. Do outro lado umas grandes janelas abriam a sala para o jardim, cuja sua vedação o escondia do mundo, apenas algumas árvores espreitavam para o exterior, talvez construindo curiosidade naqueles que por ali passavam. Até hoje carregamos a marca e influência destas memórias e imagens que se exprimem na arquitetura que produzimos, mesmo de forma inconsciente.



frame de lost in translation,
sofia coppola, 2003
terrassenhaus berlin,
brandhuber, 2018

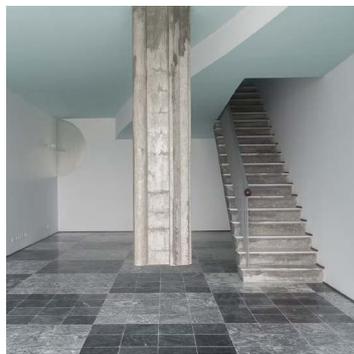
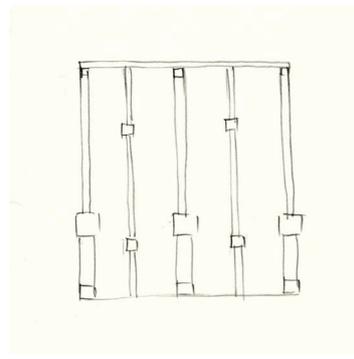
e o outro?

68 / 93

O outro surge como condição necessária para que o eu exista. Na definição do eu percebemos que o outro é uma peça fundamental. Estas duas identidades estabelecem uma relação continua e infinita de trocas de conhecimento e influências. O eu é influenciado pelo outro, mas o contrário também acontece. O eu é outro, aos olhos de outrem.⁷

Também aqui a arquitetura tem um papel essencial, surgindo como pano de fundo da interação entre estas duas figuras. Na cidade conseguimos encontrar vários exemplos onde o espaço é potenciador da interação humana, como as suas ruas, o mercado, a paragem de autocarro, etc. São os espaços do dia a dia que espelham esta rede de interações. Regressando ao tema da habitação, também aqui pode a criação arquitetónica estabelecer diferentes trocas entre o eu e o outro. Um exemplo concreto é o projeto Terrassenhaus Berlin do atelier Brandhuber, um edifício residencial e comercial, no qual as suas galerias são na realidade terraços espaçosos e semipúblicos, onde o contacto entre residentes, comerciantes e consumidores se cruza. A galeria é um lugar de passagem, mas também de permanência, onde a barreira entre o privado e o público se desvanece. As portas envidraçadas que delimitam os fogos da galeria exaltam também esta transparência entre estes dois domínios. Somos seres sociais e a interação faz parte de nós, seja esta física ou digital.

⁷deleuze, gilles; guattari, félix. o que é a filosofia? (1992) p.24



House in Nerima
 Itsuko Hasegawa, 1986
 2116
 peter markli, 2000-2013
 097
 fala, 2021
 102
 fala, 2022

bonjour tristesse
 siza vieira, 1984
house in white
 kazuo shinohara, 1966
 079
 fala, 2020
 059
 fala, 2018

mundo referencial

69 / 93

A criação encontra-se enraizada no passado. Como referido anteriormente é através do passado que se constrói o futuro. Aquilo que até aqui vivemos, conhecemos e experimentamos fica impresso em nós como que se de um livro de memórias tratasse, um livro de referências pronto a usar, mesmo de forma inconsciente no processo da criação arquitetónica. Podemos assumir que o eu é composto por todas as memórias que até ao momento da criação guardou, pelas experiências que até aqui teve e todas as referências que foi recolhendo. Isto significa que o eu, enquanto autor, é na realidade uma cápsula, que no seu interior alberga uma multitude de dados, dos quais até o arquiteto que referenciamos faz parte.

Contrariando o manifesto de Valerio Olgiati, diria que vivemos num mundo 'hyper-referencial'⁸ invés de um mundo 'non-referencial'⁹. O nosso mundo é feito de ligações, influências, sobreposições e contradições. Sem um modelo a seguir, somos capazes de existir livres para reinterpretar todo a base de dados até aqui constituída.

"Everything that has already been said is fundamental; all the words already exist. So they do not have to be created in an inventive way, but employed in an intentional way. The result is new sentences, which emerge in conjunction with their grammar, and yet never—if done correctly—end up as complete nonsense."¹⁰

⁸ suh jaewon (aoa), arquitetura entre vistas abroad. (2024) #16. 08:35

⁹ olgiati, valerio; breitschmid, markus. non-referential architecture. (2018) "we live in a non-referential world." p.13

¹⁰ geers, kersten. intentions, inventions, what is good architecture?, oase, (90) (2013) p.15



twigg
advvt, 2012
verbrande brug
advvt, 2016
leefdaal
advvt, 2016

sanderswal
advvt, 2013
woning weze
advvt, 2012
twigg
advvt, 2012

mundo referencial

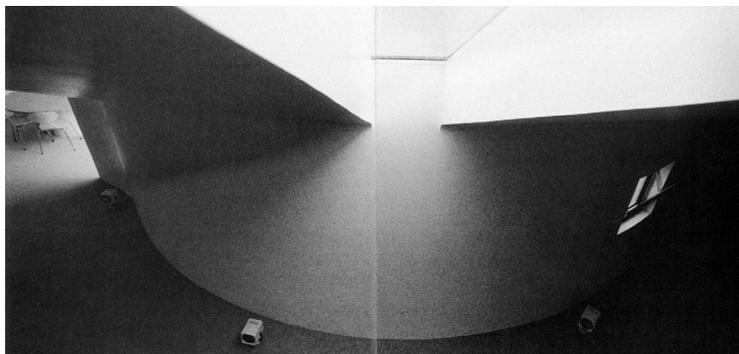
Produzimos com base num passado. O vocabulário que usamos já existe, não o inventamos. Como arquitetos apenas reordenamos intencionalmente a posição das palavras de modo a conferir novos significados, produzindo uma arquitetura, também ela como o mundo: complexa, ambígua, feita de sobreposições e por vezes contraditória, uma arquitetura que preza pela "riqueza de significados em vez da clareza de significados".¹¹

Exemplos desta riqueza pode ser encontrada na obra dos arquitetos advvt, onde conceitos base da arquitetura, são constantemente questionados e reinterpretados, como portas que surgem camufladas em paredes e janelas que outrora foram portas. A justaposição é também uma palavra de fácil associação à sua obra onde o novo e o antigo andam de mãos dadas, relação muitas vezes expressa pelo contraste entre elementos estruturais e entre as paredes novas e as carcaças de tijolo pré-existentes.

Uma arquitetura movida pela intencionalidade que se preza pela composição, ambiguidade e justaposição de elementos numa procura pela difícil unidade do todo, onde "More is not less".¹²

¹¹ venturi, robert. complexity and contradiction in architecture. (1977) "i am for richness of meaning rather than clarity of meaning; for the implicit function as well as the explicit function." p.16

¹² venturi, robert. complexity and contradiction in architecture. (1977) p.16



white u
toyo ito, 1976 - 1997
fotografia
koji taki, 1976

mundo referencial

71 / 93

¹³ shinohara, kazuo. *the anatomy of house design*. (1964) "(...) the autonomy of house design is not owned by the architect but shifts to the client."

¹⁴ magalhães, filipe. *a song of ice and fire, optimism or bust, oase*, (114) (2023) "we document the soon to be ruin." p.45

¹⁵ magalhães, filipe. *a song of ice and fire, optimism or bust, oase*, (114) (2023) p.43

Talvez a arquitetura no seu estado mais puro, a que reflete o seu autor, não seja aquela que experienciamos fisicamente, mas antes a que é capturada por uma câmara para toda a eternidade. O momento antes de um projeto ser entregue ao mundo e também ele começar a sofrer as suas influências. Não me atrevo ainda a responder a esta suposição, não creio que tenha o conhecimento necessário para tal. Talvez só saberei responder quando também eu tiver realizado um projeto, construído e o entregue, para depois o ver ser alterado, retalhado e desmanchado pelo outro, comprometendo o equilíbrio tão difícil de atingir do todo. É verdade que quando o projeto chega a um ponto final, as chaves mudam de mão, nas palavras de Kazuo Shinohara a autonomia do projeto já não pertence ao arquiteto, passa para o cliente.¹³

Por isso, talvez o que vale a pena expor e estudar sejam as realidades ficcionais capturadas com uma câmara e guiadas pela lente do arquiteto. O documentar de algo que brevemente será destruído.¹⁴

"Inside the discipline, and specifically inside our bunker, the drawings, images and words will be revisited, shared and analysed for years, becoming a fertile humus, while the building won't be visited anymore, becoming someone else's puppet. Those drawings, images and photographs remain ours and alive long after the building disappears to us or to the world."¹⁵



concurso 007, pfa
trampolim, 2024
concurso 003, pfa
trampolim, 2023
concurso 007, pfa
trampolim, 2024
concurso 006, pfa
trampolim, 2024
concurso 006, pfa
trampolim, 2024

o problema é?

72 / 93

A criação não surge no nada. Parece-me incontestável dizer que como arquitetos não trabalhamos numa tela vazia, nem com páginas em branco. Será sempre necessário algo que desencadeie a criação e exploração arquitetônica. Talvez seja aqui que se encontre o ponto de rutura entre arte e arquitetura. Uma obra de arte não necessita de um problema para que exista, o mesmo não se pode afirmar da arquitetura. Esta surge em resposta a algo, tem um papel na sociedade e uma função. Necessita do lançar de uma questão para existir. As diversas condicionantes que constroem o problema (clientes, orçamentos, programas, contexto, regulamentos, etc.) definem apenas as regras do jogo, a diversão (por outras palavras, a verdadeira arquitetura) está na exploração dos seus limites, nas entre linhas.

"That is our real work, the message hidden between the lines, the 'second language with many meanings' that Koji Taki wrote about and that we keep trying to find. Providing a service is not what we signed up for, just a necessary means to an end, (...)."¹⁶

As condições a que nos propomos enquanto arquitetos são apenas os propulsores que permitem a descolagem rumo a uma arquitetura de possibilidades, onde o problema é apenas um pretexto para a exploração e criação arquitetônica.

¹⁶ magalhães, filipe. a song of ice and fire, optimism or bust, oase, (114) (2023) p.43



studio

john baldessari, 1988

hands framing new york harbor

john baldessari, 1971

toy ship alignment

john baldessari, 1971

two opponents (blue and yellow)

john baldessari, 2004

o cliente

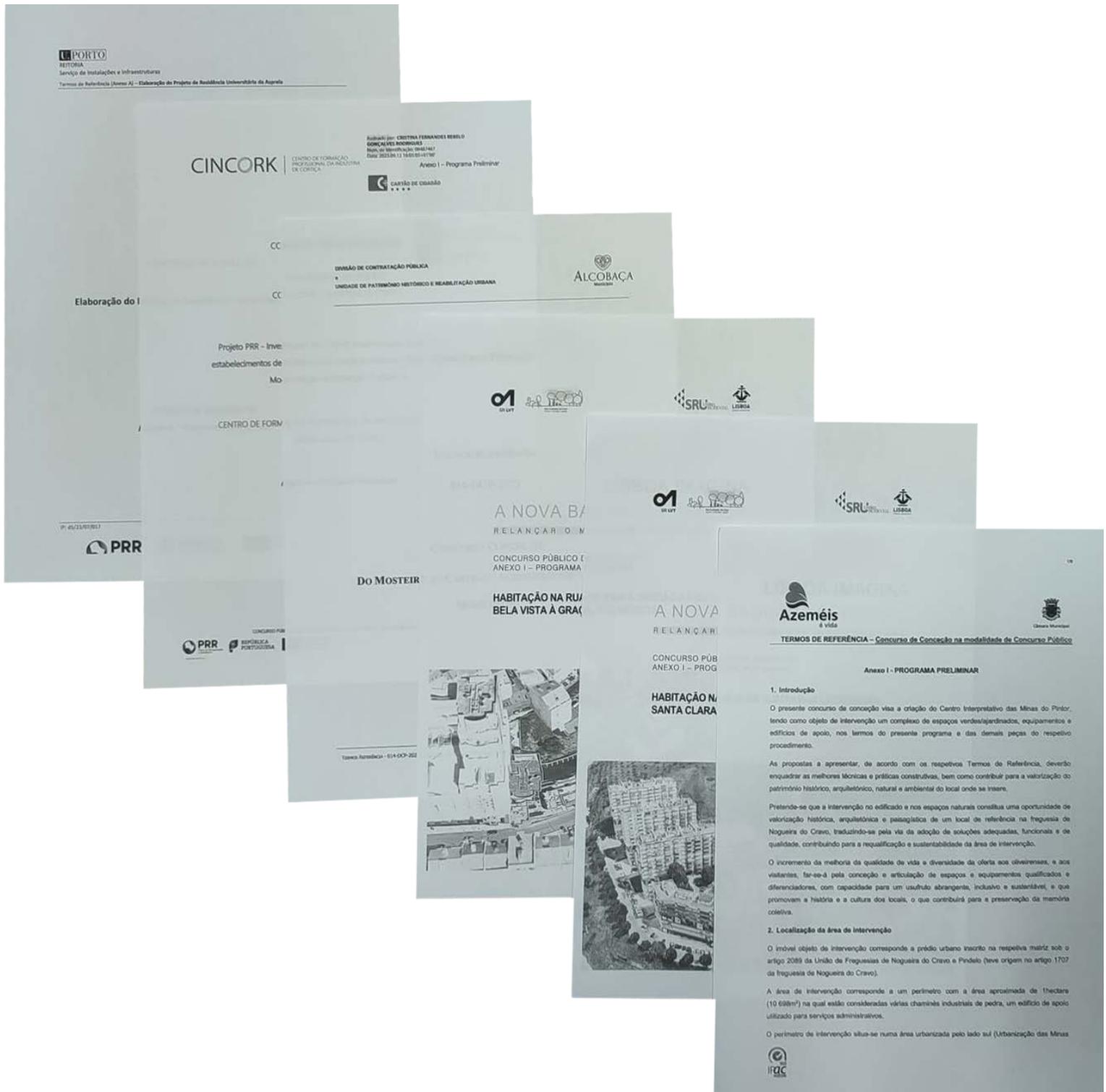
73 / 93

O cliente é quem lança o problema.

É quem traça os objetivos e consigo traz o orçamento, o programa e o calendário. Nos concursos esta é uma figura invisível, não tem cara, apenas lança os dados para o eu dar início ao pensamento arquitetônico. Existe assim, uma maior liberdade, porque deixa de ser uma condicionante à nossa criação. Contudo, este não se assume sempre como uma figura estática durante o processo. Normalmente, existe uma relação direta entre o eu e o cliente, fundamentada em trocas de informação, onde interesses são discutidos, estabelecendo uma base da qual se pode prosseguir. Este costuma já ter uma imagem feita do que quer, aos seus olhos a função do arquiteto é apenas o replicar dessa mesma imagem. Somos apenas prestadores de serviços para aqueles que nos procuram, "makers, not thinkers".¹⁷ Contudo, como arquitetos temos de ter a capacidade para compreender aquilo que o cliente pretende. Desta abertura, não significa que tenhamos de seguir cegamente as suas visões, mas antes encontrar espaço onde possamos explorar também aquilo que nos interessa. Segundo Kazuo Shinohara "Almost nothing of architectural importance is to be found in the array of numbers contained in the design brief provided by a client."¹⁸, usemos então o que o cliente traz como pretexto para aquilo que queremos alcançar enquanto arquitetos e autores.

¹⁷ magalhães, filipe. a song of ice and fire, optimism or bust, oase, (114) (2023) p.43

¹⁸ shinohara, kazu. the anatomy of house design. (1964)



programa preliminar concurso 001
 u.porto, 2023
 programa preliminar concurso 003
 cincork, 2023
 programa preliminar concurso 004
 câmara municipal alcobaça, 2023
 programa preliminar concurso 005
 oars, 2024
 programa preliminar concurso 006
 oars, 2024
 programa preliminar concurso 007
 câmara municipal azeméis, 2024

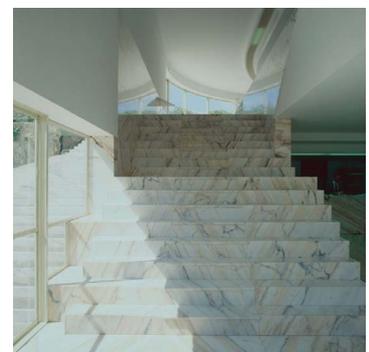
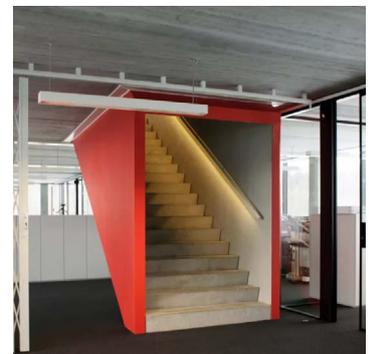
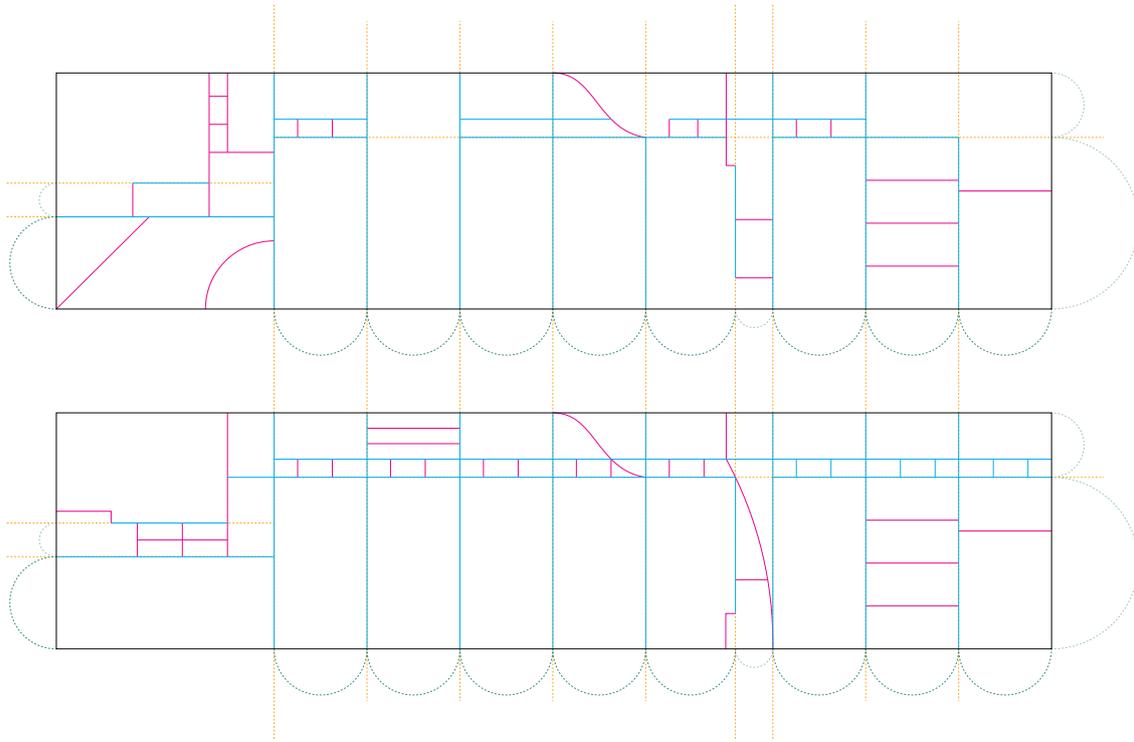
o programa

74 / 93

O programa define o que se pretende responder.

Todo o programa terá as suas especificidades e regras a seguir. O programa de uma casa será diferente de o de uma escola ou de um museu, até o de duas casas será distinto, variará em áreas, 'componentes', orçamentos, lugar, etc. Anexo ao programa virá um conjunto de regulamentos que enquanto autores teremos de respeitar. Estes podem estar associados ao lugar, como os planos diretores municipais onde de cidade para cidade existem novas regras pelas quais nos temos de reger. Outros relacionar-se-ão com as acessibilidades, segurança contra incêndios e dimensionamento dos espaços. Programas diferentes tendem a ter também as suas próprias regras, um café requer outro tipo de legislação que uma casa não requererá. Pode-se afirmar que cada programa é único, apresenta os seus próprios problemas, para os quais existe variadas e infinitas respostas. Este define as regras, mas é o eu que assume as rédeas. Aqui surge o início do pensamento arquitetónico, ainda que no começo de forma bruta e pouco articulada, que numa sucessão de etapas dará origem a um projeto, a uma resposta concreta a um problema.

O eu tem de ser capaz de se soltar das amarras do programa para conseguir realmente responder ao exercício da arquitetura e por sua vez fazer algo que reflita o seu eu enquanto autor.



traces

fala

101

fala, 2021

house in hanakoganei

toyo ito, 1983

villa voka

kgdvs, 2010

casa do monte

banchini zamarbide, 2019

banco borges irmão

siza vieira, 1986

o programa

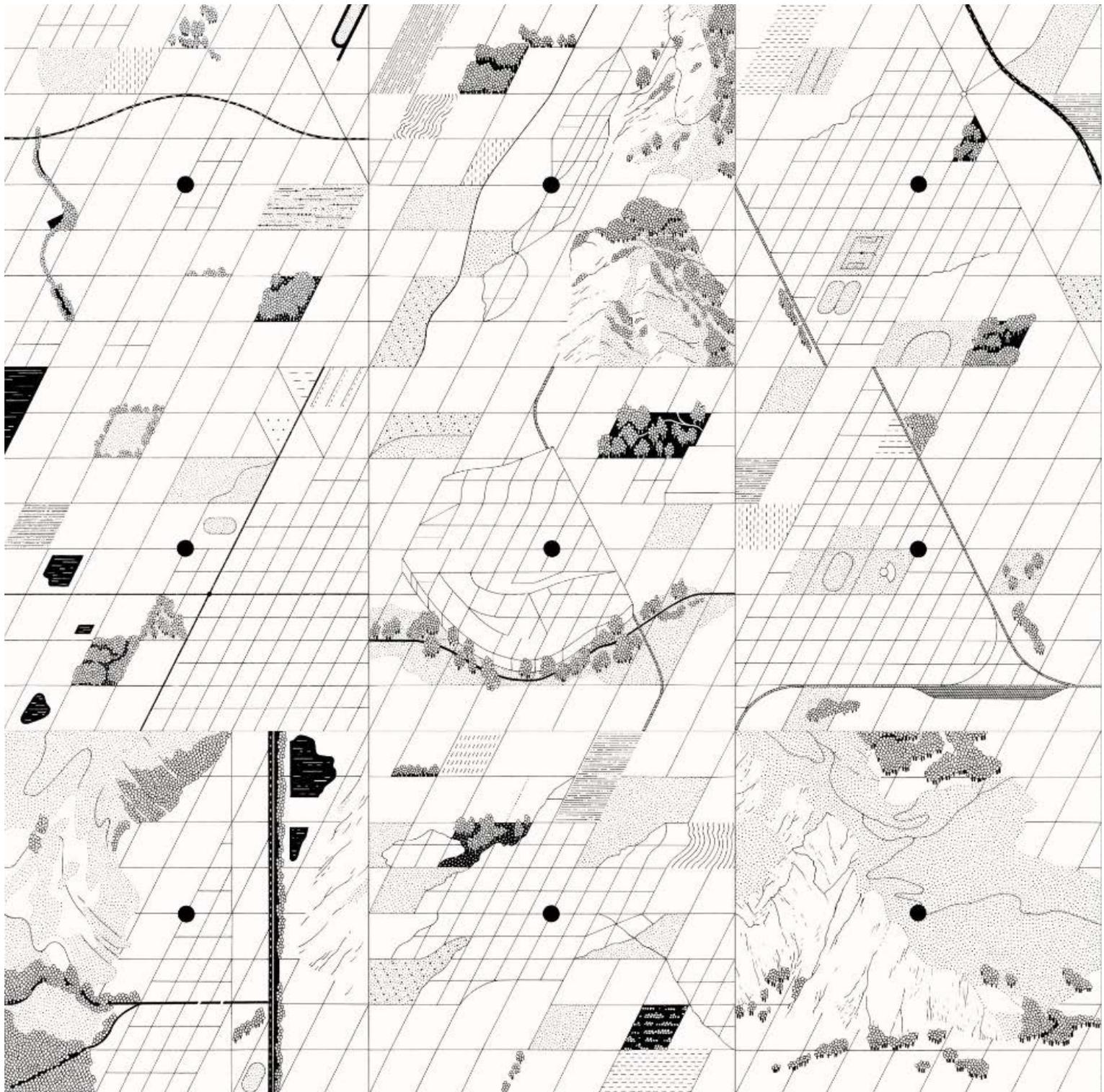
75 / 93

Como foi referido anteriormente o exercício da arquitetura não é a simples resposta às condicionantes impostas pelo problema, pelo cliente ou pelo programa. A arquitetura enquanto arte surge nas entrelinhas. Está na beleza de como cosemos as intenções e os vários conceitos numa única peça. Encontra-se no desenho de uma planta onde no meio de regras surge a exceção e nos sistemas que a compõem outros se sobrepõem. Está na coluna que ultrapassa a sua função estrutural e que se torna compositiva, onde a sua própria existência é um manifesto. Encontra-se nas mil e umas maneiras de desenhar uma escada, na cor escolhida para uma parede ou na porta que ultrapassou as suas normas e virou uma janela. Está na adição de elementos e significados, porque "less is a bore" e "both-and" é melhor do que "either-or".¹⁹ Talvez a verdadeira arquitetura seja aquela que não nos foi pedida, mas que surge em resposta às questões aborrecidas do dia-a-dia.

¹⁹ venturi, robert. complexity and contradiction in architecture. (1977) p.16

²⁰ magalhães, filipe. a song of ice and fire, optimism or bust, oase, (114) (2023) p.43

"A good plan, a certain conflicting system, rules and exceptions that we can later proudly explain, represent a second language concealed inside the apparently pragmatic and cheap responses we provide to the questions asked by the clients, municipalities and contractors. It is indeed an architecture that was not asked for, but blooms anyway, due to their indifference and lack of attention."²⁰



carte,
eva le roi, 2022

o contexto

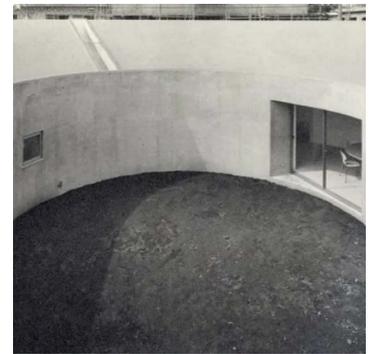
76 / 93

Na nossa tela de trabalho existem linhas e condições pré-existent. Existe um lugar e um contexto com o qual temos de lidar. As suas condicionantes vão desde a sua topografia, geografia, contexto sociocultural a elementos dos quais não podemos remover. São vários os fatores que definem um lugar e que terão impacto na criação arquitetónica. Construir numa zona rural será diferente de uma zona urbana, projetar uma casa no Alentejo terá outro tipo de condicionantes que projetar uma casa nos alpes suíços. Nenhum sítio será igual ao outro, seja pelas condições associadas ao seu contexto geográfico ou pelas características do lugar em si (topografia, dimensões, enquadramento, materialidade, etc). Após assimilar a sua tela de trabalho, o eu terá de decidir como reagir ao seu meio: integrar ou rejeitar, construir um projeto que nasce do contexto ou construir um templo.²¹

²¹ breitschmid, markus. the significance of the idea. (2008) "as the opposite of contextual architecture, there is architecture that is derived from a basic typology, like ancient temples or old christian churches." p.31

²² breitschmid, markus. the significance of the idea. (2008) p.29

"(...) if, you make a contextual building, then you react to the context. That reaction to the context can focus on the topography of the place where one designs a building, or it can focus on the stylistic features of the urban characteristics of the place. (...) In the contextualist approach, the architect designs by reacting to the environment with the dimensions of the building, perhaps with the geometry, or with something else that he identifies as being an important link between what is already there, and how those characteristics that are already present are going to influence his building."²²



casa de chá da boa nova
siza vieira, 1958
white u
toyo ito, 1976

o contexto

O projeto da Casa de Chá da Boa Nova, realizado por Siza Vieira, é exemplo de uma abordagem de incorporação no lugar e no contexto. O projeto encontra-se encrostado nas rochas e os limites entre a paisagem e a construção são delineados com tamanha delicadeza e consideração pelo sítio, que parece que aquela topografia rochosa foi desenhada com o propósito de receber o projeto. Também a construção circundante foi tida em consideração, nomeadamente a igreja que se encontra nas mediações, onde o projeto mantém-se rasteiro às rochas, evitando colidir dimensionalmente com esta estrutura pré-existente. No seu interior o telhado cai em direção ao mar enquadrando a vista para este plano azul. Todo o projeto demonstra uma total compreensão e sensibilidade de Siza perante o contexto, recebendo-o de braços abertos.

Num meio distinto, onde a natureza dá lugar à cidade, temos uma abordagem também ela contrastante face a este primeiro exemplo. Viajemos até Tóquio de 1976, aquando da finalização da casa denominada por White U, projetada por Toyo Ito, para a sua irmã, que acabara de ficar viúva. O princípio da casa passa por promover o contacto entre os seus habitantes, onde a sua presença é projetada pelas paredes. Ito cria um mundo isolado do exterior, desenhando a casa em torno de um bocado de terra, que tornar-se-ia num jardim. A casa abre-se para este espaço, fortificando-se do mundo externo. À cidade Ito apenas oferece as costas cegas da sua obra, assumindo uma posição de rutura face ao seu contexto.



a garden, a stick and a hat
inês + joão, 2021

o contexto

²³ enunciado do exercício realizado no 1º semestre do 2º ano, cujo objetivo era desenvolver uma casa com base no perfil do cliente e com a única condição de caber dentro de um cubo de 9x9x9m.

²⁴ shinohara, kazu. the anatomy of house design. (1964) "(...) the design of a house should be based on an armature of ideas independent of the shape and environment of the site."

Contudo, até um edifício que escolhe ignorar a sua envolvente acaba por também reagir ao seu meio, ignorar é uma escolha, é uma reação. Outras condições como o clima, tornam-se impossíveis de não responder, terão sempre um impacto na criação arquitetónica. Por isso, por mais que ignoremos o contexto, a sua envolvente, moldemos a sua topografia à nossa vontade, irá sempre haver uma ou outra condição do lugar que necessitara uma resposta com base nas suas características específicas. Talvez por isso, todos os edifícios, sejam na realidade contextuais.

Supõem-se, portanto, que a única forma de um projeto não responder a um contexto é não o ter. Um projeto que nasce sem lugar, de simples problemas e condicionantes, como a projeção de uma casa que parte unicamente dos seguintes parâmetros: "cliente: um arquiteto que já foi matemático, programa: uma casa que tem de caber num cubo de 9mx9mx9m". Um exercício cuja ideia ou conceito se sobrepõem a tudo o resto.²³ Talvez a lição de maior valor e importância seja que independentemente das condições arbitrárias do lugar, o arquiteto está obrigado a fazer um bom projeto, o lugar e o seu contexto não são desculpas para a qualidade da criação arquitetónica.²⁴

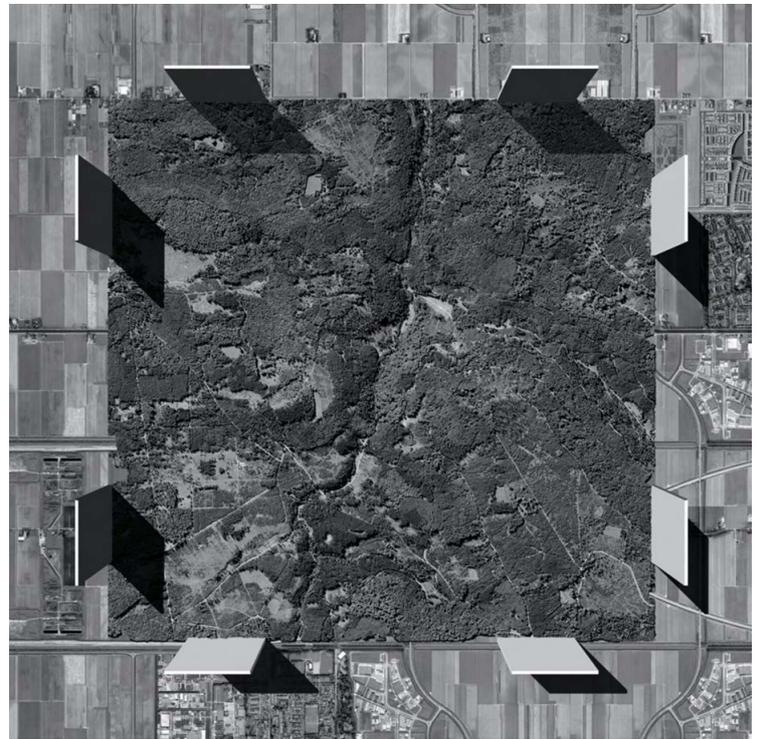
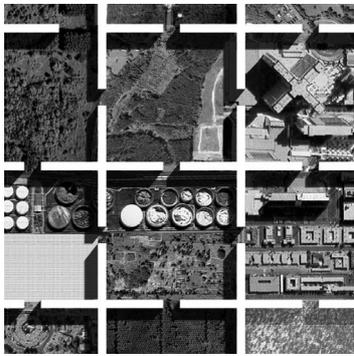
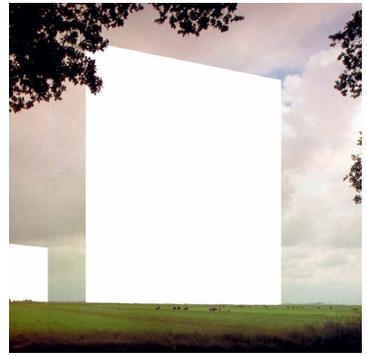
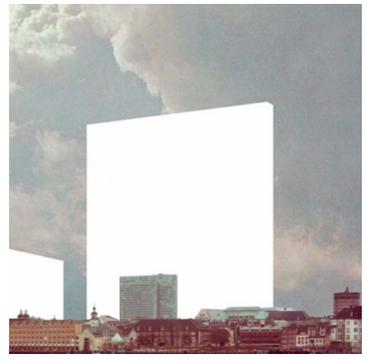
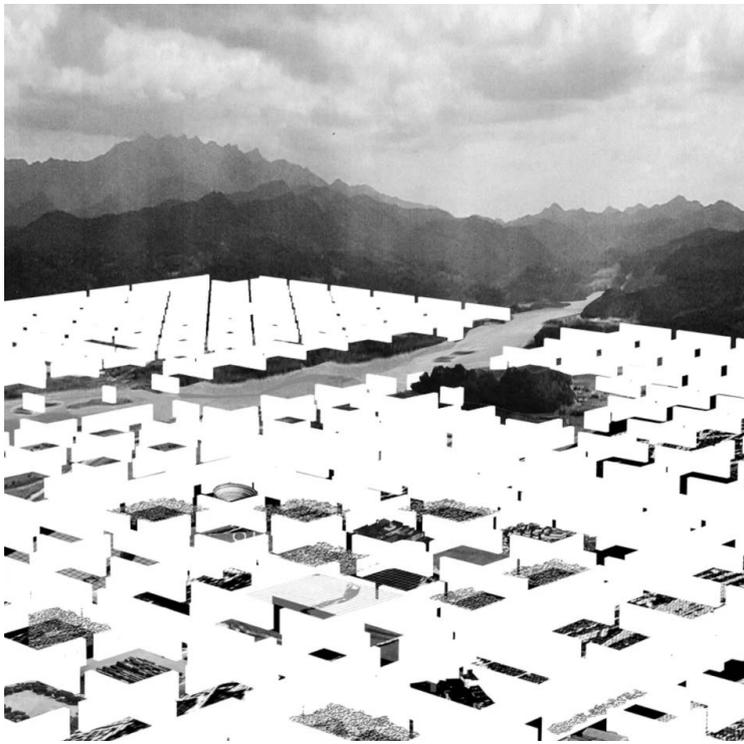


ação-reação
workshop manifesta, iscte, 2024

ação-reação

Após o lançar do problema, o eu começa a formular uma resposta. Esta primeira reação é algo pouco pensada, quase instintiva. Uma reação brusca ao problema que se encontra em cima da mesa. A sua base está fundamentada no eu, no core das suas memórias. Desta primeira reação o caminho para chegar a uma resposta começa a ganhar definição no meio de inúmeras possibilidades, e do nosso livro pessoal de referências imagens ajudam a fundamentar futuras intenções. É aqui na génese da resposta, após uma primeira reação intuitiva e irrefletida, que a imaginação continua a delimitação do percurso em busca de algo concreto e objetivo. Este momento entre a leitura do problema e o início do projeto, é onde o eu aparece na sua forma mais bruta, mais pura, ainda sem as amarras das condicionantes. Estas aparecem quando a imaginação começa a desenhar linhas, a adaptar referências e a formar imagens, numa transição para a definição de uma ideia ou conceito do qual o projeto vai crescer.

Ação-reação é um jogo de cartas criado em conjunto com mais quatro colegas no âmbito do workshop 'manifesta'. O baralho é composto por 52 cartas, nas quais imagens e breves frases as preenchem. O objetivo é associarmos a cada carta uma imagem ou frase que nos faça sentido. É um jogo de associação, que vive da reação e da individualidade de cada eu. Não tendo instruções somos livres de criar as nossas próprias regras.



a grammar for the city
kgdvs + dogma, 2005
stop city
dogma, 2007

a intenção

80 / 93

A intenção serve de alicerces à construção de um projeto. Surge da reação ao problema e encontra-se enraizada no eu, nos seus interesses e desejos. Este é um passo fundamental na procura por uma resposta arquitetónica, é aqui que se encontram as justificações para um futuro projeto. É o fundamentar e delimitar de um caminho, que iremos seguir no meio de outros tantos. A intenção é a vontade do eu em construir algo que ainda não foi concebido, com base na realidade, ou seja, é reorganizar de um vocabulário pré-existente na busca por novas frases. Enquanto arquitetos não inventamos nada, apenas transformamos a realidade.²⁵

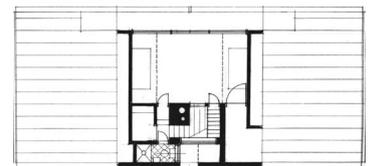
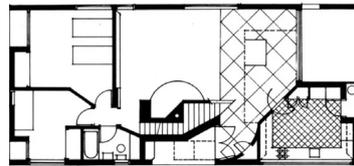
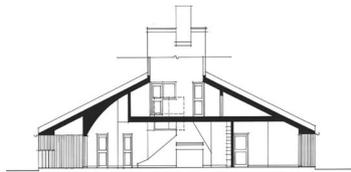
"Reality is what is there, while intentionality continually seems to want to produce—based on reality—what is not there yet, what still remains to be conceived, idealised, projected and perhaps even simply 'born'."²⁶

Um bom projeto será aquele que é intencional,²⁷ que se rege por uma ideia ou conceito que na sua génese contém uma intenção fabricada por um eu. Sem a intenção o projeto carecerá de sentido, pondo em causa a sua existência e a sua qualidade enquanto obra artística, que sem sentido ou razão para existir, nunca poderá atingir o patamar da arte.

²⁵ siza, álvaro. "os arquitetos não inventam nada, apenas transformam a realidade."

²⁶ geers, kersten. intentions, inventions, what is good architecture?, oase, (90) (2013) p.15

²⁷ geers, kersten. intentions, inventions, what is good architecture?, oase, (90)(2013) "good architecture is intentional." p.15



vanna venturi house
robert venturi, 1964

o conceito

81 / 93

Da intenção nasce o conceito, construído por várias ideias, que necessita de "personagens conceptuais que contribuam para a sua definição".²⁸ O próprio do conceito é tornar as suas componentes distintas e heterogêneas inseparáveis dentro de si, fundamental para que este seja lido como um todo. Surgindo em resposta a um problema, podemos dizer que o conceito é criado, feito por um eu.

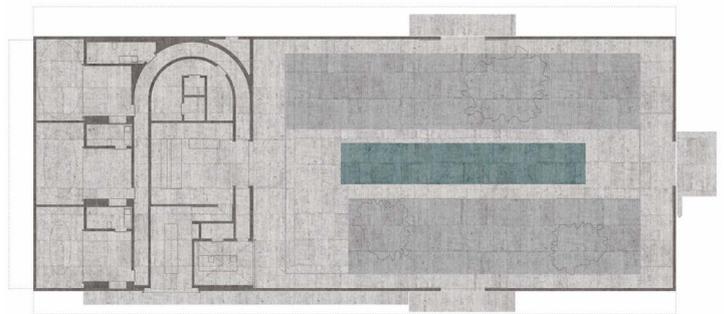
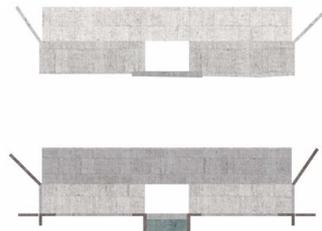
"Os conceitos não esperam por nós já feitos, como corpos celestes. Não há céu para conceitos. Têm de ser inventados, fabricados, ou melhor, criados e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam."²⁹

O projeto de Robert Venturi para sua mãe, a Vanna Venturi House, é um reflexo de uma arquitetura composta por várias ideias ou componentes que juntas respondem e definem um todo. O edifício espelha a visão de Venturi face a uma arquitetura que reconheça a complexidade e contradição – "it is both complex and simple, open and closed, big and little".³⁰ Um projeto que alcança a difícil unidade das partes e cuja sua fachada, nas suas combinações convencionais de porta, janelas, chaminé e empena, cria uma imagem simbólica de uma casa. O projeto demorou seis anos a ser concebido, tendo passado por várias alterações. Também o conceito ao contrário de uma ideia fixa, se encontra em desenvolvimento e construção durante a elaboração do projeto, apenas fica consolidado no fim deste.

²⁸ deleuze, gilles; guattari, félix. o que é a filosofia? (1992) p.10

²⁹ deleuze, gilles; guattari, félix. o que é a filosofia? (1992) p.12

³⁰ venturi, robert. complexity and contradiction in architecture. (1977) p.118



villa além
valerio olgiati, 2014

a ideia

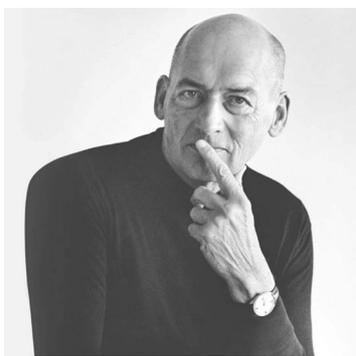
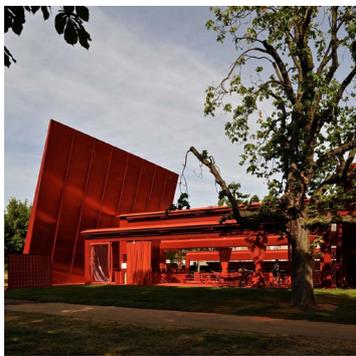
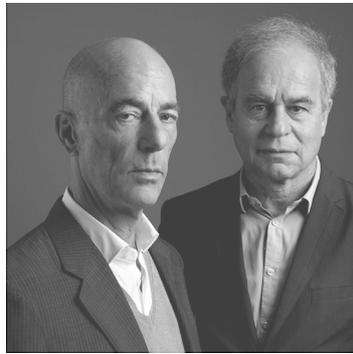
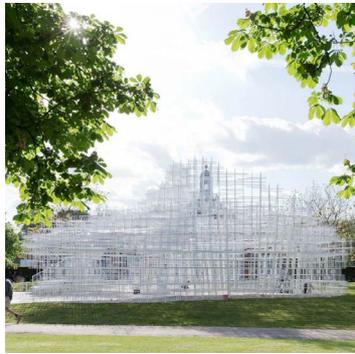
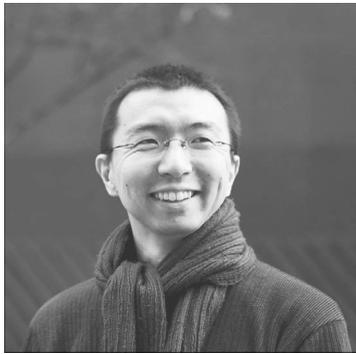
82 / 93

Ao contrário do conceito, a ideia consiste em guiar todo o projeto com apenas uma componente, uma única intenção, à qual o projeto responde como um todo. Distingue-se do conceito pela sua incapacidade de adição ou mudança durante o processo. A alteração da ideia necessitaria a reformulação de todo o projeto, uma vez que esta define o seu caminho e as suas regras. A obra do arquiteto Valerio Olgiati é exemplo de uma arquitetura que nasce de uma única ideia.

"The idea is not changing once it is defined, short of the situation where it turns out that it cannot work or the result does not function to my linking. (...) The idea empowers me to make decisions. Without an idea for a building, I would think about something different each morning when I wake up. It is impossible to design a project like that. The idea is the actual presupposition that allows for me to work on a project not only in a consistently manner but work on a project at all."³¹

Um exemplo concreto, é a sua casa no Alentejo, a Villa Além, que nasce apenas de uma intenção, uma ideia que rege todo o projeto: um jardim isolado, no meio de uma paisagem árida, como se tratasse de um oásis num meio de um deserto, protegido com paredes com cinco metros de altura que abrem o jardim para o céu. A casa em si é invisível, secundária, desenvolve-se num único piso por detrás de uma das paredes circundantes, existindo apenas por necessidade.

³¹ breitschmid, markus. the significance of the idea. (2008) p.43

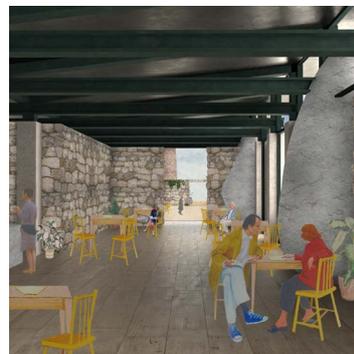


- serpentine pavilion 2019
- junya ishigami
- serpentine pavilion 2014
- smiljan radic
- serpentine pavilion 2013
- sou fujimoto
- serpentine pavilion 2012
- herzog & de meuron
- serpentine pavilion 2010
- jean nouvel
- serpentine pavilion 2009
- sanaa
- serpentine pavilion 2006
- rem koolhaas
- serpentine pavilion 2005
- siza vieira e souto de moura

a resposta é?

Independentemente se a nossa arquitetura nasce de várias componentes ou de uma única ideia ou intenção, por detrás de qualquer processo ou método existe sempre um eu, a partir do qual se desenvolverá uma resposta única ao problema. Para exaltar a importância do papel desta figura na criação e exploração arquitetónica, seguem-se dois casos distintos, onde a única variável na equação da criação é o eu, tudo o resto é uma constante.

No primeiro caso, temos o Serpentine Pavillion, um evento anual cujo princípio passa por convidar um arquiteto reconhecido, que ainda não tenha projetado em Inglaterra, para desenhar um 'pavilion'. O programa é sempre o mesmo: seis meses para o desenvolver no Hyde Park em Londres, junto à Serpentine Gallery. Após concluído, o projeto é acessível durante todo o verão ao público, até ser posteriormente desmantelado. O programa aliado à janela temporal para o projetar reúne as condições ideais para a exploração arquitetónica por parte do autor, em que fazer arquitetura é o grande objetivo. Tendo em conta que o programa é uma constante, a única variável é o arquiteto convidado. Este torna-se o centro das atenções, é tão importante quanto a sua criação. Esta é tendencialmente um reflexo da sua obra, da sua visão enquanto arquiteto e por sua vez do seu eu. No Serpentine Pavilion a resposta acaba por ser a 'marca de água' do arquiteto, é o exaltar deste perante o problema e o resultado é um catálogo de variadas respostas que refletem cada autor.



concurso 007, pfa
4 propostas, trampolim, 2024

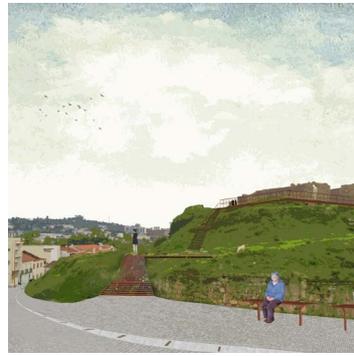
a resposta é?

No segundo caso, temos os concursos públicos, onde vários arquitetos e por sua vez vários eus, tentam responder ao problema proposto. Um desafio muito mais complexo, tendo em conta os programas que surgem neste tipo de competições. Também aqui, existem várias visões e por consequência um catálogo feito de projetos distintos. Isto acontece porque cada eu terá questões, vontades e inquietações próprias, que o irão guiar rumo a uma resposta específica que surgirá apenas de si.

Aqui no plano dos concursos, o autor torna-se numa figura secundária, invisível para quem avalia as propostas. Em primeiro plano, aquilo que será alvo da atenção do painel de jurados será sempre apenas os projetos submetidos. Por um lado, estas propostas são também o reflexo de cada autor.

No entanto, em contraste com o Serpentine Pavilion esse não é o ponto de interesse. O arquiteto é apenas uma personagem secundária, face à sua criação e ao problema. Aqui, o interesse será sempre direcionado para a solução e nunca para o arquiteto. Pelo menos num primeiro momento.

Talvez por isso, os concursos sejam o expoente máximo da experimentação arquitetónica, pois cria as condições ideais à exploração por parte de cada eu, permitindo que a sua proposta, face a determinado problema, exponha aquilo que defende e acredita enquanto autor.



concurso 001, pfa
trampolim, 2023
concurso 002, pfa
trampolim, 2023
concurso 003, pfa
trampolim, 2023
concurso 004, pfa
trampolim, 2023
concurso 005, pfa
trampolim, 2024
concurso 006, pfa
trampolim, 2024
concurso 007, pfa
trampolim, 2024
the last jump, pfa
trampolim, 2024

ad astra per aspera

85 / 93

Com este estudo, não pretendi dar uma resposta há pergunta 'como se faz arquitetura?' mas antes refletir sobre os fatores por de trás do processo que a tornam única e diversa. O eu é a figura que se exalta desta breve reflexão, é a peça chave da criação e exploração arquitetónica, o projeto vive das suas vontades, questões, inquietações e do seu passado. Este é o fator fundamental da construção do eu. O passado é a única verdade num mundo de incertezas. Contudo, para se fazer arquitetura é necessário o levantar de um problema para o qual se gerará uma reação por parte do eu, com base em todas as experiências e memórias que até momento guardou. No fim, aquilo que o eu encapsula, dará origem a um projeto concreto, a um edifício que também irá servir de referência ao outro, tal como a nós acontece. É um ciclo, uma bola de neve sem fim. O eu influencia o outro e o outro influencia o eu. Vivemos num 'loop', esta é a condição necessária à nossa existência, que faz de nós seres únicos, mas em infinita construção. É o que torna possível, que para cada problema exista uma constelação de possíveis soluções, onde a sua qualidade dependerá apenas de nós.

"Whether or not the clients understand, whether or not the carpenters are excellent, all the good and bad aspects of house designs should reflect the good and bad aspects of the architects themselves."³²

³² shinohara, kazu. the anatomy of house design. (1964)

Este ensaio assentou num somatório de influências e sucessões de eventos, que aconteceram até ao último ponto final e que começaram muito antes de a palavra arquitetura ter para mim qualquer significado.

Começou num passado e termina num presente que já não o é.

Deste caminho que não segue uma linha reta, as perguntas que teimam em não ter resposta, cultivaram em mim uma vontade de encontrar algo concreto no meio das inúmeras incertezas das quais a arquitetura se constrói. Quis definir uma base da qual pudesse refletir sobre a ação de fazer arquitetura e sobre a essência desta disciplina, que por vezes é considerada um serviço e outras uma arte.

Aquilo que começou como um título vago e da simples vontade de refletir sobre as inúmeras respostas que existe a um problema, foi ganhando dimensão e da premissa 'o programa é apenas um pretexto para experimentação arquitetónica', um fio condutor começou a coser conceitos e a ganhar contornos, criando uma estrutura na qual o eu e o outro se juntam ao problema, construindo a equação da criação que estava a desenhar sem ainda o saber, fundamentando o mote inicial.

Desta fórmula, o eu surge como uma figura extensa que se expande e se vai construindo, o resultado de uma multitude de acontecimentos irreplicáveis, no qual a memória aparece como a génese inconsciente da criação. O eu, apropria-se de um passado para conceber algo novo. Utiliza um vocabulário e uma gramática pré-existente na procura por novas frases e significados, do qual espera que resulte uma obra que reflita aquilo que defende e acredita enquanto autor. Uma arquitetura intencional que brota do eu e tudo o que este encapsula, que nasce de todas as trocas e influências que o eu estabeleceu com o outro, num ciclo contínuo e infinito.

De forma fundamentada, construo a minha visão sobre a condição da arquitetura, defendendo que o problema deve ser visto como um pretexto para explorar aquilo que nos interessa enquanto autores, onde a verdadeira arquitetura, aquela que almeja o estatuto de arte e que ultrapassa o problema, se encontra nas entrelinhas, porque um pilar não tem de se resignar à sua função estrutural e para o desenho de uma escada existe um leque de variadíssimas opções.

No meio das incertezas, concluíse que a condição necessária à nossa singularidade e volatilidade, é o que torna possível que para cada problema exista uma arquitetura feita de possibilidades, onde nenhuma resposta será igual à outra, pois o eu também não o será.



past lives
celine song, 2023

Breitschmid, Markus. Significance of the idea in the architecture of Valerio Olgiati. Suíça: Niggli, 2008.

Nogueira, Bruno. Aqui dentro faz muito barulho. Portugal: Dom Quixote, 2023.

Zumthor, Peter., Oberli-Turner, Maureen. Thinking architecture. Alemanha: Lars Müller, 1998.

Deleuze, Gilles., Guattari, Félix. O que é a filosofia?. Portugal: Presença, 1992.

Olgiati, Valerio., Breitschmid, Markus. Non-referential Architecture. Alemanha: Simonett & Baer, 2018.

Geers, Kersten. Intentions, Inventions. What is Good Architecture?, OASE, (90), 2013.

disponível em <https://www.oasejournal.nl/en/Issues/90/IntentionsInventions>

Venturi, Robert. Complexity and Contradiction in Architecture. Museum of Modern Art, 1977.

Shinohara, Kazuo. "the autonomy of house design"(kenchiku, 1964) in "an anatomy of influence", 2018.

Magalhães, Filipe. A Song of Ice and Fire. Optimism or bust, OASE, (114), 2023.

Taki, Koji. Searching for the Language of a House. House Of Architecture, 2020.

Silva, Ana Catarina. EP.24 Denise Scott Brown (USA). Arquitetura Entre Vistas ABROAD, 2024. Spotify.

disponível em <https://open.spotify.com/episode/4H1V7LRM5TExuZ4Xqj62E?si=IVWjqoV7Tf2SpLSNwoQb4w>

episode/4H1V7LRM5TExuZ4Xqj62E?si=IVWjqoV7Tf2SpLSNwoQb4w

Silva, Ana Catarina. EP.16 aoa (KR). Arquitetura Entre Vistas ABROAD, 2024. Spotify.

disponível em <https://open.spotify.com/episode/718kKycpQXoXrJz38alU7H?si=684629b448df4718>

episode/718kKycpQXoXrJz38alU7H?si=684629b448df4718

Silva, Ana Catarina. EP.06 Jo Tailieu Architecten (BE). Arquitetura Entre Vistas ABROAD, 2024. Spotify.

disponível em <https://open.spotify.com/episode/5aHJdxap2oKSLaK88styDZ?si=n9leGCJiQkCr9OWEUWDxRw>

episode/5aHJdxap2oKSLaK88styDZ?si=n9leGCJiQkCr9OWEUWDxRw

A. Chakeres, John. Space shuttle discovery lifts off, 1984
disponível em <https://www.nationalgeographic.com/science/article/rockets-and-rocket-launches-explained>
página 64

Linklater, Richard. frames de Boyhood: Momentos de Uma Vida, 2014 (editadas)
página 65

Tavares, Ivo. fala 079, 2020
disponível em <https://falaatelier.com/079/credit:ivo-tavares>
página 66

Zamorano, Montse. La maquina de habitar de Le Corbusier: Villa Savoye.
disponível em <https://www.metalocus.es/es/noticias/villa-savoye-maquina-de-habitar-de-le-corbusier>
página 66

Koreng, Ansgar. Neue Wache Berlin-Mitte by Karl Fiedrich Schinkel, 2015
disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:150419_Neue_Wache_Berlin-Mitte_HDR.jpg
página 66

Montês, Inês. casa-atelier, desenhos 2D. studio José Neves, ISCTE, 2022
página 67

Coppola, Sofia. frame de Lost in Translation, 2003 (editada)
página 68

Overmeer, Erica. Brandlhuber, Terrassenhaus Berlim, 2018
disponível em <https://arquitecturaviva.com/works/terrassenhaus-berlin>
página 68

Von Becker, David. Brandlhuber, Terrassenhaus Berlim, 2018
disponível em <https://archplus.net/en/archplus-features-78-terrassenhaus-berlin/>
página 68

Arai, Masao. Itsuko Hasegawa: Selected and Current Works 1976-1996, The Master Architect Series II', Mulgrave: Images Publishing Group, 1997
disponível em <https://ofhouses.com/post/732307490919858176/1088-itsuko-hasegawa-house-in-nerima>
página 69

Markli, Peter. 2116 pencil on paper drawing from Betts Project, 2014
página 69

Ascensão, Francisco. fala 097, 2021
disponível em <https://falaatelier.com/097>
página 69

fala 102, 2022
disponível em <https://falaatelier.com/102>
página 69

Chiaromonte, Giovanni. Álvaro Siza, Bonjour Tristesse, 1983
disponível em <https://www.daidalos.org/en/articles/falameetssiza/>
página 69

Osamu, Murai. Kazuo Shinohara, House in White, 1966

página 69

Martinho, Frederico. fala 079.

disponível em <https://www.daidalos.org/en/articles/falameetsiza/>

página 69

fala. 059, 2018

disponível em <https://falaatelier.com/059>

página 69

Dujardin, Filip. advvt, 036 twiggy, 2012

disponível em <https://jotailieu.com/projects/twiggy/>

página 70

a+u: architecture and urbanism 561: architecten de vylder vinck taillieu. a+u Publishing Co, 2017

página 70

Taki, Koji. Searching for the Language of a House. House Of Architecture, 2020.

página 71

Baldessari, John. Studio. 1988

página 73

Baldessari, John. Hands Framing New York Harbor. 1971

disponível em <https://www.moma.org/collection/works/176313>

página 73

Baldessari, John. Toy Ship Alignment. 1971

disponível em <https://www.moma.org/collection/works/176315>

página 73

Baldessari, John. Two Opponents (blue and yellow). 2004

página 73

fala. traces

página 75

fala. 101, 2021

disponível em <https://falaatelier.com/101>

página 75

Ohashi, Tomio. 'Shinkenchiku'. 12/1983

disponível em <https://ofhouses.com/post/742458153405464576/1121-toyo-ito-house-in-hanakoganei>

página 75

Princen, Bas. kgdvs, villa voka, 2011

disponível em <https://officekgdvs.com/projects/61>

página 75

Banchini, Leopold. casa do monte, 2019

disponível em <https://afasiaarchzine.com/2019/05/banchini-zamarbide-2/>

página 75

Siza, Álvaro. View of interior stairs of Banco Borges & Irmão II.
disponível em <https://www.cca.qc.ca/en/search/details/collection/object/496626>
página 75

Le Roi, Eva. Carte Doucerain Lièvre Delziani Architectes, 2022
disponível em <http://eva-le-roi.com/project/carte>
página 76

Mucciola, Maurizio. Álvaro Siza, Casa de Chá Boa Nova, 2008
página 77

Taki, Koji. Toyo Ito, White U, 1976
disponível em <https://archeyes.com/white-house-u-toyo-ito/>
página 77

Montês, Inês., Baptista, João. a garden, a stick and a hat. studio fala, ISCTE, 2021
página 78

Workshop Manifesta. Ação-Reação, ISCTE, 2024
página 79

El Croquis: 185. OFFICE Kersten Geers David Van Severen, 2003-2016. El Croquis, 2016
página 80

El Croquis: 208. Dogma, 2002-2021. El Croquis, 2021
página 80

Venturi, Robert. Complexity and Contradiction in Architecture. Museum of Modern Art, 1977.
página 81

a+u: architecture and urbanism 601: Valerio Olgiati - Non-Referential Architecture. a+u Publishing Co, 2020
página 82

Baan, Iwan. Serpentine Gallery Pavilion 2019, designed by Junya Ishigami, 2019
disponível em <https://www.dezeen.com/2019/06/18/serpentine-pavilion-2019-junya-ishigami-slate-mountain/>
página 83

Baan, Iwan. Serpentine Gallery Pavilion 2014, designed by Smiljan Radic, 2014
disponível em <https://www.serpentinegalleries.org/whats-on/serpentine-galleries-pavilion-2014-smiljan-radic/>
página 83

Baan, Iwan. Serpentine Gallery Pavilion 2013, designed by Sou Fujimoto, 2013
disponível em <https://www.serpentinegalleries.org/whats-on/serpentine-gallery-pavilion-2013-sou-fujimoto/>
página 83

Baan, Iwan. Serpentine Gallery Pavilion 2012, designed by Herzog & de Meuron and Ai Weiwei, 2012
disponível em <https://www.serpentinegalleries.org/whats-on/serpentine-gallery-pavilion-2012-herzog-de-meuron-and-ai-weiwei/>
página 83

Nouvel, Jean. The Red Sun Pavilion, 2010

disponível em <https://www.jeannouvel.com/en/projects/serpentine-gallery-le-pavillon-du-soleil-rouge/>
página 83

Guttridge, Nick. Serpentine Gallery Pavilion 2009 designed by Kazuyo Sejima and Ryue Nishizawa of SANAA, 2009

disponível em <https://www.serpentinegalleries.org/whats-on/serpentine-gallery-pavilion-2009-kazuyo-sejima-ryue-nishizawa-sanaa-0/>
página 83

OMA. Serpentine Gallery Pavilion, 2006

disponível em <https://www.oma.com/projects/serpentine-gallery-pavilion>
página 83

Malagamba, Duccio. Serpentine Gallery Pavilion 2005 designed by Eduardo Souto de Moura, Cecil Balmond, Álvaro Siza Vieira, 2005

disponível em <https://divisare.com/projects/288650-eduardo-souto-de-moura-cecil-balmond-alvaro-siza-vieira-duccio-malagamba-serpentine-pavilion-2005>
página 83

Dezeen. Junya Ishigami, 2023 (editada)

disponível em <https://www.dezeen.com/2023/10/24/junya-ishigami-interview/>
página 83

Suzuki, Hisao. Smiljan Radic Portrait, 2014 (editada)

disponível em <https://www.serpentinegalleries.org/whats-on/serpentine-galleries-pavilion-2014-smiljan-radic/>
página 83

Vintiner, David. Sou Fujimoto. (editada)

disponível em <http://2015.chicagoarchitecturebiennial.org/exhibition/participants/sou-fujimoto-architects/>
página 83

Grob, Marco. Herzog & de Meuron, 2011 (editada)

página 83

Ohmeyer, Christopher. Jean Nouvel 2009 Vienna, 2009

página 83

Okamoto, Takashi. Ryue Nishizawa and Kazuyo Sejima, SANAA (editada)

página 83

Design For Life. Siza Vieira e Souto de Moura juntos em exposição no Museu de Arte Popular. (editada)

página 83

Trapolim. quatro propostas produzidas em studio, concurso 007, 2024

página 84

Trapolim. propostas em que a autora participou, vários concursos, 2023-2024

página 67, 72, 84, 85

Song, Celine. frame de Past Lives, 2023

página 88

